

Orientação

AGRADECIMENTOS

Com o término desta fase crucial, é fundamental dirigir alguns agradecimentos, às pessoas que fizeram parte deste trajeto e que contribuíram de maneiras diferentes para o culminar deste capítulo.

Em primeiro lugar, agradecer aos meus orientadores Professora Maria José Araújo e Professor Amândio Barros, que prontamente aceitaram fazer parte deste trabalho sob orientação. Por me terem acompanhado no decorrer deste percurso e pelas palavras de incentivo.

Aos professores e colegas do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, que de diferentes maneiras contribuíram para o meu enriquecimento ao longo desta caminhada.

À Carolina Mendes do Stay To Talk – Instituto de Imersão Cultural. A Carolina esteve nesta caminhada, desde o princípio e sempre viu este projeto com bons olhos, abraçando-o com o maior entusiasmo.

Aos meus pais e irmão, eles que são o pilar da minha vida e a minha inspiração. Sem eles, com certeza não teria alcançado tudo o que consegui até agora. Um agradecimento é muito pouco.

À minha madrinha e à minha tia Maria José, que sempre estiveram presentes e por sempre acreditarem em mim.

Ao Pedro, por ser o meu porto seguro ao longo destes anos e ainda mais nesta fase crucial. Ele que me conhece melhor que ninguém e acredita sempre que sou capaz.

Por último e não menos importante, às minhas amigas Rita e Inês. Que me acompanham praticamente desde que me conheço e tiveram igualmente um papel fundamental neste percurso. Por sempre estarem presentes, com as palavras certas, em todas os momentos que precisei.

A todos, o meu muito obrigada, por fazerem parte desta caminhada e da minha vida!

RESUMO

Amarante é uma cidade que se situa no norte de Portugal, terra de São Gonçalo, onde a natureza e o património se fundem. É a terra de distintas personalidades que se destacaram no panorama nacional e internacional. Este foi o mote para a criação de uma Rota dos Artistas que nesta terra nasceram ou por aqui passaram.

Os artistas que integram a Rota têm todos algo em comum, a dinâmica da sociabilidade, desenvolvimento cultural, socioeconómico e social-urbano que caracterizaram e influenciaram as suas vidas e as suas obras: a cidade do Porto (2ª cidade de Portugal) e Amarante (concelho onde nasceram ou viveram). Agustina Bessa-Luís, Amadeo de Souza-Cardoso, António Nobre, António Carneiro, Acácio Lino e Teixeira de Pascoaes, tiveram, também por isso, um papel social, cultural e artístico relevante no contexto nacional que foi gradualmente crescendo e sendo reconhecido internacionalmente. Uma vez que uma Rota deve ter um ponto de partida e um ponto de chegada, o Porto, vai funcionar como a porta de entrada para os turistas e visitantes que queiram experimentar a Rota.

O turismo é um setor em constante crescimento em Portugal, não só em grandes cidades, mas também nos quotidianos das cidades periféricas e do interior. Amarante tem vindo a crescer e o seu Património Cultural a ser visitado, fruto da aposta na marca Amarante. É cidade criativa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) pela categoria música, desde 2017. A sua agenda cultural, com eventos como o MIMO Festival que potencia o património cultural da cidade e o Universo do Vinho Verde Amarante (UVVA) são um dos fatores chamativos. A par de tudo isto, a natureza o património edificado e a sua história ímpar tornam Amarante um destino de excelência.

Pretende-se deste modo, criar um produto turístico que salvaguarde a memória dos artistas - o património português -, e ao mesmo tempo potencie o reconhecimento e desenvolvimento da região pela possibilidade de criação de atividade económica e emprego na área do património.

PALAVRAS-CHAVE: Património Cultural, Turismo cultural, Arte, Rota,

ABSTRACT

Amarante is one town that is located in the north of Portugal, city of São Gonçalo, where nature and patrimony lives together. Besides that, Amarante is the birth place of several personalities of national and international importance. Because of that, was created cultural itinerary called Artists Route.

The artists that make up the Route have something in common, the dynamics of sociability, the cultural, socioeconomic and socio-urban development that characterized and influenced their lives and works: the city of Porto (2nd city of Portugal) and Amarante (county where they were born or lived). Agustina Bessa-Luís, Amadeo de Souza-Cardoso, António Nobre, António Carneiro, Acácio Lino and Teixeira de Pascoaes also had a relevant social, cultural and artistic role in the national context that was gradually growing and being internationally recognized. Since a route must have a starting point and a finishing point, Porto will act as the gateway for tourists and visitors who want to experience the route.

Tourism is a constantly growing sector in Portugal, not only in large cities, but also in the daily lives of peripheral and inland cities. Amarante has been growing and its Cultural Heritage to be visited, fruit of the bet on Amarante brand. It is the creative city of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) for the music category since 2017. Its cultural agenda, with events such as the MIMO Festival that enhances the city's cultural heritage and the Wine Universe Amarante Green (UVVA) is one of the striking factors. Alongside all this, nature, built heritage and its unique history make Amarante a destination of excellence.

The objective of this work, is to create a tourist product, safeguard the memory of the artists – the Portuguese Heritage – and at the same time foster

recognition and development of the region through the possibility of creating economic activity and employment in the area of heritage.

KEY WORDS: Cultural Heritage, Cultural Tourism, Art, Route

ÍNDICE

RESUMO	2
ABSTRACT	4
LISTA DE ABREVIATURAS	9
ÍNDICE DE FIGURAS	10
1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Apresentação do tema	13
1.2. Objetivo geral	16
1.3. Enquadramento metodológico	17
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	20
2.1. Património Cultural (Material e Imaterial)	20
2.2. Turismo Cultural	25
2.2.1. Produto Turístico	27
2.3. Rota: Conceito e importância	29
3. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO: AMARANTE, UM LUGAR ONDE A HISTÓRIA E A NATUREZA SE FUNDEM	33
3.1. Caracterização física e humana	33
3.2. Da génese até à geração de ouro	35
3.2.1. Origem e evolução	35
3.2.2. Diabos de Amarante	36
3.2.3. Invasões Francesas	38
3.2.4. Personalidades	40
3.3. Fatores de atratividade	41
3.3.1. Monumentos	41
3.3.2. Festividades, feira, mercado e artesanato	43
3.3.3. Gastronomia e vinhos	45
3.3.4. O rio e as serras	47

3.3.5. Museus e centros interpretativos	47
3.4. Plano Estratégico e de Marketing para o Turismo de Amarante	49
4. OS ARTISTAS	51
4.1. António Nobre	51
4.1.1. Obra	53
4.1.2. Lugares	55
4.2. Agustina Bessa-Luís	64
4.2.1. Obra	66
4.2.2. Lugares	69
4.3. Acácio Lino	76
4.3.1. Obra	79
4.3.2. Lugares	80
4.4. Amadeo de Souza-Cardoso	84
4.4.1. Obra	87
4.4.2. Lugares	91
4.5. António Carneiro	98
4.5.1. Obra	100
4.5.2. Lugares	102
4.6. Teixeira de Pascoaes	108
4.6.1. Obra	110
4.6.2. Lugares	112
4.7. A relação entre os artistas e as elites a que pertencem	120
5. A ROTA	126
5.1. Itinerário: Rota dos Artistas	126
5.1.1. Descrição do percurso	127
5.1.2. Proposta de atividades	131
5.1.3. Viabilidade do produto	133
5.1.4. Divulgação e promoção	133
5.1.5. Mapa	136
5.1.6. Questionário	137

CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
OUTRAS REFERÊNCIAS	150
WEBGRAFIA	151
LISTA DE APÊNDICES	158
APÊNDICES	159

LISTA DE ABREVIATURAS

AMBT – Associação de Municípios do Baixo Tâmega

CBNS – Colégio Barão de Nova Sintra

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

DRCN – Direção Regional de Cultura do Norte

ICOMOS – International Council of Monuments and Sites

IPDT - Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo

LBPCP – Lei de Bases do Património Cultural Português

MMASC – Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso

MNSR – Museu Nacional Soares dos Reis

OMT – Organização Mundial de Turismo

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1 - Património Cultural e as suas vertentes
- Figura 2 - António Nobre
- Figura 3 - O livro de poemas Só
- Figura 4 - Capela da Boa Nova
- Figura 5 - Capela de Santana
- Figura 6 - Quinta da Conceição
- Figura 7 - Monumento a António Nobre
- Figura 8 - Casa do Seixo
- Figura 9 - Casa de São Brás
- Figura 10 - Capela de São Brás em dia de festa
- Figura 11 - Agustina Bessa-Luís
- Figura 12 - Capa de uma das edições do livro A Sibila
- Figura 13 - Casa onde nasceu Agustina Bessa Luís vista do Largo Carlos Freitas (onde se situa a Biblioteca Municipal)
- Figura 14 - Biblioteca - Pólo de Vila Meã (antigos paços do concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega)
- Figura 15 - Roteiro literário na Casa das Vessadas/Casa das Teixeira proporcionado pelo Stay To Talk Instituto e a Rota do Românico
- Figura 16 - Mosteiro de Travanca
- Figura 17 - Portal da igreja do Salvador de Real
- Figura 18 - Estação de São Bento
- Figura 19 - Igreja Românica de Cedofeita
- Figura 20 - Acácio Lino
- Figura 21 - Casa-Museu Acácio Lino
- Figura 22 - Museu Nacional Soares dos Reis onde encontramos a obra de Acácio Lino

Figura 23 - Igreja dos Congregados no Porto, que recebeu pinturas murais de Acácio Lino

Figura 24 - Teto do Teatro Nacional São João pintado por Acácio Lino e João de Brito

Figura 25 - Quadro de Acácio Lino "Morte de Inês de Castro e trasladação para o Mosteiro de Alcobaça" presente no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso

Figura 26 - Amadeo de Souza-Cardoso

Figura 27 - Quadro "A Casa de Manhufe"

Figura 28 - Quadro "Cozinha de Manhufe" uma das obras célebres de Amadeo

Figura 29 - Casa de Manhufe

Figura 30 - Atelier de Amadeo de Souza-Cardoso

Figura 31 - Casa da Granja

Figura 32 - Mosteiro de São Martinho de Mancelos

Figura 33 - Sala de exposições permanentes do Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso

Figura 34 - Quinta de Sacais

Figura 35 - António Carneiro

Figura 36 - Obra "Contemplação"

Figura 37 - Casa-Oficina António Carneiro

Figura 38 - Quadro de António Carneiro no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso

Figura 39 - Menina do Gato

Figura 40 - Edifício do Colégio do Barão da Nova Sintra

Figura 41 - Museu da Quinta de Santiago

Figura 42 - Teixeira de Pascoaes

Figura 43 - Primeira edição do Livro Marános

Figura 44 - A Casa onde nasceu Teixeira de Pascoaes, com placa a indicar

Figura 45 - Casa de Pascoaes, em Gatão

Figura 46 - Casa da Levada

Figura 47 - Igreja de Gatão

Figura 48 - Estátua de Teixeira de Pascoaes, na Alameda com o mesmo nome

Figura 49 - Fachada do edifício que foi sede do Movimento da Renascença Portuguesa

Figura 50 - Carta de Teixeira de Pascoaes a Amadeo de Souza-Cardoso, quando soube que o amigo tinha sido vítima de uma "estúpida agressão"

Figura 51 - A resposta de Amadeo ao amigo Teixeira de Pascoaes

Figura 52 - António Carneiro e Teixeira de Pascoaes

Figura 53 - Teixeira de Pascoaes apresentando-se e descrevendo os Diabos de Amarante

Figura 54 - Como surge a descrição dos lugares ao selecionar um dos pontos

Figura 55 - Como surge a descrição dos lugares ao selecionar um dos pontos

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

O património cultural material e imaterial representa a identidade histórica, as memórias e as vivências de um povo. A memória destes artistas que integram a rota marcou a cultura nacional e internacional. Deixaram igualmente uma marca na comunidade em que estavam inseridos. Ainda hoje, estas personalidades continuam a ser acarinhadas pelas gentes locais e torna-se essencial, mostrar este património a quem nos visita, deixando de igual modo um marco em quem nos visita e que se interessem pela obra literária e pelas pinturas destes artistas, que se tornaram um património literário e artístico reconhecido.

É necessário haver consciência coletiva e individual da sua importância de forma a ser divulgado, protegido e perpetuado junto e pelas diferentes gerações, no presente e no futuro.

Uma forma de conseguir proteção, visibilidade e reconhecimento é potenciar este património ligando-o ao desenvolvimento turístico, tendo em atenção o que isso pode significar. Ou seja, mostrar mas não deixar degradar, tornar visível mas não permitir que se vulgarize somente como produto de consumo. Quanto mais uma comunidade beneficiar de um turismo que respeite a memória e o trabalho artístico dos seus congéneres, mais os habitantes estão motivados para a defesa e a proteção do seu património. Uma das formas de potenciar este património é ligando-o ao turismo. Um debate social possibilitado pela oferta é um grande instrumento que possibilita as experiências e sensações mas também o estudo e investigação de cada visitante, que ambicione saber mais nas diferentes áreas de cada artista e dos

locais em que viveram. Esta curiosidade incita o desenvolvimento económico e traz muitos benefícios para ambas as cidades.

O lugar em que o presente estudo se centra é Amarante. Amarante é um concelho do norte de Portugal, que divide os distritos do Porto e de Vila Real. Possui uma história rica e peculiar. É dona de paisagens sem fim que percorrem a serra do Marão e a serra da Aboboreira. É terra de história e tradições, lugar que São Gonçalo escolheu para ser a sua casa. Aqui provam-se doces conventuais com séculos de existência e o Vinho Verde. É cidade criativa da UNESCO, desde 2017 na vertente da música. É a terra de personalidades, que deixaram uma marca substancial no lugar que os viu nascer e de outros que fizeram desta região a sua casa e a levaram até outros pontos do mundo. Estes e outros tantos motivos reconhecem esta região como um destino singular e diferenciador.

Amarante teve uma geração de ouro no panorama da literatura e da pintura. A arte possui uma grande representatividade na região de que são exemplo os autores/artistas a que nos dedicamos neste trabalho. Eles são figuras de referência na literatura e na pintura, no panorama nacional e internacional. Inspiraram-se neste mesmo lugar – Amarante –, e transportaram isso para aquilo que tão bem faziam, escrever e/ou pintar.

A Rota dos Artistas nasce com o propósito de ser um instrumento de perpetuação da memória e divulgação do trabalho destes artistas e também um produto que potencie a região.

Tal como já mencionamos mais acima neste texto, esta rota abordará, as seguintes personalidades: o poeta *António Nobre*, que apesar de ter nascido no Porto, vinha frequentemente a Vila Meã, à casa da família; a escritora *Agustina Bessa – Luís*, que nasceu em Vila Meã e passou grande parte da sua infância em Travanca; o pintor e escultor *Acácio Lino*, que nasceu em Travanca; o pintor modernista *Amadeo de Souza – Cardoso*, natural de Mancelos; o pintor *António Carneiro*, que a freguesia de São Gonçalo viu nascer e o poeta saudosista *Teixeira de Pascoaes* que se inspirou maioritariamente para a sua obra na serra do Marão que envolve o lugar de Gatão, lugar onde o artista viveu.

Este produto não se cingirá apenas ao concelho de Amarante. Muitas destas personalidades deixaram a sua marca noutros lugares, como a cidade do Porto, por onde todos passaram. Uma vez que uma rota deve ter um ponto de partida e um ponto de chegada, esta iniciará na cidade do Porto que os acolheu e terminará na cidade de Amarante, ponto de partida para estes artistas. A cidade do Porto é um lugar, cada vez mais visitado por turistas do território nacional e internacional. Esta é uma alavanca para levar os turistas do Porto até Amarante, uma vez que estes têm tendência a procurarem experiências fora dos grandes centros, podendo aí permanecerem.

A rota que será constituída pelos lugares por onde estes artistas passaram e se inspiraram terá igualmente atividades complementares, que poderão ser praticadas pelo turista, tais como: a visita a museus e monumentos, a participação em eventos culturais, conhecer o artesanato local, experimentar a gastronomia típica, participar em provas de vinho, participar em celebrações religiosas, praticar desportos náuticos e experimentar costumes locais. De modo a completar este produto, será exposta a oferta que os territórios apresentados têm no alojamento, restauração e outras experiências.

A criação de uma Rota na região fomentará o turismo e o conhecimento aprofundado da vida destas personalidades e dos espaços a que estão ligadas, preservando desta forma este património e levando-o às pessoas.

O presente estudo realizado no âmbito do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, lecionado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, divide-se por quatro capítulos essenciais:

- Enquadramento teórico, que aborda as temáticas que foram exploradas, nomeadamente: O património material e imaterial, o turismo cultural, o produto turístico e a rota.
- O município de Amarante, outro capítulo de extrema importância, uma vez que é necessário caracterizar o lugar para a realização da proposta da Rota dos Artistas.

- Um terceiro capítulo, que dá a conhecer os artistas escolhidos, através das suas biografias, obra, lugares de inspiração e por onde passaram e também a relação que existiu entre algumas personalidades.
- Um quarto e último capítulo, em que se apresenta a proposta para a criação da rota, no qual se inclui o itinerário que pode ser percorrido e a forma como podemos divulgar e dinamizar.
- E por último, conclusões e bibliografia.

1.2.OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho passa pela criação de um itinerário turístico-cultural, sobre os lugares onde os artistas mencionados acima passaram e deixaram a sua marca.

Passa por ser mais um contributo para o crescimento do turismo na região demarcada, que vai desde o Porto até a Amarante. É uma rota extensa, que permite aos artistas percorrer alguns lugares do Porto e despertar a curiosidade por saber mais, transportando-os até Amarante.

Pretende-se com esta rota, que os lugares onde os mesmos nasceram, passaram e habitaram, não passem apenas de um lugar com uma placa a assinalar que os mesmos ali viveram. Pretende-se que estes sejam lugares de reconhecimento e que sensibilize a mente e a criatividade destas figuras.

Uma vez que o principal objetivo deste projeto vai ao encontro da preparação de uma rota turística-cultural, é indispensável, o estabelecimento com parceiros locais, como é o caso do Stay To Talk – Instituto de Imersão Cultural, que apresentaram um grande contributo na idealização deste trabalho.

Com o objetivo principal apresentando, os objetivos específicos são:

- Reforçar a importância do Património Cultural (Material e Imaterial), como um mecanismo de desenvolvimento e promoção local;
- Fazer um estudo acerca dos artistas a serem trabalhados, incidindo nomeadamente: na biografia, obra e as relações estabelecidas entre eles;
- Caracterizar os lugares que integram a Rota dos Artistas;
- Promover e valorizar a memória destas personalidades, que se destacaram no panorama nacional e internacional;
- Realizar um itinerário que se baseie nos lugares de inspiração dos artistas, lugares por onde passaram e outros demais que acrescentem algo para o conhecimento destes, como é o caso da visita a museus onde podemos ver obras dos artistas que integram a rota.
- Estruturar e criar um roteiro, com base em bibliografia existente.
- A Rota ser um ponto de partida para se criarem novos projetos e estudos.

1.3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Estudos de caso, análise biográfica triangulada com as diferentes técnicas de recolha de dados que incluíram: recolha e análise documental, inquérito por questionário, histórias biográficas dos artistas, observação participante e registo fotográfico.

Realizou-se um estudo acerca da biografia e a obra de cada um/uma, de forma a compreender a identidade, o tipo de legado que nos deixaram (obra literária, pintura, escultura), que movimento seguiam/faziam parte e os lugares por onde foram passando ao longo das suas vidas e o contributo que esses mesmos trouxeram para a arte que foram criando. Para o estudo de

campo, foram realizadas visitas aos lugares que fazem parte da rota, foram feitos registos por fotografia para analisar e inserir no estudo. Observação participante a alguns pontos da Rota do Românico e Rota do Vinho Verde, de forma a perceber as suas dinâmicas e interesse para o património local e nacional.

Uma vez que se pretende contribuir para a conceptualização teórica do Património Imaterial, do Turismo Cultural, do produto turístico e do conceito de rota, na primeira parte do presente estudo, indicada como Contextualização teórica foi realizada uma revisão bibliográfica, para enriquecer esta componente de estudo. Os conceitos abordados são apresentados segundo a teoria que alguns autores nacionais e internacionais mencionam, assim como entidades nacionais e internacionais que falam acerca destes conceitos. Procedeu-se igualmente à leitura de algumas monografias que abordam estes conceitos.

O inquérito por questionário foi passado a 67 indivíduos que responderam sobre que impacto que a Rota traria para a região e se faria sentido a implementação da mesma.

Para construir o capítulo 2 que contextualiza o Concelho de Amarante em várias vertentes, foi necessária uma pesquisa bibliográfica, intensa, sobre a história social e cultural do município. A recolha foi completada nos dois pólos da Biblioteca Municipal Albano Sardoeira, Vila Meã e Amarante, assim como a consulta recorrente ao material disponibilizado no *site* oficial da Câmara Municipal de Amarante. Fazemos questão de mencionar esta recolha pelo facto de constituir em si uma valorização do acervo bibliográfico disponibilizado, também, nos recursos locais, no património local e que muitas vezes fica esquecido. Preservar e usar recursos do património local é um dos objetivos da Rota.

O capítulo 3 de merece igualmente destaque para o presente estudo, uma vez que é nele que está presente o propósito, a criação da rota: os artistas. A pesquisa foi mais intensiva, com a vasta recolha de informação a partir de monografias que abordam as biografias destas personalidades, as obras sobre Teixeira de Pascoaes, António Nobre e Agustina Bessa-Luís recordam o Porto e

Amarante. No caso dos pintores, procedeu-se à pesquisa sobre as correntes artísticas que seguiam e as obras que produziram. Visualizar documentários sobre o trajeto de vida que tomaram e a consulta em alguns *sites* pertinentes, foram algumas das técnicas de recolha de dados que valorizamos e que foram fundamentais para o estado da arte e enquadramento teórico.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. PATRIMÓNIO CULTURAL (MATERIAL E IMATERIAL)

O presente estudo, trata de fazer a recolha do património cultural (material e imaterial), associado aos artistas que farão parte da Rota.

Durante milénios a palavra *Patrimonium* significou herança ou posses de uma pessoa ou instituição a ser transmitida a outrem. Foi no século XIX que este termo ganhou um sentido mais concreto ao representar, não só uma herança mas também o conjunto de bens representativos da história e identidade de um país, povo ou comunidade.

O Património Cultural pode ser definido como um conjunto de bens materiais e imateriais considerados de interesse coletivo, relevantes para a sua perpetuação no tempo. (OLIVEIRA, 2018, p. 88)

Segundo o Artigo 1.º da Lei n.º 13/85, de 6 de Julho, referente à Lei de Bases do Património Cultural publicada em 1985:

O património cultural português é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo.

A Lei de Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural refere no Artigo 2.º da Lei n.º 107/2001:

Integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devem ser objecto de especial protecção e valorização.

[...]

O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico,

etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.

Estes bens do passado, transmitidos, selecionados e valorizados de forma consciente merecem proteção e valorização porém, na Conferência Geral de 17 de Outubro a 21 de Novembro de 1972, em Paris, a UNESCO constatou que o património cultural se encontrava cada vez mais ameaçado pela destruição e considerou que a degradação ou até mesmo o desaparecimento dos bens do património cultural, constituiria um empobrecimento do património do mundo. Nesta conferência, no Artigo 1º, a convenção considerou como património cultural a ser preservado e valorizado:

Monumentos: Obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de índole arqueológica, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Conjuntos: Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem detenham um valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Locais de interesse: Obras do Homem, ou obras combinadas pelo Homem e pela natureza, e os locais de interesse arqueológico que tenham um valor universal excecional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico. (UNESCO, 1972)

Estes conceitos foram sofrendo alterações, ao longo do tempo. A Direção Regional de Cultura do Norte (2017)¹ Afirma que o património cultural pode ser dividido em três grupos distintos, segundo a legislação em vigor: património imaterial, património imóvel e património móvel. Dentro do património material temos o património imóvel e o património móvel. Ao património imóvel estão associados os monumentos, os conjuntos e os sítios. Por sua vez,

¹Segundo informação consultada no site da DRCN Consultado em 25deNov/19 Disponível em <http://www.culturanorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

património móvel abrange todas as espécies artísticas, etnográficas, científicas/técnicas, arqueológicas, arquivistas, audiovisuais, bibliográficas, fotográficas e fonológicas. O património imaterial corresponde a uma grande leque de opções: tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial, expressões artísticas e manifestações de carácter performativo, práticas sociais, rituais e eventos festivos, conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo, competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais. Para uma melhor compreensão, segue a figura 1:

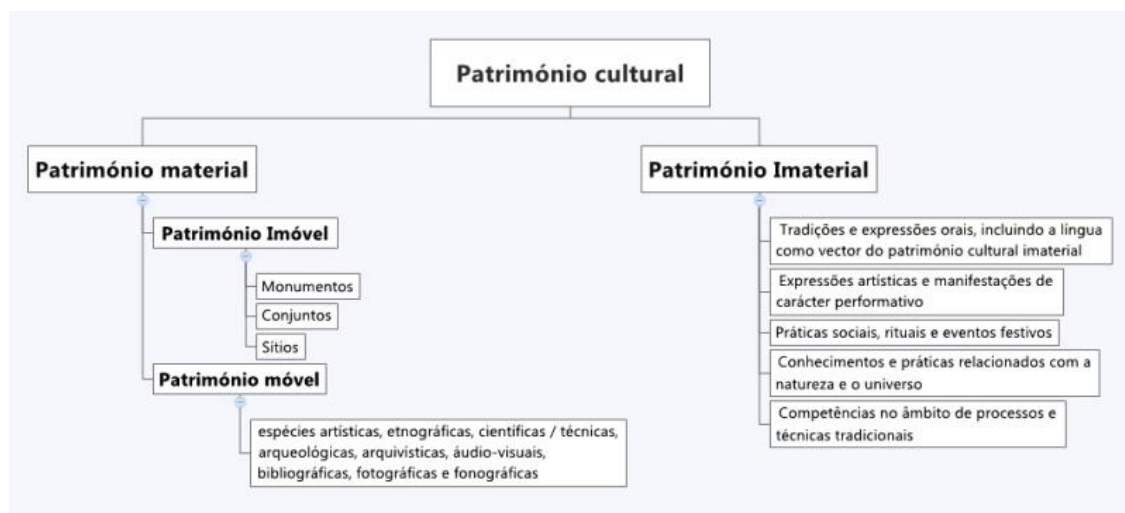


Figura 1 Património Cultural e as suas vertentes

Fonte: <http://www.culturanoorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

O Património Imaterial contribuiu para a identidade cultural e histórica de uma região e da sua comunidade. A sua conservação e divulgação revestem-se de particular interesse não só para se garantir a memória de um passado que a todos engrandece, mas também como forma de o valorizar cultural e socialmente. Com estas premissas. A utilização deste património permite reforçar as capacidades endógenas e ser um vetor de desenvolvimento regional, pela sua atuação na promoção turística, com intenção de captar fluxos económicos importantes.

A noção de Património Imaterial esteve por definir durante décadas. A nível internacional é a UNESCO, que têm reunido esforços para a valorização e salvaguarda do Património Imaterial. Os primeiros esforços para a criação de instrumentos de salvaguarda do património imaterial, datam de 1952, desenvolvido pela UNESCO, tendo como ponto de partida o folclore, a cultura tradicional, a herança oral e a cultura popular.

É em 1982, que “a Conferência mundial sobre as políticas culturais” em Mondiacult, no México, que reconhece a importância do ‘património cultural imaterial’, incluindo-o na sua nova definição de ‘cultura’ e de ‘património cultural.’”

De acordo com a Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e folclore da UNESCO (1989), a cultura tradicional e popular é definida como:

O conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas de comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores transmitem-se oralmente, por imitação ou de outros modos. As suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes.
(UNESCO, 1989)

Em 1993 foi lançado o projeto do “Livro Vermelho das Línguas em Risco de Desaparecimento”. No ano seguinte o programa Tesouros Humanos Vivos. Em 1996 o programa Memória do Mundo e em 1997 começa o Programa de Proclamação das Obras-Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade, que se repete em 2001 e em 2005.

Em 2003, foi criada a “Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial” na qual a UNESCO definiu o conceito de Património Imaterial, no artigo 2º da Convenção:

Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.

Para além da definição mencionada acima, é de realçar o seu carácter dinâmico, que transmite o legado de geração em geração, gerando um sentimento de continuidade e identidade nos indivíduos.

De acordo com a UNESCO, a importância do património cultural imaterial não reside nas manifestações culturais em si mesmas, mas sim na riqueza de conhecimentos e competências que são transmitidos de uma geração para a seguinte. Desta forma o património cultural imaterial caracteriza-se por ser: simultaneamente tradicional, contemporâneo e vivo; inclusivo; representativo e de base comunitário.

Esta Convenção é uma mais-valia para a salvaguarda do Património Imaterial, e é seguida por muitos países em todo o mundo. Portugal adotou esta Convenção em 2008.

Em Portugal, o trabalho começado pela UNESCO em 2003 está a ser desenvolvido pelo Instituto dos Museus e da Conservação (IMC), uma entidade nacional de referência para a vertente do Património Imaterial. A *Direção Geral do Património Cultural (DGPC)* passa por assegurar o cumprimento das obrigações do Estado no domínio do estudo, salvaguarda, valorização e divulgação do património cultural imaterial (PCI), designadamente no que respeita à tramitação do respetivo processo de proteção legal e à definição e difusão de metodologias e procedimentos de salvaguarda.

Portugal possui quatro reconhecimentos atualmente, na Lista do Património Cultural da Humanidade. O Fado foi considerado Património Imaterial da Humanidade a 27 de novembro de 2011, após a decisão tomada no VI Comité Internacional da UNESCO, ficando registado a importância deste género musical que constituiu uma parte da identidade de Portugal. A Dieta Mediterrânica foi considerada Património da Humanidade a 4 de dezembro de 2013. A 27 de novembro 2014, foi a vez do Cante Alentejano, integrar esta lista, este que é um canto coletivo sem recurso a instrumentos e que conecta música e poesia. A 30 de Novembro de 2016, foi a vez da falcoaria portuguesa, após a candidatura apresentada pela Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, considerada pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Fazem parte da Lista do Património Cultural da Humanidade que necessita de Salvaguarda Urgente o processo de manufatura do Barro Preto de Bisalhães e a manufatura de chocalhos.

Este Património, que é sempre coletivo, apresenta-se como um elo de ligação entre as pessoas e um lugar, e aquilo que representa o lado vivo e humano de um determinado espaço.

2.2. TURISMO CULTURAL

A Organização Mundial do Turismo (OMT) define o turismo como uma atividade de quem viaja ou permanece num lugar, mais do que um ano consecutivo, seja por motivos de lazer ou profissionais.

Existem diversos autores que definem este conceito, cada vez mais presente no nosso dia-a-dia. Dentro do Turismo, existem vários segmentos, destacando-se o Turismo Cultural, que cada vez mais prende os turistas.

O Turismo Cultural pode ser definido como uma visita de pessoas de fora da comunidade acolhedora motivada por interesse em aspetos históricos,

artísticos, científicos ou de estilo de vida e de herança oferecidos por uma comunidade, região, grupo ou instituição. Esta motivação que parte dos turistas, em viver experiências culturais, resulta na visita ao património local e às tradições e costumes dessa comunidade. (KOHLENER & DURAND, 2007, p.188)

No mundo ocidental, a origem do turismo cultural, remete ao século XVII, quando elementos da aristocracia britânica faziam uma viagem pela Europa, por cidades e sítios históricos ligados à cultura clássica, ficando a chamar-se Gran Tour. Durante um longo período de tempo, permaneceu restrito a um pequeno grupo da sociedade até meados da década de 70 e 80 do século XX, deixando de ser uma atividade da elite para passar a ser um segmento do mercado turístico. No final dos anos 80, o turismo cultural cresce na literatura analítica. Começam surgir conceitos, estudos de caso e discussões sobre aspetos relacionados a esse campo de estudo, nomeadamente: capacidade de carga, autenticidade e a perceção da comunidade local sobre o desenvolvimento deste segmento. (KOHLENER & DURAND, 2007, p.189)

Atualmente, o turismo cultural apresenta-se com várias facetas e varia de região para região. Os turistas culturais pretendem conhecer e entender o lugar que visitam, especialmente o património material e imaterial dessa região. A cultura é um trunfo importante para o desenvolvimento do turismo e para atrair turistas e visitantes. É o que torna possível, conhecer os detalhes de uma cidade, vila ou aldeia. Implica uma procura pelas diferenças que distinguem a cultura material e imaterial e que assentam a sua base no turismo cultural. (MARUJO, 2015, p.2)

A OMT (1985) define turismo cultural da seguinte forma:

Toda a viagem que pela sua natureza satisfaz a necessidade de diversidade, de ampliação de conhecimento, que todo o ser humano traz em si ou então uma “viagem por motivos unicamente culturais ou educativos.

O turismo cultural num sentido mais restrito, seria um tipo de viagem por motivos unicamente culturais e educativos, definição esta que apresenta os seus problemas e que não chega a ser consensual. O turismo cultural deve ser observado de formas diversas, uma atividade, experiência, formato do produto

turístico, motivação ou facto chave para a viagem ou forma de realizar a atividade cultural. (PEREIRO, 2009)

Uma das primeiras definições de turismo cultural corresponde à CITC – Carta Internacional do Turismo Cultural da ICOMOS (1976) que afirma:

O turismo cultural é aquela forma de turismo que tem por objectivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes tanto quanto contribui - para satisfazer seus próprios fins - a sua manutenção e protecção. Esta forma de turismo justifica, de facto, os esforços que tal manutenção e protecção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e económicos que comporta para toda a população implicada. (ICOMOS, 1976)

2.2.1. Produto Turístico

Está na base de um produto turístico, as experiências intangíveis que permitem ao turista fazer o experimento de várias atividades de lazer. As experiências não são algo universal ou padronizado, mas sim vividas e interpretadas diferentemente por cada turista, a partir da sua visão do mundo, repertório cultural e preconceções. (KOHLENER & DURAND)

O Turismo Cultural leva ao aparecimento de produtos turísticos, uma vez que cada vez mais o turista e o visitante procuram experiências diferenciadoras que o produto turístico pode oferecer.

O produto turístico é considerado um conjunto de bens e serviços relacionados a toda e qualquer atividade de turismo, e, especificamente, o produto turístico pode ser definido como um produto composto, formado pelos seguintes componentes: transporte, alimentação, acomodação e entretenimento.” (LAGE & MILONE, 2000)

O Modelo de Análise de Produto Turístico é constituído por cinco pontos (SMITH, 1994): o Elemento Físico, Serviço, Hospitalidade, Liberdade de Escolha e o Envolvimento:

O *elemento físico* corresponde a um destino turístico, um recurso natural. Pode ser também uma propriedade fixa como um hotel ou um barco de cruzeiro, As condições do local como o clima, qualidade da água e o número de pessoas também podem ser integradas nesta vertente. Este elemento constitui a base para o desenvolvimento de qualquer forma de turismo.

O elemento físico necessita do desenvolvimento de um *serviço* que vá ao encontro das necessidades dos turistas e visitantes. A designação “serviço” refere-se, à prestação de uma função específica segundo uma perspetiva de valorização do produto turístico.

A *hospitalidade* é outro aspeto fundamental. Este elemento é que é capaz de surpreender o turista, contribuindo para que as suas expectativas sejam ultrapassadas.

A *liberdade de escolha*, no qual o turista deve sentir a possibilidade de poder optar por vários elementos que constituem o produto turístico.

E por último o *envolvimento* do turista.

No que diz respeito à composição dos recursos culturais, destacam-se alguns componentes, na composição do produto turístico cultural (IGNARRA, 2003):

História e Literatura; Música e Dança (Folclore); Arquitetura; Artesanato, Festas e Romarias (Peregrinação Religiosa); Agricultura Tradicional e Paisagem Natural; Gastronomia; Desenvolvimento Científico; Indústria e Turismo, entre outros.

2.3. ROTA: CONCEITO E IMPORTÂNCIA

Para melhor compreender o conceito de Rota Cultural, é importante ter em conta alguns conceitos como o património cultural, o turismo cultural, rota e roteiro, componentes que auxiliam na descrição de uma rota cultural.

Uma das formas de estabelecer uma relação entre o turismo e cultura é com a criação de rotas turísticas que facilitam o acesso dos visitantes aos bens culturais, potenciando o encontro entre indivíduos com gostos variados e comunidades com diferentes histórias. (MAIA, 2010)

A origem do termo rota vem do latim 'rupta'. Era o termo usado para designar um relatório com a descrição de todos os acidentes marítimos e geográficos necessários para se poder planear ou descrever uma viagem. (RODRIGUES, 2018, p.97)

O termo Rota é designado por um itinerário que se faz para ir de um lado ao outro, por via marítima ou área, caminho, direção, rumo. Pode ser também designada como um caminho direcionado, rodoviário, marítimo ou aéreo, com indicação de um sentido ou de rumo a ser seguido, denominação usada para designar itinerários turísticos planejados, estabelecidos e associados a uma temática. Atualmente vivemos tempos onde o turismo cultural e o criativo estão associados à vontade de experimentar algo diferenciador e autêntico. O produto Rota vive muito desses detalhes que são vitais para a diferenciação requerida perante produtos de temática semelhante. Vive da sua capacidade para motivar e concretizar experiências. (RODRIGUES, 2018, p.101)

Uma rota utiliza a história como um atrativo para fins de promoção e comercialização turística. Na rota, há sempre um ponto inicial e um ponto final. É de realçar que uma rota pode contemplar vários roteiros e passar várias regiões turísticas. (GONÇALVES, 2016)

O turismo é um fator que tem vindo a crescer cada vez mais. Os turistas culturais são os que viajam mais preferindo experiências espirituais e criativas. A procura de experiências leva à fuga do chamado turismo de massas e na busca de jornadas personalizadas. É neste contexto que surge o turismo de

rotas aliado a diferentes atrações, promovendo o turismo local e a conservação do património aí existente, levando os turistas a espalharem-se por esse território.

Para uma Rota ser concretizada com viabilidade, existem alguns parâmetros que devem ser respeitados como: colaboração e diálogo, com os interessados; integrar os interesses dos promotores; programação de conteúdos; qualidade na oferta de bens e serviços; a salvaguarda dos valores tangíveis e intangíveis que são convenientes para as atividades turísticas; avaliação dos resultados alcançados e a constante melhoria do produto. (RODRIGUES, 2018, p.101)

As rotas começaram a ser desenvolvidas na década de 80 e 90 do século XX, pelo Conselho da Europa e pela UNESCO. Apresentam-se como um instrumento de promoção e desenvolvimento de uma determinada região, criando um elo de ligação entre o turismo e a Cultura, tornando-se numa das componentes principais de um destino.

A ICOMOS (2008) definiu na Carta dos Itinerários Culturais que uma das vertentes osturísticas mais procuradas na Europa é a cultural, daí que as rotas culturais sejam vistas como um produto que necessita de ser implementado. O conceito de Rota ou itinerário cultural é inovador, complexo e pluridisciplinar, pois contribui qualitativamente para a noção de património e para a sua divulgação e conservação, reforçando ao mesmo tempo, o valor de cada elemento, que compõe a rota e valoriza a comunidade local.

Segundo a UNESCO (2018) uma Rota Cultural é definida como um caminho (por terra, água, mistura ou outro). O conceito de rota e itinerário podem ser considerados sinónimos embora seja de realçar o facto de a rota estar associada a uma direção, a um percurso dirigido. Por outro lado, o conceito de rota tem sido usado preferencialmente em termos institucionais e promocionais.

Segundo o Comité Internacional dos Itinerários Culturais (2008), um itinerário cultural é fruto do desenvolvimento das ciências da conservação e do património cultural. O conceito de itinerário cultural evidencia a evolução do conceito de património cultural, assim como a crescente importância dos

valores associados ao meio e à escala territorial onde o mesmo se insere, revelando a sua macroestrutura a diferentes níveis. Esta categoria introduz uma nova ética de conservação que considera os valores culturais como um património comum, que ultrapassa as fronteiras nacionais e exige esforços conjuntos.

Esta prática, procurada pelos turistas, oferece a estes, experiências diferenciadoras e ao mesmo tempo, facilitam o acesso a outras atividades e atrações locais, nomeadamente: a visita a museus, a visita a monumentos, experimentar atividades de saúde e bem-estar (no caso da existência de estâncias termais), participar em eventos culturais que estejam a decorrer a quando da visita do turista, conhecer o artesanato local, experimentar a gastronomia típica, participar em provas de vinho, participar em celebrações religiosas, praticar desportos náuticos e experimentar costumes locais. Aliado a estas atrações, o turista poderá utilizar uma série de serviços, como o alojamento local e a restauração, garantindo desta forma a viabilidade económica destas atividades e o desenvolvimento local.

Segundo Manuel Mayanar Aguilar (2016) uma rota turística pode ser definida, como um itinerário temático para a descoberta do património, capaz de provocar a realização de uma viagem através do território que a sustenta, utilizando recursos e serviços, sendo, portanto, um produto elaborado e suscetível de ser comercializado. As rotas convidam o turista a percorrer um percurso no qual predomina uma categoria patrimonial, ao abrigo de manifestações culturais, testemunhos do passado arqueológico ou histórico, património artístico, industrial e espaços naturais. Sempre com o objetivo de publicitar e divulgar um território através do que este possui.

As rotas turísticas constituem um meio para os turistas conhecerem determinados locais, as suas práticas culturais e a sua história através da visita aos pontos de relevância turística (CORREIA, 2005). Por outro lado, as rotas turísticas têm como objetivo principal vender um território que, pelas suas características e valores supostamente singulares, pretendem atrair a visita de consumidores potenciais. As rotas convidam o visitante a seguir um percurso no qual predomina uma determinada categoria patrimonial, como

manifestações culturais, testemunhos do passado arqueológico ou histórico, património artístico, industrial ou espaços naturais. (RAMÍREZ, 2001)

O presente estudo, vai a encontro destas definições, uma vez que é uma rota, no território nacional, onde é valorizado o Património Cultural (Material e Imaterial).

3. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO: AMARANTE, UM LUGAR ONDE A HISTÓRIA E A NATUREZA SE FUNDEM

3.1. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA E HUMANA

O concelho de Amarante localiza-se na região norte de Portugal e sub-região Tâmega. Administrativamente pertence ao distrito do Porto.

Encontra-se limitado a norte pelo município de Celorico de Basto, a nordeste por Mondim de Basto, a leste por Vila Real e Santa Marta de Penaguião, a sul por Baião, Marco de Canaveses e Penafiel, a oeste por Lousada e a noroeste por Felgueiras. É o concelho com maior área do distrito do Porto, com 301,3 Km² e encontra-se subdividido por 26 freguesias.²

Segundo dados do PORDATA³, em 2018 tinha uma densidade populacional de 177,5 habitantes por km².

O concelho é atravessado por duas importantes redes viárias, nomeadamente, a A4 que liga Amarante ao Porto e o IP4 que liga a Vila Real, Mirandela e Bragança. Com o aparecimento do Túnel do Marão em 2016, esta distância encurtou-se. O aeroporto mais próximo é o Aeroporto Francisco Sá Carneiro, que dista uma distância de 60 KM.

O concelho de Amarante é fortemente marcado pelo relevo, sendo este o mais extenso dos concelhos do distrito do Porto com cerca de 29.000 hectares

² Amarante tinha 40 freguesias até à Reforma Administrativa de Freguesias em 2013 que agregou várias freguesias a outras, reduzindo o número para 26 freguesias.

³ Segundo informação disponível no site PORDATA Consultado em 8deNov/19 e disponível em <https://www.pordata.pt/Municipios/Densidade+populacional-452>

de superfície. É uma área depressionária correspondente a um setor intermedio da bacia do Tâmega, com 80% da sua superfície abaixo dos 600 metros de altitude. O solo é maioritariamente formado por uma mancha granítica onde se distinguem três zonas entre si. Forma com os concelhos vizinhos um conjunto curioso, Baião e Marco de Canaveses e é na Serra da Aboboreira que os três se encontram. E aí, à altitude entre os 920 e 940 metros, que foram encontrados cerca de quatro dezenas de monumentos megalíticos, o que diz muito acerca da densidade e da antiguidade do povoamento nesta zona de imediações do grande Marão. (VÁRIOS, p.11)

Os principais cursos de água existentes, para além do Rio Tâmega, são principalmente: o rio Ovelha, o rio Olo e muitas ribeiras que correm para estes ou diretamente para o Tâmega.

As serras do Marão, em conjunto com a serra da Meia Via e parte da serra da Aboboreira, constituem o relevo montanhoso mais importante e as altitudes mais elevadas do concelho.

O concelho insere-se na zona de clima dominado atlântico, ameno e húmido. A sua disposição montanhosa paralela ao mar impõe características muito próprias. Grande parte do concelho encontra-se abaixo dos 600 metros de altitude. Apenas cerca de 4% do território está acima dos 1000 metros de altitude.

Amarante adquiriu estatuto de cidade a 8 de julho de 1985, data do seu feriado municipal e integra, desde o ano de 2000, a Associação de Municípios do Baixo Tâmega (AMBT) da qual é um dos concelhos fundadores juntamente com os municípios de Baião, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Marco de Canaveses e Mondim de Basto.

3.2. DA GÉNESE ATÉ À GERAÇÃO DE OURO

3.2.1. Origem e evolução

Amarante teve provavelmente origem nos povos primitivos que habitavam a Serra da Aboboreira, habitada desde a Idade da Pedra, embora não se saiba com exatidão, quem foram os seus fundadores. (MONTEIRO e TEIXEIRA, 1979 p.11)

Hoje chamada Amarante por estar situada “*Ante Maranum*” antes ou para cá do Marão. (MAGALHÃES, 2008, p.1)

Começou a adquirir importância e visibilidade, com a chegada de São Gonçalo (1187-1259), natural de Tagilde, hoje um lugar de Vizela. Passa por residir em Amarante, depois da sua peregrinação por Jerusalém e Roma. O pregador enamorou-se por este lugar, construiu ali uma ermida e começa a criar condições para ali construir-se um povoado. Começou também por construir ali uma ponte, a primitiva, que leva à fixação de pessoas. A fama de santidade deste santo levou a que atraísse cada vez mais pessoas. O elemento religioso está bem presente na génese da cidade. Os peregrinos dos caminhos de Santiago, que passavam perto de Amarante, começaram a saber da fama do santo e não desdavam de fazer um pequeno desvio para conhecer e ouvir o pregador. (NEVES, 1996, p.10)

Com a visita de D. João III à cidade, no século XVI, este autoriza a construção do Mosteiro de S. Gonçalo, onde o santo terá vivido e falecido. Este santo, que tem a fama de ser casamenteiro, está associado a várias lendas que vivem no imaginário popular há séculos. A sua história e as lendas a este associado, muito contribuíram para a expansão da cidade, ao longo dos séculos.

Apesar da sua longa história, a vila de Amarante não tinha jurisdição direta no território circunvizinho antes de 1836. Possuía apenas o título de vila e

ocupava uma posição determinante no quadro das povoações de Portugal. A sua ponte era uma das principais ligações do litoral com o interior. Amarante reunia várias condições para vir a tornar-se sede de um grande concelho o que veio a acontecer com a reforma liberal que dotou o país de uma divisão administrativa. A vila de Amarante que era até então formada por uma pequena freguesia que tinha São Gonçalo como orago, estando na margem direita do Tâmega, ganhou outro estatuto. (MONTEIRO e TEIXEIRA, 1979, p.17)

S. Gonçalo, a sua história e lendas, contribuíram imensamente para a expansão da cidade, desde longa data. O seu culto intensificou-se especialmente nos séculos XVI e XVII, altura é que se dá importância aos cultos locais e disso se ressentiu a fisionomia da vila de Amarante no aspeto arquitetónico, com a construção do Convento de São Gonçalo.

A atual cidade, na época ainda vila, foi reedificada e sofreu grandes alterações, devido à destruição causada pela passagem dos franceses. A 23 de novembro de 1809, reuniu a Câmara no Real Convento de São Gonçalo para traçar uma nova planta para a reedificação da cidade. Após o plano ter sido aprovado, deu-se uma nova redefinição ao espaço urbano e à sua arquitetura. (MONTEIRO e TEIXEIRA, 1979, p.43)

Muitas famílias aristocratas instalaram-se em Amarante. O lugar situa-se numa zona de grande fertilidade agrícolas, gerando uma aristocracia rural culta, que ergueu grandes e belos solares, que ainda hoje podem ser vistos e propiciou o aparecimento de figuras como Amadeo de Souza- Cardoso e Teixeira de Pascoaes, provenientes dessas famílias. (NEVES, 1996, P.11)

3.2.2. Diabos de Amarante

Os Diabos de Amarante são duas figuras peculiares que fazem parte da identidade dos amarantinos e da história da cidade.

Crê-se que foram obra de antigos Brâmanes (grupo religioso indiano com inclinação pelas superstições aborígenes), trazidos de longínquas paragens do império, que então se estendia à Índia. (PASCOAES, p.6)

Tal como refere o site do Município de Amarante⁴ A Sacristia do Convento Dominicano de São Gonçalo foi durante anos o lugar que acolheram os diabos, por serem acarinhados pelas gentes da terra e até pelos monges do convento, o que era contra a sua conduta, uma vez que as suas orações deveriam ser dirigidas para as representações cristãs.

As esculturas originais deste par de mafarricos evidenciavam pormenores sexuais demasiado ousados e pagãos. Foram por fim queimados pelas tropas francesas, quando estes pela Vila de Amarante passaram, que os desfilaram pelas ruas da vila, com vestes sacerdotais.

Depois de os franceses deixarem Amarante, os frades dominicanos decidiram pedir uma réplica do casal, ao mestre António Ferreira de Carvalho, que produziu os diabos com madeira de castanheiro. Com tamanho quase humano, só não se aproximam da nossa altura porque se encontram sentados.

Quando D. Pedro V de visita a Amarante resolveu ir prestar culto ao santo padroeiro, ficou surpreso ao dar de caras com o casal de mafarricos. Mandou de imediato, retirar as duas figuras da sacristia, passando estas a deambular pelo claustro do convento.

No século XIX, uma alta patente da Igreja portuguesa mandou queimá-los e uma outra alta patente da Igreja portuguesa não o permitiu, limitando-se a retirar-lhe as conotações sexuais, que é como quem diz, capando o Diabo e mutilando a Diaba. Mas o pior ainda estava por vir. Alberto Sandeman, da classe social média alta, de nacionalidade inglesa, contra muitas forças internas, conseguiu comprá-los e levá-los daqui para a sua terra natal. Chegados à sua cidade de sempre, foram recebidos como Deuses, porque o

⁴ De acordo com informação disponível no site do Município de Amarante consultado em 5deNov/2019 Disponível em <https://www.cm-amarante.pt/pt/o-diabo-e-a-diaba>

eram para as gentes da terra. Juntas de bois, bandas, multidão, tudo saiu à rua para rever os seus ídolos negros, que desta vez vinham para ficar.

Teixeira de Pascoaes (p. 77) sobre o cortejo dos Diabos de Amarante, quando estes desembarcaram na Estação Ferroviária de Amarante:

Lá vêm eles! Lá vêm eles! E vêm a câmara municipal e a banda musical. Foram esperá-los à estação ferroviária, como sinal de alegria pelo regresso das maléficas Potestades, legítimos monarcas.

Hoje os diabos encontram-se expostos no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, ao lado das obras de Amadeo, António Carneiro, Acácio Lino, Sarah Afonso e demais autores.

3.2.3. Invasões Francesas

A época das invasões francesas e o impacto que tiveram nesta região formam o grande ponto de encontro entre Amarante e a História.

Amarante e as suas gentes, também são feitas de bravura, o que se veio a comprovar mais tarde com a passagem dos franceses em 1809, pela vila de Amarante, tendo constituído este episódio um marco na cidade, em alguns edifícios.

Segundo informação disponibilizada no site do Município de Amarante⁵, de 1807 a 1810 Portugal foi alvo de três invasões, por alvo dos franceses, lideradas pelo general Junot e seus Marechais Soult e Massena. Portugal não tinha

⁵ De acordo com informação disponível no site do Município de Amarante consultado em 6deNov/2019 Disponível em <https://www.cm-amarante.pt/pt/invasoes-francesas>

respeitado o Bloqueio Continental⁶, que Napoleão tinha feito e a consequência foi essa. Nessa época, Portugal também atravessava uma crise económica e com a fuga da família real para o Brasil, o país ficou sem rei, a capital passou para o outro lado do Atlântico e as tropas portuguesas passaram a ser lideradas pelo inglês William Beresford.

Durante a segunda invasão, em 1809, os franceses, liderados pelo Marechal Soult, queriam assegurar ligações com Espanha e precisavam de encontrar pontos de passagem sobre o Rio Tâmega. A primeira tentativa foi no Marco de Canaveses mas sem sucesso, após os marcoenses terem destruído a única passagem, quando souberam que os franceses se aproximavam. Sem sucesso, tentaram a passagem por Amarante.

Soult, inquieto por saber que as tropas portuguesas e inglesas lideradas por Beresford vinham ao seu encontro, tinha enviado uma coluna do seu exército para o vale do Tâmega, para preparar uma eventual retirada para além fronteira, como ambicionava. A coluna liderada por Loison e Delaborde, veio por entre pilhagens, escaramuças e tentativas de atravessar o rio Tâmega, entrar em Amarante e aí instalar-se a 18 de abril de 1809. Antes de se instalar, saqueou e incendiou as povoações de Vila Meã, Manhufe e Pidre.

A cidade de Amarante (na altura vila) foi alvo de pilhagens e fogo posto, ficando intactas apenas algumas residências, destinadas a quartel-general e hospital de campanha. Hoje ainda é visível, nas telas furadas por baionetas, na sacristia da Igreja de São Gonçalo, que achavam os franceses que escondiam tesouros. Nas ruínas do Solar dos Magalhães, que ficou parcialmente destruído pelo fogo. O Convento de Santa Clara, que na época já não tinha monjas, ardeu igualmente e assim aconteceu em quase toda a vila.

A Ponte de São Gonçalo, por onde contavam passar, estava defendida pelos soldados do General Silveira e por isso os franceses tiveram que permanecer

⁶ Imposição de Napoleão Bonaparte para os países europeus cortarem relações com Inglaterra, de forma a os ingleses perderem hegemonia económica.

em Amarante, mais tempo do que pensavam. A Heroica Defesa da Ponte, como ficou conhecido este acontecimento, resistiu durante 14 dias. Foi devido a uma manobra de diversão e engenhosa, que os franceses conseguiram atravessar. O cerco à ponte viria a terminar na madrugada do dia 2 de maio, por volta das três horas, graças a uma manobra de diversão, em que as forças napoleónicas desviaram a atenção do exército português, estacionado na Eira do Paço, dando a entender que iriam tentar novamente a passagem do rio pelo vau⁷ de Morleiros.

Ao bravoso General Silveira, foi atribuído o título de 1º Conde de Amarante e a vila de Amarante foi galardoada com a condecoração da Torre e Espada, que ainda hoje ostenta no brasão da cidade.

António Cândido escreveu sobre as invasões francesas, num dos muitos textos que vêm no livro *Maranus: A Antologia de textos de Amarante e as suas gentes*:

A honra ficou salva. Nesta acção, que o inimigo ganhou, o mais belo renome é dos vencidos. As vantagens de defesa tão demorada, e porque o foi, colheram-se, foram nossas. Não sei se está inscrito no Arco do Triunfo o combate final de Amarante: nas colunas triunfais da História a glória é nossa, embora o sucesso fosse deles.

3.2.4. Personalidades

Amarante é terra de personalidades que se destacaram nas mais diversas áreas, desde as artes plásticas, à literatura, à política, ao desporto, entre outras. Sendo difícil enumerar todas as que compõem o património imaterial de Amarante.

⁷ Significado de Vau: Ponto, onde numa corrente de água, é possível passar a pé ou a cavalo.

Algumas figuras não nasceram em Amarante, mas não deixaram de dar o seu contributo como é o caso de S. Gonçalo que de longe veio aqui fixar-se e a este se deve o impulso para a futura vila e posteriormente cidade. Também o General Silveira, não era natural de Amarante. Nascido em Canelas do Douro, foi todavia na esforçada defesa na ponte de Amarante, durante 14 dias, contra o exército francês, que se distinguiu e alcançou o título de 1º Conde de Amarante.

Para além dos que foram referenciados na rota dos artistas, existem outros que serão enumerados: O Abade de Jazente Alexandre Pinheiro Torres, Ilídio Sardoeira, Eduardo Teixeira Pinto, António Cândido, António do Lago Cerqueira, António Fernandes Fonseca, António Pinto, Augusto Casimiro, Barros Basto, Carlos Babo, Eulália Macedo, Luís Coutinho, Manuel Monterroso e Paulino António Cabral.

3.3.FATORES DE ATRATIVIDADE

3.3.1.Monumentos

Em Amarante, o património arquitetónico civil e religioso é rico e abundante, fruto da história ímpar que o concelho possui.

Bem no coração da cidade, considerado o ex-libris do concelho, encontramos a *Igreja de São Gonçalo*. Anterior a este, estava uma antiga ermida, onde se julga estar sepultado o santo com fama de casamenteiro. Teve a sua construção iniciada em 1540, por ordem de D. João III. A sua construção atravessou vários reinados e vários estilos arquitetónicos como o maneirismo, o renascimento, o barroco e características oitocentistas.

A *Ponte de São Gonçalo* divide com a igreja, o símbolo da identidade deste espaço. Construída no século XVIII, o seu arquiteto foi Carlos Amarante. A sua construção antecedeu à antiga ponte medieval, que desmoronou em 1763, em virtude das cheias que atacaram a cidade. As tropas napoleónicas marcaram encontro em Amarante e esta ponte foi palco do célebre episódio “A Defesa Heroica da Ponte como já foi mencionado.

A *Igreja de Nosso Senhor dos Aflitos* (conhecida por Igreja de São Domingos) surge na paisagem, ao lado da Igreja de São Gonçalo. Com uma fachada de estilo barroco o seu interior é constituído por talha dourada. Foi construída em 1725.

A *Igreja de São Pedro*, perto da rua da antiga cadeia, onde se situa a casa onde nasceu Teixeira de Pascoaes, é um belo exemplar com frontaria de estilo renascentista, construída em 1727. O teto da sacristia, revestido em talha de madeira, constitui, no género, um dos melhores do país.

A *Igreja da Misericórdia* surge em Amarante em meados do século XVI e coincide com o aparecimento das Misericórdias no país, que tinham como missão assistir os peregrinos.

O *Solar dos Magalhães* foi uma casa senhorial pertencente aos Magalhães, edificada no século XVI. Este solar, do qual resta apenas a fachada e as paredes exteriores, tornou-se um símbolo da resistência contra os franceses em 1809. Até à data, ao contrário do que aconteceu com a maioria das casas senhorias, o Solar dos Magalhães não foi reconstruído, ficando as suas ruínas como um testemunho do terrível ataque. Atualmente, este edifício encontra-se com escavações arqueológicas, para aqui se instalar futuramente a Casa da Memória de Amarante.

Se existe algum estilo arquitetónico que domina em Amarante, é sem dúvida o Românico. A *Rota do Românico*, que compreende vários municípios do Vale do Sousa, Vale do Douro e Vale do Tâmega, reflete a importância deste estilo arquitetónico, dos 58 monumentos que a integra. Amarante reúne 10 monumentos que se enquadram nesta tipologia de arte, são estes: três mosteiros, seis igrejas e uma ponte, espalhados pelas freguesias. Quatro destes integram a Rota dos Artistas, por possuírem um elo de ligação com as figuras.

Neste território encontramos: a Igreja de São João Baptista de Gatão, a Igreja de Santa Maria de Gondar, a Igreja de Santa Maria de Jazente, a Igreja de Santo André de Telões, a Igreja do Salvador de Lufrei, a Igreja do Salvador de Real, o Mosteiro de São Martinho de Mancelos, o Mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo, o Mosteiro do Salvador de Travanca e a Ponte do Fundo de Rua, em Aboadela. Pela qualidade e quantidade de monumentos, vale a pena fazer o itinerário do Românico e admirar pórticos, arcos, tímpanos e capitéis com ornamentação pedagógica, uma vez que o homem medieval na sua maioria não sabia ler, via naquelas ornamentações passos edificantes, cenas bíblicas, entre outros, explicadas, através de uma simbologia que se baseava no mundo rural envolvente.

3.3.2. Festividades, feira, mercado e artesanato

Quem é, Teresa,
Que oiço clamores,
Vai ver à porta,
Vai num instante!
Sossegue, durma,
São os lavradores

Que passam para a feira de Amarante (...)

António Nobre

Amarante é um território vasto, que permite a existência de várias festividades ao longo do ano. As manifestações religiosas e profanas é um “estar com os outros” sociologicamente falando, marcando então, uma rutura com o tempo banal e trabalhoso, criando a oportunidade do lazer e do folgar. É neste tipo de eventos, que conhecemos as gentes da terra e a sua identidade. É

o lugar onde a comunidade se diverte e presta devoção ao santo popular, em alguns casos, o padroeiro.

A festividade do ano, acontece em junho, no primeiro fim de semana de junho, que honra a cidade de Amarante e o padroeiro São Gonçalo. A religião e profano unem-se nesta festividade, que possui um programa intenso de três dias, nos quais nunca faltam à sexta-feira o tradicional despique de bombos, no Largo de São Gonçalo; no sábado tem lugar a grandiosa sessão de fogo-de-artifício que atrai milhares para junto do rio Tâmega, onde tem lugar o espetáculo; no domingo sai o santo padroeiro à rua, na procissão que termina com o atirar dos cravos na varando dos reis, um ato que abençoa a cidade.

A 10 de janeiro, data em que nasceu o santo e dia de São Gonçalo, o município celebra sempre esta data, com um evento, homenageando-o. No resto do ano, são celebradas 48 festividades, por todas as freguesias.⁸

É também nas feiras e nos mercados, que ainda mantêm a importância de outros tempos, que encontramos a comunidade que sempre presta um tempinho, para até ao mercado ou às feiras se deslocarem. O mercado de Amarante realiza-se às quartas e aos sábados, tendo assim periodicidade bissemanal. A feira realiza-se em Vila Meã, no dia 6 e 22 de cada mês.

É igualmente no artesanato, que encontramos a identidade destas gentes, nomeadamente no Barro Negro de Gondar e na Viola Amarantina.

A olaria do barro negro representa, o que de mais emblemático há no artesanato da freguesia de Gondar. A origem da arte perde-se no tempo, mas sabe-se que trabalhar o barro já foi uma atividade que ocupou muitos braços na freguesia. Em meados do século XX a olaria rústica de Gondar ainda tinha 18 rodas a trabalhar. Mais tarde, em meados dos anos 80 quase se extinguiu. Entretanto, um apurado trabalho de recuperação e incentivo desenvolvido localmente fez renascer a arte de trabalhar o barro negro, voltando a surgir as 12 peças tradicionalmente concebidas: panela, púcaro, assador, fundidor de

⁸ Ver Apêndice B

oiro, caçoila, cinzeiro, vinagreira, chocolateira, o pote e a bilha de água. Atualmente, o Mestre César Teixeira é o único oleiro que mantém viva a tradição.

Poucos lugares dispõem de um instrumento musical com o seu nome, mas em Amarante isso acontece, com a Viola Amarantina. É um instrumento ligado à música popular local. A Viola Amarantina é muito semelhante à viola burguesa. Tem cerca de 90 cm de comprimento e é conhecida pela sua forma singular da abertura da sua boca com a forma de dois corações e um cavalete muito trabalhado. A denominada viola amarantina era uma companhia indispensável no caminho para as mondas ou nos serões animados nas eiras, onde se espadelava o linho ou desfolhava o milho. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, verifica-se o seu declínio. Felizmente, na última década assistiu-se a um ressurgir do instrumento, graças à dedicação de alguns grupos e associações locais, com destaque para a Propagode, que têm promovido a sua prática, construção, ensino e valorização, resgatando assim do esquecimento, esta parte importante da identidade cultural amarantina.

3.3.3. Gastronomia e vinhos

Uma cidade que pretenda destacar-se, através da atratividade do destino, têm de possuir elementos como uma grande obra arquitetónica, histórica ou contemporânea, ou até possuir um restaurante com estrela Michelin. Os momentos de lazer e as férias dos turistas passaram a ter a gastronomia como um dos elementos de atratividade. As gastronomias passaram a fazer parte do património e a ser valorizadas turisticamente. Os turistas têm na alimentação um dos seus principais gastos. O turismo, por sua vez, constitui uma plataforma para promover os produtos locais e o mercado alimentar. (PORTUGAL, 2014, P. 13)

A Gastronomia em Amarante, também é uma chamada de atenção para quem nos visita. Foi a sua situação geográfica que condicionou a sua gastronomia. Situada entre o Minho e Trás-os-Montes, a sua comida provém das características de ambas regiões. A comida amarantina é saciada com pratos como o cabrito serrano, a vitela arouquesa e maronesa, as feijoadas, tripas, o cozido à portuguesa e o bacalhau. (NEVES, p. 12)

Os Doces Conventuais constituem outro chamariz. Existem cinco doces típicos conventuais. Dos cinco doces conventuais de Amarante, quatro têm como base o mesmo recheio e ingredientes. Brisas do Tâmega, papos de anjo, foguetes e bolos de São Gonçalo, são confeccionados com um recheio composto por ovos, amêndoa ralada e açúcar em ponto. Em termos de confeção, a principal diferença entre estes doces está no facto de as brisas do Tâmega e dos papos de anjo não necessitarem de ir ao forno, ao contrário do que acontece com os bolos de São Gonçalo. Estas iguarias, podem ser encontradas nas festas do junho, no primeiro fim de semana de junho e na feira dos doces conventuais que se realiza no segundo fim de semana de maio. (MOTA, 2014)

Referência ainda aos bolos das romarias, alguns deles com forma fálica a lembrar antigos cultos da fertilidade, por São Gonçalo ser um santo casamenteiro.

O pão de Padronelo, de farinha moída, é outra referência do concelho, de segunda a sábado.

Estamos numa região do vinho verde. Amarante integra assim a Rota do Vinho Verde. Inicialmente, predominava o vinho tinto muito incorporado, que se usava também na confeção fumeiro da serra. Atualmente, a reconversão das vinhas permite a obtenção de excelentes brancos, sem prejuízo de o tinto continuar a dominar em qualidade e quantidade. Muita da vinha é de enforcado, conferindo à paisagem agrária amarantina um ar que a aproxima de certas regiões minhotas. (NEVES, p. 13)

3.3.4. O rio e as serras

Amarante é destino de natureza, ligado ao Rio Tâmega, à Serra do Marão e à Serra da Aboboreira, que oferecem um conjunto de atividades que aqui se podem realizar, tais como montanhismo, canoagem, parapente, passeios em gaivotas⁹, pesca, caça, natação, golfe, campismo, a fruição das praias fluviais e do parque aquático.

O Rio Tâmega, um dos ex-libris da cidade, convida a passeios pelas margens e aos desportos de água. As Serras, também convidam aos passeios a pé e à observação da flora. No meio das serras, encontramos aldeias típicas, aqui e ali: Carvalho de Rei, Travanca do Monte e Covelo do Monte.

O rio e a serra são a imagem de Amarante, aqui respira-se a natureza no seu esplendor, que inspiraram Teixeira de Pascoaes e Agustina Bessa Luís, nas suas obras.

3.3.5. Museus e centros interpretativos

Em Amarante, existem diversos núcleos museológicos que contam a história do concelho e das suas gentes. Destacam-se os seguintes núcleos museológicos:

O *Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (MMASC)* é um dos pontos de passagem da Rota dos Artistas. Este encontra-se instalado no convento Dominicano de São Gonçalo e foi fundado por Albano Sardoeira em 1947. O objetivo era, tratar-se de reunir materiais ligados à história do concelho e de

⁹ Pequena embarcação local

perpetuar a memória de figuras ilustres amarantinas. Atualmente, a sua vocação é a Arte Moderna e Contemporânea.

O *Museu Rural do Marão*, na freguesia de Gondar, tem como principal objetivo promover e preservar as tradições locais. O programa de atividades associado ao museu está ligado ao meio agrícola. O museu apresenta uma secção museológica, a Casa do Oleiro, associada à olaria do Barro Negro.

O *Centro Interpretativo e Cultural do Marão* no lugar da Rua, em Aboadela, tem como objetivo potencializar o território, associadas ao turismo de natureza, criando desta forma um pólo interpretativo e cultural direcionado para a zona que envolve o Marão e as suas gentes.

Ligado à Santa Casa da Misericórdia de Amarante, está o *Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia de Amarante (CIMMA)*. Encontra-se dividido por quatro salas temáticas: multimédia, artefatos da paixão, circulação e memória. Através dos objetos da irmandade, o visitante fica a conhecer uma instituição com cerca de quinhentos anos de existência.

O *Museu de Arte Sacra* encontra-se contíguo à igreja de São Domingos, dividido por dois pisos. Um com os espaços das artes decorativas, pintura, paramentaria e alfaias litúrgicas e o outro espaço com as salas de imaginária dos séculos XVI-XVIII e de imaginária do século XIX.

O Solar dos Magalhães encontra-se com escavações arqueológicas, para futuramente aí se instalar a *Casa da Memória*, um projeto do arquiteto Siza Vieira. Pretende-se ser um espaço de exposição com mais de mil metros quadrados, ligadas aos principais acontecimentos da cidade e às suas figuras contornáveis: São Gonçalo, Teixeira de Pascoaes, Amadeo de Souza Cardoso e ao célebre episódio das invasões francesas.

3.4. PLANO ESTRATÉGICO E DE MARKETING PARA O TURISMO DE AMARANTE

De setembro de 2017 a janeiro de 2018, o município de Amarante realizou a elaboração do Plano Estratégico para o Turismo de Amarante (PEMTA)¹⁰. Dividiu-se em três fases: o planeamento, o diagnóstico e as propostas. A 23 de maio 2018, foi apresentado o PEMTA, este que pretende apresentar soluções para o desenvolvimento do turismo. O objetivo passa, por alcançar as cento e cinquenta e uma mil dormidas até 2022. Em 2016, foram registadas cinquenta mil dormidas.

Neste estudo, Amarante é apresentada como “*o destino a não perder no norte de Portugal*” com reconhecimento a nível nacional e internacional. A oferta é vasta, baseando-se no património natural, histórico e cultural, que diferencia a nossa região. Apresentam no plano, como alicerces do turismo em Amarante as personalidades históricas, a par de outros fatores como a localização geográfica, o rico património arquitetónico, os doces conventuais, o vinho verde, a qualidade do alojamento local e a rica agenda cultural existente.

O plano defende na vertente a explorar, que se deve continuar a reforçar o papel da música e das artes no desenvolvimento do destino. Trabalhar em rede é outro dos objetivos, criando ligação com outros destinos, tal como se pretende trabalhar nesta rota, com o município do Porto.

As personalidades históricas aparecem como elementos diferenciadores, para atrair visitantes, um dos factos que justifica a existência de um produto ou de vários, que valorizem os artistas. O Plano defende ainda que:

¹⁰ Plano Estratégico e de Marketing para o Turismo de Amarante. Consultado em 10deSet/2019 Disponível em <http://investamarante.com/wp-content/uploads/2018/05/Documento-PEMTA-data-23-de-maio-de-2018.pdf>

A notoriedade de Amadeo de Souza-Cardoso, Agustina Bessa – Luís, Teixeira de Pascoaes, António Carneiro, Eduardo Teixeira Pinto e São Gonçalo, entre outras personalidades históricas, reforça a marca Amarante no mercado enquanto um destino de cultura. (PEMA, p.19)

Como produtos estratégicos, aparecem a história e a cultura, com grande capacidade de atração. Amadeo de Souza-Cardoso é considerado um ícone e um dos fatores de maior atratividade para Amarante, criando a partir desta personalidade produtos turísticos, constituindo uma alavanca dinamizadora para a restante oferta turística, apresentando-se como o destino “berço de Amadeo de Souza-Cardoso”.

O PEMTA que é promovido pela autarquia em colaboração com o IPDT – Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo, apresenta-se como um dos aliados desta Rota dos Artistas, uma vez que valoriza as personalidades históricas na medida que as apresenta como fatores de atratividade e motivo pelo qual se devem apostar na criação de produtos turísticos.

4. OS ARTISTAS

4.1. ANTÓNIO NOBRE



Figura 2 António Nobre

Fonte: <https://tertuliabibliofila.blogspot.com/2009/05/antonio-nobre-e-so.html>

António Nobre, poeta português, nasceu na Rua de Santa Catarina, na cidade do Porto a 16 de agosto de 1867, no seio de uma família burguesa e abastada.

Após concluir o ensino preparatório, foi para Coimbra para se formar na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Porém, nem tudo corre como o artista esperava e por não se adaptar ao ensino preparatório existente, chumba dois anos, o que o leva a ir para Paris, em 1890, ingressando na Escola Livre de Ciências Políticas e na Faculdade de Direito, terminando o curso em Ciências Políticas, cinco anos após ter ingressado. É na cidade de Paris, no

isolamento do seu quarto que é invadido pela nostalgia de ter deixado o seu país.

Nos seus últimos dias de vida, refugia-se na Casa do Seixo. Contudo, no dia 17 de março de 1900 o irmão vai busca-lo, acabando por morrer no dia seguinte, numa casa na casa da Avenida do Brasil, na Foz do Douro, que pertencia ao seu irmão, Augusto Nobre.

António Nobre faleceu precocemente, aos 32 anos de idade, vítima de tuberculose pulmonar.

De forma a perpetuar a memória e a obra do poeta, foi criada a ANTO – Associação de Amigos de António Nobre. A toponímia de Vila Meã, também o homenageia, atribuindo o seu nome a uma das suas ruas.

A vida para este ilustre, passava pelos lugares onde este se sentia em pleno consigo próprio. É na Leça da Palmeira, é na Boa Nova, pelos caminhos do Douro, os campos do Lugar do Seixo, tudo locais ligados à sua infância e juventude.

Foi na baixa do Porto que passou grande parte dos seus dias portuenses. A sua rotina diária, não era muito diferente das dos jovens de 18 anos da época. Passeava durante a tarde pelos Jardins do Palácio de Cristal. Pelas nove da noite pela Rua do Almada em direção ao clube Portuense, onde ficava até à meia-noite. Frequentava regularmente os teatros do Porto: o primitivo São João, localizado na Praça da Batalha, o antigo Príncipe Real, hoje Teatro Sá da Bandeira.

Disse mal e disse bem pelas terras por onde passou. Pelo Porto, Coimbra do Mondego, Paris, Lisboa e ilha da Madeira. Apenas se lhe escaparam às suas antinomias Leça da Palmeira e o Lugar do Seixo, junto a Vila Meã. É nestas terras que pretende sempre buscar a tranquilidade que necessita. No lugar do Seixo, o tempo é ainda de lembrança. De quando apanhava ninhos para o irmão Augusto mas também do tempo em que procurava recompor-se dos seus insucessos escolares.

Leça da Palmeira foi a terra em que o jovem Anto educou a sua alma, uma Leça bem diferente na época, da que António Nobre conheceu. Nesta localidade, sobrevive a memória do poeta em alguns edifícios, nomeadamente:

a Capela de Sant'Ana e a capela da Boa Nova. Na Rua António Nobre, erigiu-se um pequeno monumento com a réplica do busto esculpido por Tomás Costa. De maior fôlego, é o conjunto escultórico da autoria de Barata-Feyo, um pouco a norte do Farol da Boa Nova.

Amarante considera-o um escritor da sua terra, homenageando-o já em iniciativas, como é o caso do dia Mundial da Poesia, onde se organizou em 2015 uma conferência sobre o autor.

4.1.1. Obra

O documentário Vida e Obra de António Nobre¹¹ expressa que o poeta de Só é comparável a um Antero de Quental. É um poeta que inova. Traz para Portugal a lição dos simbolistas franceses, pelo menos na fase final da sua obra. A temática poética de António Nobre era uma temática tradicional. É um homem de inscrição provinciana e rural que põe a dialogar nos seus poemas a cidade com o campo. Aproveita uma tradição campestre e bucólica portuguesa, influenciada por Garret e Júlio Dinis. Traz para a poesia, algo novo o que criou grande choque na sua época.

A obra de António Nobre encontra-se fortemente marcada pelas paisagens que conheceu, pelo Douro Interior e Litoral, da sua infância e juventude. É um culto de António Nobre a inscrição das paisagens sobretudo do Porto e Coimbra, lugares como a Boa Nova e a Leça da Palmeira, aparecem ilustrativas.

¹¹ De acordo com informação do documentário Ler Mais, Ler Melhor: Vida e Obra de António Nobre consultado em 2deMar/2019 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=abc1aupGOiA>

A sua obra poética ficou marcada por alguma ironia amarga, perante um Portugal decadente e em agonia lenta e pela sua própria angústia perante a doença que o consumia. Também a vivência da saudade, o exílio da pátria, fazem-no expressar nos seus poemas algum pessimismo e obsessão pela morte. No entanto, a sua poesia deixa-nos memórias repletas de imagens das paisagens e das gentes que foram o cenário da sua vida. No fundo, trata-se de um retrato do país, em fins do séc. XIX, em especial das regiões do Norte, entre Douro e Minho.

A obra deste poeta maior insere-se na corrente ultrarromântica, com as características marcantes das gerações dos finais do séc. XIX, onde sobressaem o saudosismo, o simbolismo e o decadentismo.

Ao longo dos anos, escreveu a maior parte dos poemas “Só”, considerado este um dos livros mais tristes de Portugal. Nos versos desta obra, verifica-se uma busca por o tempo perdido na infância e da adolescência. Só, foi o único livro que o poeta publicou em vida. António Lobo Antunes considera-o “o grande livro da nossa literatura”. É um livro de memórias, premonições e viagens, onde paira, uma obsessão pela morte, que mais não seja do que a forma, de António Nobre, manifestar o seu amor à vida. Através dos versos que fez para o Só, o poeta continua bem vivo em todos os que são apaixonados pela poesia.

A principal contribuição de Nobre para o simbolismo português foi a alternância do vocabulário refinado dos simbolistas com outro mais coloquial. No início a sua poesia mostra uma influência de Almeida Garret e Júlio Dinis, numa segunda fase é notória a influência do simbolismo francês. Primeiras Versos e Despedidas foram obras publicadas depois de falecer.

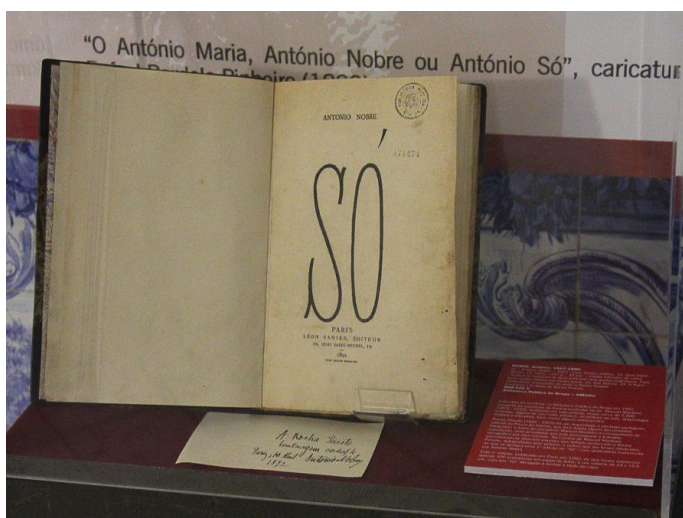


Figura 3 O livro de poemas Só

Fonte: <https://ominho.pt/wp-content/uploads/2017/11/A-BPB-tem-uma-rara-1%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o-autografada-de-S%C3%B3-e1510685225599.jpg>

4.1.2. Lugares

Capela da Boa Nova

Ó Boa Nova, ermida à beira-mar,
Única flor, nessa vivalma de areais!
Na cal, meu nome ainda là deve estar,
À chuva, ao Vento, aos vagalhões, aos raios!

Só, António Nobre



Figura 4 Capela da Boa Nova
Fonte: Fotografia da autora

Em Leça, sobrevive a memória do poeta em alguns lugares e edifícios. Como é o caso da Capela da Boa Nova (QUEIRÓS, p.29)

Segundo informação disponível no site da Junta de Freguesia de Leça da Palmeira¹² A Capela da Boa Nova, situada na freguesia de Leça da Palmeira, concelho de Matosinhos é também conhecida como Ermida de S. Clemente de Penhas. Foi fundada em 1392, pelos franciscanos. Existiu neste lugar um convento de franciscanos, que foi sendo demolido até ficar apenas esta capela e dois anexos, que António Nobre refere em muitos dos seus versos. A capela esteve sempre muito ligada às gentes da terra e aos pescadores que ali celebraram o seu patrono, S. João.

¹² De acordo com informação disponível no site da Junta de Freguesia da Leça da Palmeira consultado em 5deNov/2019 http://www.jf-matosinhoslecapalmeira.pt/pages/346?poi_id=205

Capela de Sant'Ana

Ó altar da Senhora, coberto de luzes!
Ó poentes da Barra, que fazem desmaios...
Ó Santana, ao luar, cheia de cruzes!
Só, António Nobre

Igualmente a Capela de Sant'Ana, é um lugar que faz parte do roteiro do jovem Anto. (QUEIRÓS , p.29)

Segundo informação disponível no site da Junta de Freguesia de Leça da Palmeira¹³ A Capela de Sant'Ana foi edificada no século XVIII e reconstruída entre 1762 e 1768, pela mão do reverendo José dos Santos. Na capela-mor existe um retábulo em talha dourada com uma imagem de Santana no centro. Quando a cólera assolou Leça da Palmeira, esta capela, serviu como hospital de emergência para prestar assistência aos doentes.

É realizado no espaço envolvente da capela as festividades que honram Santa'Ana, entre o dia 26 de julho e o primeiro domingo do mês de agosto.



Figura 5 Capela de Santana

Fonte: <https://www.leca-palmeira.com/patrimonio-religioso-de-leca-3/>

¹³ De acordo com informação disponível no site da Junta de Freguesia da Leça da Palmeira consultado em 6deNov/2019 http://www.jf-matosinhoslecapalmeira.pt/pages/346?poi_id=204

Quinta da Conceição

Leça foi a terra em que o poeta de Só educou a sua alma. Aí se fez ao mar com o moreno Gabriel, caminhou até à Quinta da Conceição ou até à praia da Boa Nova. (QUEIRÓS, p.28)

A Quinta da Conceição fica situada na freguesia de Leça da Palmeira, concelho de Matosinhos, circundada pela rua de Vila Franca e pela Avenida Antunes de Guimarães. Em meados do século XV, este espaço foi escolhido pelos frades franciscanos para aqui se instalar o Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ordem de São Francisco, por estes terem sido forçados a deixar o Convento de S. Clemente das Penhas (lugar onde está a Capela da Boa Nova), devido à proximidade com o mar, que trazia muitas represálias. Com esta transição, surgem novos elementos, nomeadamente um claustro, chafarizes, uma noca, capela, a capela de São Francisco e portais manuelinos. (CERQUEIRA, 2018, p.20)

Mais tarde, as ordens religiosas foram-se extinguindo, levando os frades a retirarem-se, e conseqüentemente ao Convento. No século XX a quinta é cedida à Administração dos Portos do Douro e Leixões, que arrenda à Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Matosinhos, para a criação de um parque.

É ao arquiteto Fernando Távora, que é solicitado um plano de melhoramento da Quinta da Conceição. O lugar era ainda o espelho do antigo convento de frades, com elementos bem presentes como os claustros, os tanques, a capela, entre outros. Assim, o arquiteto decide manter essa estrutura, criando uma harmonia entre o século XV e o século XX. (CERQUEIRA, 2018, p.21)

Atualmente, a Quinta da Conceição é um parque público com belos jardins. É ótimo para longos passeios, piqueniques e para praticar desporto.



Figura 6 Quinta da Conceição

Fonte: <https://www.leca-palmeira.com/quinta-da-conceicao-2/>

Monumento de Homenagem a António Nobre no Jardim de João Chagas

Existe no Jardim João Chagas, no centro do Porto, um monumento com o busto de António Nobre, projeto de Correia de Silva e executado por Tomás Costa, em 1927. Neste monumento cita-se a sua obra “Só” com ramos de flores e uma linha alegórica à sua inspiração poética. (OLIVEIRA, 2017, p.102)

Segundo informação disponível no site da U. Porto¹⁴ o Jardim de João Chagas mais conhecido por Jardim da Cordoaria, é um jardim público da segunda metade do século XIX, traçado por Emile David.

¹⁴ De acordo com informação disponível no site da U. Porto consultado em 4deSet/2019 Disponível em https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=edif%3%adcio%2oda%2oreitoria%20-%2ocampo%2odos%2om%3%artires%2oda%2op%3%atria%20-%2olado%2osul:%2ojardim%2ode%2ojo%3%a3o%2ochagas



Figura 7 Monumento a António Nobre

Fonte: <http://www.visitporto.travel/visitar/paginas/descobrir/DetalhesPOI.aspx?POI=952>

Casa do Seixo e Quinta Pedagógica

Quando vem junho e deixo esta cidade,
Batina, Cais, tuberculose Céus,
Vou para o Seixo, para a minha herdade:
Adeus, cavaco e luar! Choupos, adeus!

Só, António Nobre

O Seixo foi o lugar que António Nobre mais admirou. Neste lugar nasceu a sua mãe e morreu o seu pai. As viagens ao “velho Douro” com o seu pai faziam-se normalmente de comboio, partindo da estação de Campanhã, com desembarque nas estações mais próximas do lugar do Seixo, em Caíde ou em Vila Meã. No seixo, o Anto não se limitava apenas a escrever cartas e versos e a passear pelos lugares mais próximos (Linhares, Casal e Devesa). Por vezes ia até Vila Meã para assistir às touradas que se realizavam ao domingo, no Largo da Feira. No seu percurso de vida, várias vezes se deslocou ao Seixo, à casa da mãe. Neste lugar, sempre procurou a paz que revém na bondade e gentileza,

do povo desta terra, que os revela a sua obra “Viagens na Minha Terra”. (QUEIRÓS, 2008, p.8)

A famosa Casa do Seixo, casa que ainda hoje existe, embora o proprietário dela já tenha falecido, manteve o espírito de António Nobre no espaço que adquiriu. Existe ainda lá um quarto, que era o quarto onde António Nobre passava largas temporadas antes de ter falecido.

Como consta no site oficial da Quinta Pedagógica do Seixo¹⁵, a poucos metros da Casa do Seixo, existe esta quinta pedagógica, por onde António Nobre fez vários passeios. A Quinta Pedagógica do Seixo situa-se no limite dos concelhos de Penafiel e Amarante numa zona onde o património natural ainda está preservado. É uma propriedade com produção de produtos agrícolas, em que a estrutura da casa principal remonta ao séc. XVII.



Figura 8 Casa do Seixo

Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/penafiel/monumentos/casa-de-antonio-nobre-casa-do-seixo>

¹⁵ De acordo com informação disponível no site da Quinta Pedagógica do Seixo consultado em 20deJul/2019 Disponível em http://www.quintadoseixo.com/opitem.asp?idioma=item_lingua1&op=6&cat=6

Casa do Barreiro e Capela de São Brás e São Tiago

Depois de António Nobre ter regressado de Nova Iorque, foi tratar, que teria apanhado no barco. E foi trata-la às Termas de São Vicente, onde conhece as fidalgas do Carvalho, senhoras que viveram em Vila Meã. Os bailes e os piqueniques arrastavam António Nobre, ainda em Vila Meã, para as Casas do Carvalho e de São Brás, que eram propriedade da família das duas jovens amigas, Maria da Graça e Eugénia de Vasconcelos. (QUEIRÓS, 2008, p.39)

A Capela de São Brás e São Tiago, mais conhecida pelos populares, unicamente por Capela de São Brás, fica em Real, na freguesia de Vila Meã, supondo-se ser uma das mais antigas da freguesia, edificada no século XVII ou início do século XVIII. É propriedade privada dos Mendes de Vasconcelos, da Casa do Carvalho, estando atualmente na posse de José Carneiro Giraldes Mendes de Vasconcelos, herdeiro da Casa do Barreiro, conhecida por Casa de S. Brás, em cuja quinta se encontra o terreno em que a capela está construída.

A capela é popularmente conhecida, por aí se realizar anualmente, a 2 e 3 de fevereiro, a Romaria de São Brás. Atente-se as palavras de Torcato Bessa¹⁶, em 2002, para O Jornal de Vila Meã, sobre a importância desta romaria para a comunidade local:

A mais antiga romaria que se realiza em Real e de que temos notícia é a romaria de S. Brás, que ainda hoje se realiza na capela da Quinta do Barreiro, pertença dos Vasconcelos do Carvalho. No dia 31 de Janeiro começavam a rufar tambores em deslocações circulares à volta da capela, anunciando que estava a chegar o dia 2 de Fevereiro, dedicado aos ex-votos e ao arraial mundano. (...) Muitos dos habitantes de Real guardavam dia santo e, no tramo do meio-dia lá iam gozar o resto do dia para a Feira do Marco. Actualmente, só o guardar dia santo e a Feira do Marco saíram da romaria e da festa do S. Brás. Quanto ao restante tudo se mantém na mesma, havendo ainda muitos que fazem questão

¹⁶ De acordo com informação disponível no site do Baixo Tâmega, sobre a Romaria de São Brás consultado em 18deJul/2019 Disponível em http://www.baixotamega.pt/frontoffice/pages/317?geo_article_id=363

de não trabalhar na tarde do dia 2, com algumas empresas a fecharem as portas para permitir que os seus trabalhadores mantenham viva a tradição. (BESSA, 2002, p.7)



Figura 9 Casa de São Brás
Fonte: Fotografia da autora



Figura 10 Capela de São Brás em dia de festa
Fonte: Fotografia da autora

4.2. AGUSTINA BESSA-LUÍS

Mas se é de Amarante, um homem nunca parece de outro lugar.

Agustina Bessa-Luís



Figura 11 Agustina Bessa-Luís

Fonte: <https://www.wook.pt/wookacontece/novidades/noticia/ver/agustina-a-escritora-incomoda-que-ironizava-os-nossos-vicios/?id=151646&langid=1>

Agustina Bessa-Luís, pseudónimo de Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa, nasceu em Vila Meã, freguesia do concelho de Amarante, a 15 de outubro de 1922.

Descende de uma família de raízes rurais de Entre Douro e Minho e de uma família espanhola de Zamora, por parte da mãe. O seu pai Arthur Teixeira de Bessa, que foi para o Brasil aos doze anos de idade, fez lá fortuna considerável, tornando-se a família de Agustina, uma família rural com posses. A sua infância e adolescência são passadas nesta região, cuja ambiência marcará fortemente a sua obra.

Agustina (2014) afirma onde pertence a sua identidade, quando proferiu a seguinte frase “Como herança genética devo muito à região de Amarante. São lugares de convivência, onde tudo se aprende e pouco se condena.”

Dois anos depois de Agustina nascer, o pai vendeu a casa em Vila Meã e foram viver para Gaia:

Devo dizer que nasci na região de Amarante e que sou um produto da região, como o vinho verde, que não embriaga mas alegre. Meu pai, com umas saudades de se converter ao rural depois de muitos anos de vadiagem buliçosa, quando se casou pensou arrumar-se da província. Aborrecia-se de morte, e a casa que comprou em Vila Meã e onde eu nasci vendeu-a logo a seguir. Fomos viver para Gaia e havia defronte um pequeno zoo, não sei se particular. (BESSA-LUÍS, 2014, p.34)

Em criança, a escritora passava as suas férias grandes com o irmão, em Travanca, na Quinta do Paço, das tias, onde se inspirou mais tarde para escrever a Sibila, que representava a tia Amélia. Nesse período, Agustina vivia na Maia, numa propriedade com parque e lagos. As contingências da vida do seu pai levaram a família a mudar por diversas vezes de terra. Viveram em Gaia, no Porto, na Póvoa de Varzim, em Águas Santas, em Bagunte, Vila do Conde e em Godim, no Douro, naquela que era a casa de família da sua mãe. Mas seria a relação com a região duriense, durante largas temporadas da sua infância e adolescência, que viria a marcar fortemente a obra da escritora.

Depois de a propriedade em Aguas Santas ter sido vendida, a família deslocou-se para a Póvoa do Varzim, onde Agustina frequentou o colégio Velho das Doroteias. A Póvoa foi a terra da idade de Prata da escritora, onde o pai comprou o casino e o passou a gerir.

Nesse tempo, os seus pais, compraram uma quinta em Vila do Conde, a Quinta dos Cavaleiros. Segundo Agustina, era um lugar excêntrico no sopé do Monte da Cavidade, onde existiam vestígios dum castro romano.

A volta à cidade do Porto estava cheia de promessas: Casou-se em 1945 com o advogado Direito Alberto Luís, na Igreja Românica de Cedofeita, que conheceu através de um anúncio no jornal e mudou-se com o marido para Coimbra.

Nas palavras de Agustina, Coimbra pareceu-lhe pacata, arrastada e sem imaginação. Foi durante esse período que começou a escrever o livro Mundo

Fechado. Enviou o livro para escritores de destaque como Teixeira de Pascoaes, Aquilino, Ferreira de Castro e Torga. Respondeu-lhe Aquilino com grande entusiasmo e Torga foi mais prudente. Viveu em Coimbra até 1948, fixando-se posteriormente na cidade do Porto, das Belas-Artes e do Cine-Club. Viveram num andar sobre Miragaia com janela panorâmica.

A Casa do Gólgota foi comprada com a venda da casa de praia, como esta tinha sido adquirida com a venda duma pequena propriedade, herança das suas tias da Casa do Paço. Agustina permaneceu neste lugar, numa Rua da Boavista, até falecer, a 3 de junho de 2019.

4.2.1.Obra

Como refere a biografia de Agustina Bessa Luís, criada pelo Círculo Literário Agustina Bessa-Luís¹⁷ desde cedo manifestou o gosto por escrever histórias e pela leitura, influência dos livros da biblioteca pessoal do avô materno, Lourenço Guedes Ferreira. Foi com estes que estabeleceu contacto com alguns dos melhores escritores franceses e ingleses que lhe despertaram a narrativa. Na juventude escreveu dois romances com o pseudónimo de Maria Ordoñez: o primeiro Ídolo de Barro, que acaba por não publicar, e o segundo Deuses de Barro, do qual desapareceu o manuscrito embora exista o datiloscrito.

¹⁷ De acordo com informação disponível no site Círculo Literário Agustina Bessa-Luís, Consultado 6deNov/2019 Disponível em <https://www.clabl.pt/pt/agustina/biografia/>

Segundo Fátima Marinho, no documentário Vida e Obra de Agustina¹⁸, a escritora vai buscar para as suas obras, as pessoas que conheceu no meio onde nasceu e na cidade do Porto. Vai transfigurá-las e criar universos romanescos apoiados nessa vivência que teve nos dois meios.

Em 1948, estreou-se como romancista com a obra Mundo Fechado, quatro anos mais tarde com o romance a Sibila. Foi em 1954, com o romance “A Sibila”, que Agustina Bessa-Luís se impôs como uma das mais importantes representantes da ficção portuguesa contemporânea. A Sibila, de Agustina Bessa-Luís, pode ser considerado uma saga ou “epopeia” familiar, porque apresenta diferentes gerações da família Teixeira, através das personagens femininas, sobretudo Joaquina Augusta, a Quina, que é a sibila do título. O enredo passa-se no lugar de Travanca, onde se localiza a casa da Vessada/Casa das Teixeiras, propriedade rural pertencente à família da protagonista, por mais de dois séculos. (GIROLA, 2008, p.60) É uma das obras mais lidas e conhecidas de Agustina. A Sibila inaugura uma forma de narração que vai consagrar a escrita de Agustina, que assenta em três vetores: a importância do universo feminino, uma vez que as personagens principais são mulheres; a importância da recordação e um discurso repetitivo que acrescenta sempre algo novo. Estes três vetores estão presentes em quase toda a obra de Agustina.

O livro O Vento, Areia e Amoras Bravas, continuação do livro Dentes de Rato, é para a filha Mónica Baldaque, uma obra que leva o leitor aos lugares da infância de Agustina, ao lugar do Paço e à Póvoa do Varzim.

O livro Contos Amarantinos faz referência à região de Amarante, onde transcreve histórias que as tias da Quinta do Paço partilhavam.

Algumas das suas obras foram adaptadas ao cinema por Manoel Oliveira, como Francisca e Vale Abrão. O romance as fúrias foi adaptado ao teatro por

¹⁸ De acordo com informação disponível no Documentário: Ler Mais, Ler Melhor: Vida e Obra de Agustina Bessa Luís Consultado em 20deMarç/2019 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HbMBPKD2mIg>

Filipe Lá Féria. Tornou-se conhecida não só como romancista, mas também como autora de peças de teatro, guiões para cinema, biografias, ensaios e livros infantis, e a sua obra conta até ao momento com mais de meia centena de títulos.

Foi diretora do Jornal 1º de Janeiro, diretora do teatro nacional D. Maria II e membro da alta autoridade para a comunicação social.

Agustina viu os seus primeiros livros elogiados por autores consagrados como Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e Vitorino Nemésio.



Figura 12 Capa de uma das edições do livro A Sibila

Fonte:

http://2.bp.blogspot.com/Xlda7k9eh4s/SibzF1FOGUI/AAAAAAAAABqw/R_LQNqowFog/s40o/agustina.JPG

4.2.2. Lugares

Casa onde nasceu

No Documentário “Agustina Bessa Luís – Nasci Adulta e Morrerei Criança”¹⁹ a autora revela que a casa onde nasceu foi em Vila Meã. O seu pai comprou essa casa, quando veio do Brasil, com aquela saudade muito ingentes quanto ao lugar da infância. Teve lá dois anos e vendeu-a. A Casa onde nasceu Agustina Bessa Luís fica situada na rua, que outrora foi o coração do extinto concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega.

Eu nasci em Vila Meã, que em tempos foi sede de concelho e perdeu o título como os campeões o perdem, menos os santos, que são campeões do amor de Cristo e têm patrono mais fiel do que os juízes deste mundo. Vila Meã, portanto, que cai de surpresa da estrada de Amarante para os lugares airosos de Travanca e de Real. Há outra Travanca, que foi onde viveu Pascoaes e que eu visitei há muitos anos a cavalo, por caminhos serranos e serpentinos onde a poesia se adornava de giestas brancas.

Em Vila Meã, na rua principal e coração da vila, eu nasci num domingo de chuva, às seis horas da tarde. A casa tem fachada que parece anexo do mosteiro de Las Huelgas, de tão ampla e solene. Ali vi o dia, que era, como disse, de chuva pegada. Ainda hoje gosto da chuva e quanto mais diluviosa melhor. (BESSA-LUÍS, 1997)

¹⁹ De acordo com informação disponível no Documentário: Agustina-Bessa Luís – Nasci Adulta e Morrerei Criança Consultado em 30deJun/2019 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BrvDXCBtPlo>



*Figura 13 Casa onde nasceu Agustina Bessa Luís vista do Largo Carlos Freitas (onde se situa a Biblioteca Municipal)
Fonte: Fotografia da autora*

Biblioteca Municipal - Pólo de Vila Meã (Antigos Paços do Concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega)

A Biblioteca Municipal Albano Sardoeira (Pólo II) fica quase em frente à casa onde nasceu Agustina Bessa-Luís. É um lugar que merece a visita pelo esplendor do edifício com características barrocas. Situa-se no largo Carlos Freitas. A fachada abrasonada é o plano de fundo do Pelourinho.

Neste lugar podemos entrar no mundo de Agustina Bessa-Luís com as várias obras de escritora, que a biblioteca disponibiliza. Na entrada, existe uma pequena demonstração da obra de Agustina, com fotografias da autora e palavras suas que se referem a Vila Meã.



Figura 14 Biblioteca - Pólo de Vila Meã (antigos paços do concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega)

Fonte: Fotografia da autora

Casa das Teixeira/ Casa das Vessadas na Quinta do Paço

A casa de família, que Agustina guardou recordações, fica em Travanca, onde moravam as tias e os avós da escritora, que aparece em muitos livros seus.

A Casa que inspirou o romance “A Sibila” é a casa de suas tias, onde Agustina passou grande parte dos verões da sua infância, sendo esta um ponto de passagem.

- Há uma data na varanda desta sala- disse Germana – que lembra a época em que a casa se reconstruiu. Um incêndio, por alturas de 187, reduziu a cinzas toda a estrutura primitiva. Mas a quinta é exactamente a mesma, com a mesma vessada, o mesmo montado, aforados à Coroa há mais de dois séculos e que têm permanecido na sucessão directa da mesma família de lavradores. (BESSA-LUÍS, 1998, p.7)



*Figura 15 Roteiro literário na Casa das Vessadas/Casa das Teixeira proporcionado pelo Stay To Talk Instituto e a Rota do Românico
Fonte: Cedida por Stay To Talk Instituto*

Mosteiro do Salvador de Travanca

O Mosteiro de Travanca foi o lugar onde Agustina foi batizada e que serviu de inspiração para o romance “O Mosteiro”.

A fundação deste mosteiro é atribuída a Garcia Moniz. Ao longo da idade média, este cenóbio teve uma grande influência no controlo económico político e religioso da região. Este grandioso conjunto, composto pela igreja e torre, demonstra exatamente a economia agrícola que desenvolveu e as sucessivas pretensões dos homens a ele ligados ao longo da história. (ROMÂNICO, p.212) A torre, isenta, é uma das torres medievais mais altas em Portugal. (ROMÂNICO, p.215)

O mosteiro de Travanca fica num rechão que faz ressoar os sinos pelas vessadas. Havia no mosteiro uma Senhora do Leite pintada a fresco e que não se sabe aonde foi parar. Apareceu quando se descascaram as paredes da calça que as cobria. Mesmo assim, a igreja é do mais puro românico, com sombras pesadas que convidam à oração (...) (BESSA-LUÍS, 1998)



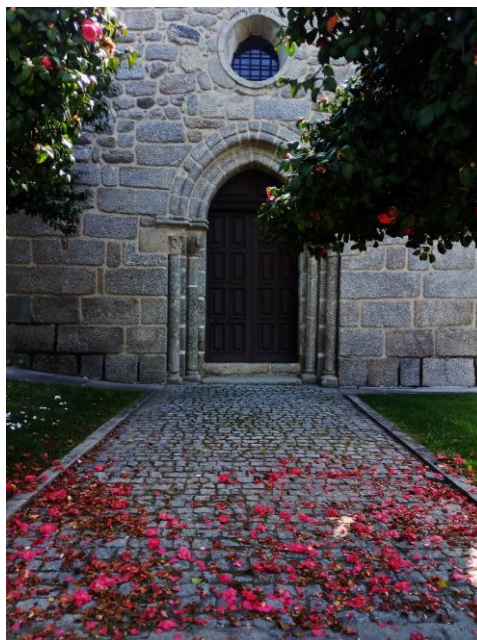
Figura 16 Mosteiro de Travanca
Fonte: Fotografia da autora

Igreja do Salvador de Real

A Igreja do Salvador de Real enamora a literatura de Agustina Bessa-Luís e é o lugar, que nos privilegia uma paisagem circundante, que serviu de inspiração para a autora da Sibila, quando escreveu sobre Vila Meã.

A igreja do salvador de Real ergue-se numa encosta sobranceira às agramas que rodeiam a linha de água. Encontra-se isolada e sobrelevada, relativamente ao caminho que nos leva até ela.

Com a edificação, da nova igreja em 1938, esta perde autonomia e é deixada ao abandono. No que toca a tempos medievos, pouco se sabe acerca da edificação desta igreja, mas com alguns vestígios mais recentes, conta-se que terá sido edificada no primeiro quartel do século XIV, integrando assim um românico tardio. (ROMÂNICO, p. 209)



*Figura 17 Portal da igreja do Salvador de Real
Fonte: Fotografia da autora*

Estação de São Bento

O comboio, chegado a São Bento, parecia deixar os pulmões na linha; um fumo branco como espuma inundava o cais; das portinholas saía de roldão uma gente apressada e que, de repente, rompia os laços de viajante e mergulhava na cidade com as suas malas e os embrulhos, pronta a começar o dia urbano, a apanhar táxi, a reconhecer a família que lhe estende os braços. (BESSA-LUÍS, p.6)

A Estação de São Bento, surge no livro de Agustina “Estações da Vida”, daí que seja uma passagem obrigatória no roteiro de Agustina. Neta de um ferroviário e natural de uma terra por onde o comboio passa, a escritora assumiu o fascínio que tinha pelo comboio, pelas estações e as gares.

Foi pelo rei D. Carlos I, que foi lançada a primeira pedra para a construção da Estação de São Bento, no local onde estava o Convento de São Bento de Avé

Maria. Um projeto de Marques da Silva, que merece uma visita, com os azulejos da autoria de Jorge Colaço que cobrem o átrio da estação. É uma das obras mais representativas da corrente nacionalista e histórica do azulejo português. (SERENO & SANTOS, 1994)



Figura 18 Estação de São Bento
Fonte: <https://www.infraestruturasdeportugal.pt>

Igreja de São Martinho de Cedofeita

Agustina Bessa-Luís casou com o seu marido Alberto Luís, na Igreja Românica de Cedofeita, a 25 de julho de 1945.

Como consta no site do Património Cultural²⁰ à igreja Românica de Cedofeita, que se encontra no centro da cidade do Porto, antecederam pelo menos dois templos, no lugar onde está erguida. Considera-se que esta poderá ter sido uma obra a par do projeto românico tardio da Sé Catedral do Porto, onde terá trabalhado Soeiro Anes, um nome associado à Sé Velha de Coimbra.

²⁰ De acordo com informação disponível no site Património Cultural Consultado 5 de Fev/2019 Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70398/>



Figura 19 Igreja Românica de Cedofeita

Fonte: <http://visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/DetalhesPOI.aspx?POI=969>

4.3.ACÁCIO LINO



Figura 20 Acácio Lino

Fonte: <http://clagocerqueira.pt/pt/personalidades>

Acácio Lino nasceu na abastada Casa da Pedreira, na freguesia de Travanca, a 25 de fevereiro de 1878, sétimo filho de Rodrigo Pereira da Costa Magalhães e de Maria do Carmo Pinto de Carvalho.

Desde cedo, demonstrou um notável dom para as artes, no qual aos nove anos de idade já realizava desenhos em papel quadriculado. Depois de concluir o exame de instrução aos 12 anos, mudou-se para o Porto, para a casa do seu irmão Albano. Para aprofundar a sua arte, o irmão contratou o professor Marques de Guimarães para lhe dar aulas aos domingos. Acácio Lino, para além de frequentar o liceu, frequentava também o atelier do seu mestre, na Rua Passos Manuel, e posteriormente as aulas de Desenho Histórico e Escultura. Nesta época conheceu vários artistas como Almeida e Silva, Manuel Moura, Frade, Tomás Moura, Cândido da Cunha, Silva Carvalho, Lago Pinto, Alberto Sousa Pinto e Marques de Oliveira, por quem nutria uma profunda amizade.

O seu pai, sempre tinha ambicionado para Acácio Lino, um mundo que não envolvesse a arte e a criatividade. Desejava que se licenciasse em medicina, tal foi o desgosto, ao saber que o filho desejava seguir Belas Artes. O acontecimento aborreceu-o profundamente, levando-o a cortar a mesada de que o artista dependia. Acácio Lino matriculara-se, entretanto, em Pintura e Escultura na Escola de Belas Artes, no Porto.

Estudou na Academia Portuense de Belas Artes onde viria a lecionar Desenho Histórico. Terminado o curso, foi, de seguida, admitido como bolseiro do Estado. Partiu para a “cidade-luz” em 1904, onde teve como mestres Jean-Paul Laurens e Fernand Cormon, que lhe transmitiram o gosto pela pintura histórica. Durante a sua estada, conviveu com artistas de diferentes nacionalidades e compatriotas seus, como Marques de Oliveira e José Malhoa.

Regressado em 1906 a Portugal, foi recebido com grande entusiasmo pelos alunos da Escola de Belas Artes do Porto. Voltou novamente a Paris, vagueou pela Suíça e Itália. Quando voltou, lecionou a cadeira de desenho no Liceu Alexandre Herculano.

Foi nomeado professor interino, da disciplina de desenho histórico, em 1912, na Escola de Belas Artes, onde fez a maior parte da carreira de docente, ocupando posteriormente o cargo de subdiretor.

Travanca, onde permaneciam as suas raízes, nunca fora esquecida pelo pintor, lugar onde existia um atelier que servia-lhe de inspiração.

Foi alvo de imensas homenagens em vida. Em 1984, foi publicado O Livro de Ouro – Homenagem ao pintor Acácio Lino, com a comemoração do seu jubileu em 1948, sendo-lhe atribuído o Grau de Comendador da Ordem de Cristo. Foi premiado com medalha de honra em pintura pela Sociedade Nacional de Belas-Artes em 1927, a Comenda da Ordem de Santiago da Espada em 1940 e, em 1941, distinguido com medalha de Ouro de Mérito Artístico da Cidade do Porto.

Eterno dedicado à família e à esposa Dina, não deixou descendência. Faleceu a 18 de abril de 1956, na sua casa no Largo Soares dos Reis. Está sepultado no cemitério da freguesia de Travanca, retornando no fim, ao lugar que o viu nascer. (ALVES, 2008)

No livro *Marânus: Antologias de Textos sobre Amarante*, Joaquim Lopes (p.31), referem sobre Acácio Lino:

Tinha eu os meus quinze anos quando, através dum condiscípulo do Artista, comecei a ouvir pronunciar o nome de Acácio Lino, que entre professores e alunos da Escola de Belas-Artes, era já considerado uma revelação.

Diz mais ainda Joaquim Lopes (p.32):

Acácio Lino, como pintor, jamais deixou adormecer os pincéis que o ajudaram a conquistar os triunfos. No seu atelier do Porto, durante os largos períodos escolares ou nas férias grandes, no ambiente da sua casa de Vila Meã, a despeito a rondar já a casa dos setenta contínua incorrigível, madrugador a levantar-se às primeiras horas da manhã e a ser o infatigável trabalhador de sempre.

4.3.1. Obra

Segundo informação que consta no site da Universidade do Porto²¹, onde Acácio Lino foi professor, o mestre destacou-se na pintura naturalista, histórica, no retrato e em temas religiosos. Foi discípulo do pintor Marques de Oliveira na Escola de Belas-Artes do Porto, onde veio a lecionar, e de Jean-Paul Laurens e Cormon, em Paris. Tendo-se dedicado à pintura de paisagem com animais e cenas populares, foi na temática histórica que se destacou, executando especialmente obras de inspiração camoniana, como *Camões Junto do Túmulo de Natércia*, *As Ninfas na Ilha dos Amores*, *Visão de Epopéia e Adamastor* e da História de Portugal, como *Leonor Teles*, *O Grande Desvairo*, *D. Duarte de Menezes Defendendo a Retirada de D. Afonso* e a cena do drama de amor e morte de D. Pedro I e D. Inês de Castro.

Na sua obra escultórica, podemos destacar os bustos de Soares dos Reis, António do Lago Cerqueira, seu conterrâneo; de Ciríaco Cardoso e da sua esposa Dina.

As suas telas encontram-se um pouco por todo o país, nomeadamente em lugares que integram a Rota dos Artistas. Podemos ver Acácio Lino no Palácio de São Bento e no Museu Militar em Lisboa. No Porto, na Biblioteca Pública Municipal, Câmara Municipal, Museu Nacional Soares dos Reis, Igreja dos Congregados e Teatro Nacional São João. Nas Caldas da Rainha, no Museu Malhoa e no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, em Amarante.

²¹ De acordo com informação disponível no site da U. Porto Consultado em 30 de Jun/2019 Disponível em https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20ac%3%a1cio%20lino

4.3.2. Lugares

Casa das Figueiras (Casa-Museu Acácio Lino)

Na Casa das Figueiras em Travanca, hoje Casa-Museu, podemos reviver a arte e o engenho do pintor e escultor. Os terrenos desta casa foram adquiridos por Acácio Lino, de quem partiu a iniciativa de projetar a casa e os jardins.

A Casa-Museu Acácio Lino abriu portas em 2007, pela mão de um dos seus descendentes, Rui Brochado. Este espaço museológico tem como objetivo divulgar a imagem do artista, num lugar intensamente ligado à sua obra, que lhe serviu de inspiração em temáticas como a natureza e a vida rural. Neste espaço para além das visitas, podem organizar-se tertúlias, workshops e outras atividades lúdicas e educativas.



Figura 21 Casa-Museu Acácio Lino

Fonte: <http://www.portoenorte.pt/pt/oquefazer/detalhe.php?id=4129>

Museu Nacional Soares dos Reis

O Museu Nacional Soares dos Reis é um dos lugares, na cidade do Porto, onde podem ser vistas, obras de Acácio Lino. Está instalado no Palácio dos Carrancas, construção de finais do século XVIII que sofreu várias adaptações para esta nova função.



Figura 22 Museu Nacional Soares dos Reis onde encontramos a obra de Acácio Lino
Fonte: <https://www.pportodosmuseus.pt/2018/05/13/museu-nacional-soares-dos-reis-3/>

Igreja dos Congregados

A Igreja dos Congregados situa-se na Praça de Almeida Garrett, na cidade do Porto.

Segundo consta no site Monumentos²² A Igreja dos Congregados foi construída em 1703, no sítio onde existia uma antiga capela, dedicada a Santo António, datada do século XVII. A capela-mor foi reconstruída no século XIX e recebeu as pinturas murais de Acácio Lino.

²² De acordo com informação disponível no Site Monumentos consultado em 3deAgos/19 Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5467



Figura 23 Igreja dos Congregados no Porto, que recebeu pinturas murais de Acácio Lino
Fonte: <http://www.porto.pt/noticias/recuperacao-da-fachada-da-igreja-dos-congregados-ganha-premio-sos-azulejos>

Teatro Nacional São João

Tal como consta no site oficial do Teatro Nacional São João²³, este, foi originalmente chamado de Real Teatro de S. João, em homenagem ao príncipe regente e futuro rei D. João VI. É um edifício de arquitetura civil pública e neoclássica. Foi obra do arquiteto Marques da Silva.

Após um incêndio que destruiu completamente o edifício em 1908, este foi adquirido pelo estado em 1922 e inaugurado como Teatro Nacional de São João a 28 de novembro do mesmo ano. Foi restaurado, remodelado e reequipado, obedecendo a um projeto do arquiteto de João Carreira.

O espetador, quando sentado numa das cadeiras, olhando para o teto vai encontrar uma pintura da autoria de Acácio Lino e José de Brito.

²³ De acordo com informação disponível no site Teatro Nacional São João consultado em 7deAgos/19 Disponível em <https://www.tnsj.pt/pt/edificios/teatro-nacional-sao-joao>



Figura 24 Teto do Teatro Nacional São João pintado por Acácio Lino e João de Brito
Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/10/teatro-nacional-sao-joao.html>

Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso

Na cidade natal de Acácio Lino é paragem obrigatória, o Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, para melhor ficarmos a conhecer a obra do pintor e escultor. Numa sala dedicada a Acácio Lino, podemos encontrar os quadros O Grande Desvairo (1920) que recria a trasladação de D. Inês de Castro para o Mosteiro de Alcobaça e o quadro Amuada (1947).



Figura 25 Quadro de Acácio Lino "Morte de Inês de Castro e trasladação para o Mosteiro de Alcobaça" presente no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso
Fonte: <https://www.amadeosouza-cardoso.pt/pt/colecoes/acacio-lino>

4.4. AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

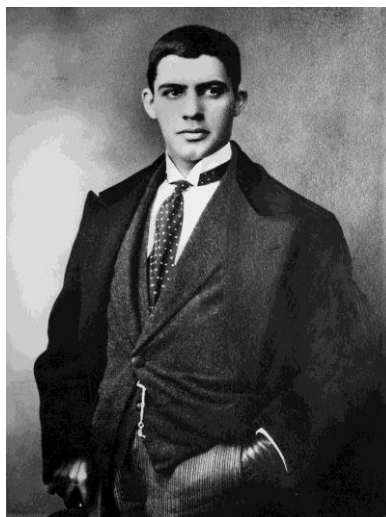


Figura 26 Amadeo de Souza-Cardoso

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Amadeo_de_Souza-Cardoso

Amadeo Ferreira de Souza-Cardoso nasceu a 14 de novembro de 1887 na Casa de Manhufe, freguesia de Mancelos, propriedade que se mantém na família até hoje. Dois dias depois, foi batizado na Igreja Paroquial, antigo Mosteiro de S. Martinho de Mancelos. (DAMÁSIO, 2018, P.11)

Cresceu no seio de uma família de abastados proprietários rurais, num contexto familiar e acolhedor, marcado pelo tipo de família alargada. O pai Emídio Cardoso tinha uma produção vinícola com algum desafogo. Amadeo viveu em harmonia com a sua família, mesmo quando teve de enfrentar imposições que iam contra a sua vontade. (DAMÁSIO, 2018, P.16)

Nos livros escolares de Amadeo durante os cinco anos em que frequentou o Liceu de Amarante, encontraram-se desenhos, monogramas, caricaturas, assinaturas, quase toda s lápis, onde manifestou desse logo algumas aptidões artísticas. Nesta época, quer na casa dos pais, que nas outras casas de família (Casa do Ribeiro, Casa da Pena, Casa da Lage, Casa da Torre), passava grande parte do tempo livre a ler e a desenhar. (DAMÁSIO, 2018, P.87)

O Tio Francisco, de Amadeo, um homem viajado e com uma cultura vasta, vai constituir uma das componentes importantes para influenciar o sobrinho, de quem foi conselheiro e confidente, a cursar arquitetura na cidade das Luzes e que depois seguiu o caminho das Artes Plásticas. Este que habitava a Casa do Ribeiro, a pouca distância da Casa de Manhufe, escondida na verdura, recolhida e discreta, acolhedora e soalheira e que mais tarde se tornará o atelier do pintor.

Em 1902, o Tio Chico apresentou o sobrinho Amadeo, de 14 anos, ao amigo António Carneiro com 30 anos de idade, por ocasião de uma das estadias do pintor amarantino na Casa do Ribeiro. Foi a primeira vez, que os desenhos foram vistos por um pintor reconhecido no mundo da Arte Portuguesa. Este encontro, foi fundamental para o destino de Amadeo e estas duas personalidades, vão influenciar Amadeo a seguir Arquitetura em Paris.

Amadeo e a sua família gozavam férias, como era habitual desde a sua infância, na casa da praia dos pais, em Espinho. Foi neste ano, que Amadeo por intermédio de António Carneiro conhece Manuel Fernandes Laranjeira, que viu no jovem artista, dons artísticos de exceção, direcionado para o desenho e para a arte da caricatura, onde Amadeo se estreou. Através da correspondência trocada entre Amadeo e Manuel Laranjeira, entre 1905 e 1910, é notório que o médico de Espinho é a personagem que mais influencia Amadeo, para que este seguisse uma verdadeira carreira artística, vendo nele grande talento e vocação artística.

O artista começou por estudar em Amarante, no liceu criado pelo pai de Teixeira de Pascoaes. Seguiu depois para Coimbra, com o objetivo de concluir o liceu e prosseguir os estudos. Amadeo ia predestinado a seguir Direito. Não entrou e em 1905 muda-se para Lisboa, para entrar frequentar Desenho na Academia de Belas Artes, com o objetivo de frequentar Arquitetura. Como menciona António Cardoso, no documentário “Amadeo de Souza-Cardoso: À

velocidade da Inquietação”²⁴ Lisboa não dizia nada a Amadeo e começa a pensar ir para Paris. Em 1906, parte para Paris, considerada naquela época o centro do mundo. A sua permanência na cidade luz prolonga-se por oito anos.

Algum tempo depois, conhecerá um artista italiano, Amadeo Modigliani, apresentado por Max Jacob. O encontro com Lucie e Modigliani irá fazer com que sejam figuras fundamentais na sua vida pessoal, humana e artística. Este será um período que representará uma nova etapa, que irá contribuir para que siga um novo rumo artístico, o encontro com os novos avant-garde²⁵. O encontro com Lucie foi para toda a vida. Através de Modigliani, Amadeo conviveu em Paris com os maiores artistas de então e realizou os primeiros trabalhos de grande sucessão e experiências que constituíram a totalidade da sua genialidade artística.

O desencadear da I Guerra Mundial, vai alterar completamente a vida e a trajetória de alguns artistas, que se viram obrigados a regressar às suas terras ou a refugiar-se em locais consideravelmente seguros. Foi o caso de Amadeo de Souza-Cardoso, que regressou a Manhufe, e do casal Delaunay que refugiou-se em Vila do Conde, envolvendo-se os três em grandes projetos artísticos, estabelecendo uma relação amigável e profissional. Utilizam os mesmos tons e temas. A convivência com estes artistas vai ditar o seu caminho na pintura nos seus últimos anos de vida.

A gripe pneumónica, conhecida como “gripe espanhola” assombrou Portugal e Amarante particularmente. Amadeo morreu em Espinho, a 25 de outubro de 1918, vítima dessa gripe, que ao contrário do habitual, os casos mais graves e mortais, atingiam a população mais jovem. Como disse Otto Freundlich “O nosso amigo Cardoso, morreu de gripe na flor da idade. O seu

²⁴ Documentário Amadeo de Souza-Cardoso: À velocidade da Inquietação”
Consultado em 7denov/19 Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=t6oCn2tcamw>

²⁵ Vanguarda Artística

percurso foi curto e brilhante. O destino concedeu-lhe ricos dons que desenvolveu cedo e de forma abundante”.

Agustina referiu no seu livro Dicionário imperfeito “ Amadeo de Souza-Cardoso, morreu como morriam as parturientes, da pneumónica.”

É a Fundação Calouste Gulbenkian, que alberga a maior parte das obras do artista, a par do Museu Amadeo de Souza-Cardoso, em Amarante, que representou um papel fundamental décadas após a sua morte, dando a conhecer a obra do pintor.

Ainda hoje não é conhecido o seu espólio artístico na totalidade. Há certamente obras de Amadeo espalhadas por Paris, Berlim, ou até mesmo na sua casa em Manhufe.

No livro Maranus, existe uma referência de Almada Negreiros (p.38) quando este visitou Amarante “Quando fui a primeira vez à terra natal de Amadeo, dezoito anos depois da sua morte, a luz na paisagem e as cores nas proporções eram as mesmíssimas, nos seus quadros de pintura.”

4.4.1.Obra

Amadeo de Souza-Cardoso trata-se de um dos rostos mais versáteis e da pintura portuguesa. Com a sua obra a ganhar contornos mais vincados no início do século XX, foi inevitável a influência modernista que bebeu e que incluiu no seu trabalho.

Estreou-se primeiramente na caricatura, fazendo crítica à sociedade da época, e estabelece um percurso singular também nesta temática.

A sua primeira abordagem parte da natureza das suas raízes. Apesar de se encontrar em Paris, retirava-se várias vezes, visitando a sua terra natal, o que estimulou a criatividade de Amadeo. Pinta muito a paisagem, paisagem essa que possui uma alma com que ele se identifica. As colinas verdejantes de Manhufe estão sempre presentes. Podemos observar esta temática, no seu

quadro “A Casa de Manhufe”, um quadro paisagístico com o seu casario presente no cimo, onde as tonalidades do verde destacam-se, acentuando o carácter da natureza presente. A casa dos Pais inspirou-o para várias obras que representam castelos medievais. (DAMÁSIO, 2018, p.679)

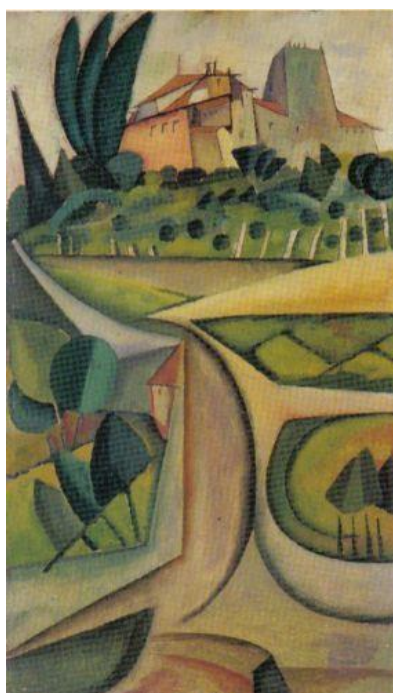


Figura 27 Quadro "A Casa de Manhufe"

Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/78/ec/do/78ecd07f42fc801ac6261b7352a800ee.jpg>

Todas as bases do seu trabalho foram-se modificando conforme foi importando novas técnicas e experiências em Paris. A efervescência do meio artístico parisiense afetou completamente o seu destino, abrindo-lhe o caminho da pintura.

Amadeo procura adquirir uma linguagem pessoal, sem recorrer a uma vanguarda especificamente. Nas suas obras podemos destacar características de vanguardas presentes no seu trabalho, nomeadamente o abstracionismo, o futurismo, o cubismo e o expressionismo, o que destaca ainda mais a ideia de ser um artista diversificado. Amadeo não seguia as escolas, procurava apenas a originalidade, o que o fazia demarcar dos artistas da sua geração. Nas suas composições ele sabe valorizar os tons, o que tem de por ao lado de quê para

combinar. Ainda hoje, podemos observar claramente de perto nas obras de Amadeo, a tonalidade bem viva das cores nas composições, devido ao material sublime que utilizava.

Em 1912 publicou uma espécie de portefólio que lhe atribuiu o nome “XX Dessins”. Os seus desenhos eram decorativos, surpreendentes, com uma essência oriental. Realizou nesse mesmo ano um manuscrito, baseado na obra de Flaubert “*La Légende de Saint Julien l Hospitalier*”, criando um conjunto de elementos nas páginas, aproximando-se de um livro medieval. Mostra um grande interesse pelo passado, o que era raro num artista das vanguardas. É sabido que as vanguardas pretendiam negar a História, mas Amadeo sente a necessidade de ir à História, tanto no conteúdo como na forma.



Figura 28 Quadro "Cozinha de Manhufe" uma das obras célebres de Amadeo
Fonte: <https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/5/2015/01/28201424/15468.jpg>

Nas suas obras é também de destacar o seu espírito futurista, aplicando a exaltação da velocidade nas suas composições. O facto de ter sido caçador e de passar várias temporadas na sua terra natal, tendo de deslocar-se de cavalo, a figura do cavaleiro é um tema que vai transferir para a pintura.

Foi em Portugal, sob o olhar provinciano e retrogrado da população, que realizou as obras mais provocatórias de todo o seu espólio artístico, revelando uma linguagem cubista e abstracionista e um aspeto proto dadaísta.

Marcou a vida de vários artistas daquela época, levando Almada Negreiros a afirmar em 1916, numa exposição do artista sobre o abstracionismo que “Amadeo de Souza Cardoso era a primeira descoberta de Portugal na Europa do séc. XX”.

As obras de Amadeo de Souza Cardoso revelam as suas raízes e universo mais pessoal mostrando as tradições, a música e o saber fazer de Amarante. Representam registos criativos criados há 100 anos e que testemunham, em muitos casos, os diversos elementos materiais e imateriais que constituem o Património Cultural Imaterial de Amarante que o artista presenciou. É o caso da Procissão Corpus Christi, dos instrumentos musicais como o cavaquinho, o bandolim ou a típica viola amarantina, as canções populares e os variados objetos de artesanato. (IGLÉSIAS, 2016, p.132)

Ao pintar a Procissão Corpus Christi em 1913, Amadeo deu-nos um testemunho inigualável, permitindo-nos visualizar a evolução do Património Cultural Imaterial e das transformações deste ao longo do tempo. Com esta obra, temos a oportunidade de ver não só a obra de arte do autor mas também uma tradição com quase 800 anos de história e todos os elementos humanos e materiais que dela fazem parte. (IGLÉSIAS, 2016, p.134)

4.4.2. Lugares

Casa de Manhufe



Figura 29 Casa de Manhufe

Fonte: http://www.baixotamega.pt/frontoffice/pages/302?geo_article_id=338

A casa onde nasceu o pintor mantém-se na sua família conservada quase como nos tempos em que o artista aqui viveu e pintou. De Amarante a Manhufe. Uma placa na fachada principal assinala a efeméride. No portão, tem a data da fundação da casa: 1867. A casa e as terras foram a herança dos pais de Amadeo, Amélia e José Emydio de Souza Cardoso.

A cozinha da Casa de Manhufe, um dos quadros mais emblemáticos de Amadeo, serviu de inspiração para o pintor. Nesse mesmo ano, o artista pintou várias paisagens e vistas da sua propriedade, em Manhufe. A sua casa, era um local de completa inspiração para o pintor modernista.

Atelier da Casa do Ribeiro



*Figura 30 Atelier de Amadeo de Souza-Cardoso
Fonte: Fotografia da autora*

Este lugar que guarda a memória do pintor, é desde há pouco tempo, um espaço dedicado ao turismo rural e à realização de exposições, workshops e eventos. Um lugar, que respira a alma inquieta de Amadeo.

Em setembro de 1909, em Manhufe, Amadeo sugere à família, em especial ao pai, a possibilidade de se poder construir, em Manhufe um espaço-estúdio (atelier), onde pudesse trabalhar, podendo deste modo conciliar as visitas periódicas à família de que tanto gostava e poder ao mesmo tempo trabalhar nos seus projetos artísticos. O pai aceitou, após algumas insistências, mas com a condição de ficar perto da Casa de Manhufe. Esse local seria junto à Casa do Ribeiro e do Picadeiro, onde viva a matriarca da família, avó materna de Amadeo, Ana Cândida, que passava grandes temporadas com o Tio Chico e os criados. O edifício do atelier encontra-se implantado numa pequena elevação em que uma parte do terreno em que já existia uma casa rural. (DAMÁSIO, 2018, p.36)

Casa da Granja



Figura 31 Casa da Granja

Fonte:

http://www.portoenorte.pt/fotos/oquefazer/1504012930.7657_9090321855a61c77903abd.jpg

A Casa da Granja, como informa o site Porto e Norte²⁶, foi construída no final do século XVII. Adquirida em 1855 pelo avô materno de Amadeo de Souza-Cardoso, Francisco José Cardoso e reformada em 1955, pelo seu pai, José Emídio de Souza-Cardoso, esta poderia ter sido a casa do filho e artista Amadeo e de Lucie, não fosse a sua vida assombrada pela peste bubónica que lhe ditou a morte precoce.

Atualmente, a Casa da Granja, é um espaço cultural que acolhe a associação para a criação da Casa-Museu Eduardo Teixeira Pinto, um fotógrafo amarantino e um dos nomes maiores da arte fotográfica portuguesa.

²⁶ De acordo com informação disponível no site Porto e Norte Consultado 18deNov/2019 Disponível em <http://www.portoenorte.pt/pt/oquefazer/detalhe.php?id=4130>

Mosteiro de São Martinho de Mancelos



Figura 32 Mosteiro de São Martinho de Mancelos

Fonte:

https://www.culturanorte.pt/fotos/galerias/mancelos_1_35818972454e7660b52cf4.png

O Mosteiro de São Martinho de Mancelos foi o lugar onde Amadeo foi batizado, dois dias depois de nascer, como é mencionado anteriormente, por Damásio.

É um Mosteiro de fundação privada, mencionado em 1120, talvez na esfera da linhagem dos Porto carreiros e depois dos Fonseca. O Mosteiro é uma referência da intervenção senhorial na criação e manutenção de igrejas particulares.²⁷

Apesar das sucessivas transformações ao longo dos séculos, conserva, importantes parcelas de um românico de resistência, de meados do século XIII. O que mais se destaca neste monumento é o imponente portal. ²⁸

²⁷ De acordo com informação disponível no site da Rota do Românico Consultado em 25deOut/19 Disponível em <https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/mosteiro-de-sao-martinho-de-mancelos/>

²⁸ De acordo com informação disponível no site Município de Amarante Consultado em 25deOut/19 Disponível em <https://www.cm-amarante.pt/pt/mosteiro-de-s-martinho-de-mancelos>

Junto à igreja, está o cemitério onde Amadeo de Souza-Cardoso se encontra sepultado.

A Igreja românica integra os cinquenta e oito monumentos que constituem a Rota do Românico.

Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso

O Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, já referenciado ao longo do texto, por constituir lugar de passagem nesta rota, está instalado no antigo convento dominicano, anexo à igreja de São Gonçalo.

Como consta no site do MMASC²⁹ na década de 80 do século XX, sofreu uma recuperação por parte do arquiteto Alcino Soutinho, para fins museológicos. O Museu municipal, já foi outrora Biblioteca-Museu Municipal de Amarante, criado em 1947, por Albano Sardoeira, com o objetivo de realizar a recolha de espólio concelhio. Perpetuar a memória de artistas e os escritores de Amarante, tais como Amadeo de Souza-Cardoso, António Carneiro, Acácio Lino, Teixeira de Pascoaes, Agustina de Bessa Luís, entre outros era outro objetivo.

O acervo é do museu, é hoje constituído por coleções de arte portuguesa moderna e contemporânea. Existe ainda um núcleo de arqueologia e os célebres Diabos de Amarante aí expostos, uma vez que fazem parte da identidade da cidade.

Amadeo de Souza-Cardoso é, assim, principal referência do Museu a quem lhe deu o nome.

²⁹ De acordo com informação disponível no site do MMASC Consultado 1deNov/2019 Disponível em <https://www.amadeosouza-cardoso.pt/pt/historia/historia-do-museu>



*Figura 33 Sala de exposições permanentes do Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso
Fonte: Fotografia da autora*

Quinta de Sacais

Amadeo de Souza-Cardoso casou com Lucie, na Quinta de Sacais, a 26 de setembro de 1914, um sábado de manhã. Os noivos entraram no Paço pelo portão da Quinta de Sacais e foram recebidos pelo bispo. A cerimónia realizou-se na capela do palacete, dedicada à nossa senhora das Dores. Construída por uma só nave, com retábulo de talha doirada, de estilo barroco, onde se observa uma imagem setecentista em roca, representando a padroeira.” (DAMÁSIO, 2018, p.451)

A Quinta de Sacais, na freguesia do Bonfim, na cidade do Porto já foi denominada anteriormente por “Quinta do Captivo” por ter esta pertencido ao Bispo do Porto D. Aires da Silva, que em Alcácer Quibir, ao lado de D. Sebastião tombou gloriosamente. A partir do século XVIII passou a chamar-se Quinta de Sacais.

A 24 de Março de 1914 foi assinado um contrato de arrendamento do palacete e quinta de Sacais para a instalação do Paço Episcopal e ser residência de D. António Barroso. O seu sucessor, D. António Barbosa Leão, aí residiu desde a sua entrada solene, a 08 de Setembro de 1919 até ao final desse ano, quando o Paço Episcopal passou para a casa dos Terenas.

Após a proclamação da República, são abertas a Avenida de Camilo e a rua de António Granjo, cortando grande parte da antiga quinta. (PINTO, 2011)



Figura 34 Quinta de Sacais

Fonte: <https://cidadetripeira.blogspot.com/2018/02/quinta-de-sacaiscativo.html>

4.5. ANTÓNIO CARNEIRO

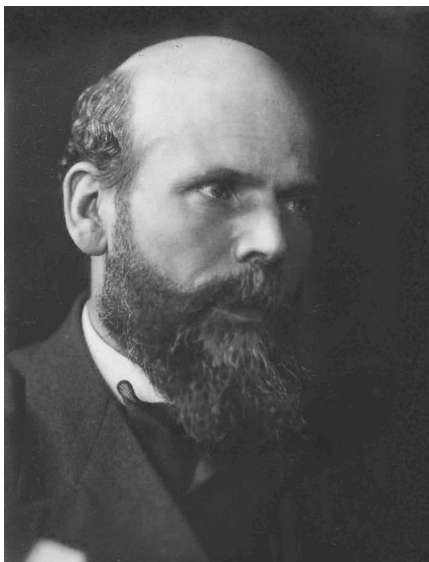


Figura 35 António Carneiro

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bc/Antonio_carneiro.jpg

António Teixeira Carneiro Júnior, pintor e desenhador, nasceu em São Gonçalo, Amarante a 16 de setembro de 1872, num meio pobre e solitário, devido à morte precoce de sua mãe, em 1879 e com a ausência do pai, que tinha partido para o Brasil em 1895. As névoas do Marão, a presença dos montes e das neblinas serão sempre lembradas por António Carneiro. (CASTRO, p.1)

Sozinho no mundo, foi uma vizinha que o levou para o Porto para o Colégio Barão de Nova Sintra, onde permaneceu até 1890. Na primária, teve os primeiros contactos com o desenho, copiando ilustrações religiosas. Este ilustre entretinha-se com tudo o que o rodeava e passava longos serões a desenhar sob a luz de uma candeia.

Em 1884, matriculou-se na Academia Portuense de Belas Artes do Porto, frequentando o curso de Desenho Histórico. Foi nesta época discípulo de Marques Oliveira. O facto de ter ficado órfão em menino e de ter ido para o

Porto sozinho, tornou-o uma pessoa solitária, que transpôs isso para as suas obras. (CASTRO, p.2)

Após concluir o curso de Desenho Histórico, passa a frequentar o curso de Escultura, tendo sido discípulo de Soares dos Reis. Matricula-se no curso de Pintura, em 1890 e torna-se discípulo de João António Correia. Finaliza o curso em 1896 com uma média de 18 valores. Em meados da década de 80 participa nas primeiras exposições coletivas. Em 90 conhecem-se algumas obras do pintor com retratos de amigos ou figuras amarantinas.

Casou em 1893 com Rosa Carneiro, de quem teve três filhos: Maria Josefina, Carlos e Cláudio. A filha do meio de António Carneiro, Maria Josefina, faleceu muito nova, de tuberculose. Esse foi um episódio da vida do pintor que aumentou a tristeza imensa que o acompanhava desde pequeno.

Carneiro não foi só pintor de Portugal, destacou-se no panorama internacional. Em 1887 partiu para Paris, com uma bolsa do Marquês de Praia e Monforte, frequentando a Academia Julian. Durante essa temporada, realizou uma viagem de estudo a Itália e à Bélgica. Participou na Exposição Universal de Paris em 1900. Em 1903 obteve algumas medalhas de prata na Exposição Universal de S. Luís, nos Estados Unidos da América, evento em que também participou Columbano. Em 1907 ganhou uma medalha de prata, na Exposição Internacional de Barcelona. Foi em 1908, premiado com uma medalha de ouro na exposição do centenário do Rio de Janeiro.

Carneiro, partilhou o seu atelier com o filho Carlos, também pintor. Foi um pai bastante dedicado aos filhos. Eles eram a sua alegria e pousavam várias vezes para o pai. Quando a filha Maria Josefina morre, começa a pintar figuras religiosas e o céu, onde pudesse encontrar algum sinal religioso da sua filha.

Como refere o site Universidade do Porto³⁰ que possui a biografia de António Carneiro, a par das suas atividades como pintor, professor e poeta,

³⁰ De acordo com informação disponível no Site da Universidade do Porto Consultado em 6deSet/19 Disponível em

dirigiu também a revista portuense Geração Nova e integrou a sociedade Renascença Portuguesa, que criou sede no Porto em 1911. Para este movimento, desenhou o ex-libris, usado em todas as suas edições, na revista A Águia, publicação que dirigiu a partir de 1912 com o amigo Teixeira de Pascoaes.

Foi homenageado em Amarante com Teixeira de Pascoaes, em 1924, e no Palácio da Bolsa, em 1925, ano em que inaugurou o seu atelier na antiga Rua Barros Lima (atual Rua António Carneiro).

António Carneiro faleceu a 31 de março de março de 1930, no Porto, a cidade que o acolheu desde a mocidade, após ter contraído hepatite, numa das suas viagens ao Brasil.

Teixeira de Pascoaes (p.40) afirmou sobre António Carneiro:

Conheci-o ainda, muito jovem, como estudante. E eu também era, nesse ano, talvez o de 1895, um estudante do liceu amarantino. Está numa fotografia dessa época, tirada no terreiro de minha casa: ele com os seus 21 ou 22 anos, de jaquetão abotoado, muito erecto ou já senhor do seu destino, de buço e espessa cabeleira a comer-lhe a testa, para a render, mais tarde, ampliada até às nuvens.

4.5.1.Obra

Podemos encontrar um pouco por toda a sua produção vestígios de uma solidão profunda, devido a ter ficado sem mãe e a presença do pai e com a perda da sua filha. Carneiro, destacou-se também nos temas de carácter religioso, paisagem e Auto-retrato. Consequentemente torna-se uma tarefa árdua inventariar o vasto conjunto de retratos, que realizou, a óleo, sanguínea

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20ant%c3%b3nio%20carneiro

e lápis, na sua maior parte posteriores a 1910. Se foi um género de pintura da sua preferência, foi igualmente, a par das ilustrações, um meio de subsistência.

Entre 1906 e 1915, pintou as paisagens de Leça da Palmeira, local onde passava o verão e onde pintava sem parar. Após uma fase distanciada da estética naturalista, mais do que a natureza, o artista pintava assim os seus sentimentos.



Figura 36 Obra "Contemplação"

Fonte: <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/files/images/carneiro---contempla%C3%A7%C3%A3o.jpg>

António Carneiro destacou-se ainda, ao longo de toda a sua carreira, como ilustrador em dezenas de livros, retratos de autores, capas de livros e ilustrações dos textos. A obra de maior significado é a sua interpretação da Divina Comédia de Dante, obra realizada em plena maturidade (1928), que não chegou a concluir, mas que revela o melhor do seu talento de poeta visionário, esboçada numa série de 42 desenhos.

Deixou uma vastíssima obra que o afirmou como um dos maiores pintores portugueses do seu tempo. Aguardelista de larga técnica de mancha, pintor de óleo pujante e conhecedor de todos os segredos da técnica, deixou quadros magníficos e decorações soberbas.

Representado em múltiplos museus, são célebres por divulgarem quadros seus como: *Camões lendo os Lusíadas aos frades de S. Domingos*; *A fonte do bem*; *Ecce Homo*, *A Ceia* e *O batismo de Cristo*. O Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso consagrou-lhe uma sala, onde estão expostos vários quadros de sua autoria.

As letras também inspiraram António Carneiro. Em 1891 editou uma plaquette de poemas. Alguns anos depois de morrer, em 1936, foi publicada a sua obra poética *Solilóquios: sonetos póstumos*, com introdução de Júlio Brandão.

António Carneiro para além de estar representado nos museus que integram esta rota, a sua obra encontra-se espalhada igualmente noutras instituições como na Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão; na Casa-Museu Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia; no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, da Fundação Calouste Gulbenkian e no Museu do Chiado em Lisboa, e em coleções particulares, como a do Dr. José Manuel Pina Cabral e Nuno Carneiro.

4.5.2. Lugares

Casa – Oficina António Carneiro



Figura 37 Casa-Oficina António Carneiro
Fonte: Fotografia cedida por Andreia Sousa

Foi através de ajuda mecénática, que António Carneiro, conseguiu fundos para a construção do seu *atelier* na Rua Barros de Lima. Na zona sul da rua, onde está a oficina, receberia a denominação de Rua António Carneiro. Foi Domingos Rufino, com uma vasta fortuna e o gosto por colecionar arte, que contribuiu financeiramente para a construção do *atelier*. (CASTRO, p.15)

Após a morte do pintor em 1930, aquele que seria a futura Casa-Oficina passou para a posse dos seus dois filhos. Sucederam-se nas décadas seguintes, homenagens e conferências públicas neste espaço, artigos na imprensa, cartas a entidades oficiais e a abertura de uma sala na antiga Biblioteca-Museu Albano Sardoeira dedicada a António Carneiro, sugestões idênticas para o Museu Nacional Soares dos Reis, que procuravam junto da opinião pública, a ideia de transformar em museu a casa *atelier* do artista. Foi através do pintor Joaquim Lopes, que se conseguiu cativar a Câmara Municipal do Porto, que começa a adquirir à família, em várias parcelas do *atelier* até constituir a Casa-Oficina António Carneiro e a sua abertura em 1973. (CASTRO, p.16)

Segundo informação disponibilizada no site da Câmara Municipal do Porto³¹, a Casa-Oficina que continua o seu trabalho até aos dias de hoje, alberga o espólio do pintor com cerca de trezentas obras, destacando-se o estudo final Para a Vida, a grandiosa tela Camões lendo os Lusíadas aos frades de S. Domingos, autorretratos e retratos da família. Possui ainda objetos do artista, nomeadamente fotografias, correspondência, livros, mobiliário e diversos materiais de pintura.

A Casa que fechou para obras de renovação a 31 de julho de 2017, tem em andamento a preparação de um projeto para a remodelação da Casa-Oficina António Carneiro.

³¹ De acordo com informação disponível no site da Câmara Municipal do Porto consultado em 5deOut/2019 Disponível em <http://www.cm-porto.pt/cultura/museus-e-arquivos/casa-oficina-antonio-carneiro>

Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso



Figura 38 Quadro de António Carneiro no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso
Fonte: <https://www.amadeosouza-cardoso.pt/pt/colecoes/antonio-carneiro>

O MMASC faz questão de homenagear um dos filhos da terra, António Carneiro, que apesar de viver no Porto com a família, deslocava-se à terra em visita e também para conviver com os seus conterrâneos, um deles, o tio Francisco de Amadeo de Souza-Cardoso que apresentou Carneiro ao sobrinho. (DAMÁSIO, 2018, p.55)

A par da casa oficina António Carneiro no Porto, o Museu Municipal da cidade de Amarante, dedica uma das suas salas ao artista. Neste espaço podem-se ver dezenas obras de Carneiro, desde desenhos, retratos e paisagens.

Museu Nacional Soares dos Reis



Figura 39 Menina do Gato
Fonte: Fotografia cedida por Andreia Sousa

O MNSR, localizado bem no centro do Porto, alberga obras do artista.

Uma das obras que se destaca e se pode ver neste espaço é a “Menina do Gato”, de 1900. Este é um retrato da filha do pintor, Maria Josefina, por quem António Carneiro nutria um grande sentimento e quem a sua perda custou imenso. A “Rua Bretã” é outro quadro do artista que no Museu Nacional Soares dos Reis se pode visualizar.

Edifício do Colégio do Barão da Nova Sintra

O Colégio Barão de Nova Sintra (CBNS) foi constituído em 3 de Dezembro de 1863, tendo iniciado a sua atividade em 19 de Outubro de 1866, sendo inaugurado pelo rei D. Luís. O seu fundador foi José Joaquim Leite Guimarães, natural de Guimarães, mais conhecido pelo BARÃO DE NOVA SINTRA.

No dia 1 de junho de 1871, passado um ano do seu falecimento, a Santa Casa da Misericórdia do Porto, tomou posse do Estabelecimento Humanitário, designado atualmente por CBNS. Segundo informação disponível no site da Misericórdia do Porto³², esta instituição, ainda hoje, acolhe crianças com idades compreendidas entre os seis e os vinte e um anos de idade, que estejam em risco. A instituição pretende oferecer uma estrutura de vida tão aproximada quanto possível à de uma família, potenciando um desenvolvimento integral e harmonioso do indivíduo.



Figura 40 Edifício do Colégio do Barão da Nova Sintra
Fonte: https://www.scmp.pt/assets/misc/img/ensino/HEL_4006.jpg

No dia em que a mãe de António Carneiro morreu, foi internado, neste asilo portuense. Passou onze anos nesta instituição, numa permanência que o marcou para sempre. (CASTRO, p.9)

³² De acordo com informação disponível no site da Misericórdia do Porto consultado em 30deOut/2019 Disponível em <https://www.scmp.pt/pt-pt/acao-social/colégio-barão-de-nova-sintra-lar-de-infancia-e-juventude>

Museu da Quinta de Santiago



Figura 41 Museu da Quinta de Santiago

Fonte: <https://www.leca-palmeira.com/wordpress/wp-content/uploads/2014/09/quinta-santiago.jpg>

Matosinhos e Leça da Palmeira não é apenas um trajeto em que presenciaremos António Nobre. Nesse lugar, podemos igualmente conhecer António Carneiro, que pintou a Leça da Palmeira. O Museu da Quinta de Santiago é um dos locais que acolhe obras de António Carneiro.

Segundo consta no site da Câmara Municipal de Matosinhos³³, o museu da Quinta de Santiago, está sediado num edifício histórico, concluído por volta de 1896 para ser residência da família Santiago de Carvalho e Sousa. O museu faz parte da Rede de Portuguesa de Museus, desde 2003 e é um dos fundadores da MUMA-Rede de Museu de Matosinhos. O espaço da Quinta de Santiago é composto desde 2010, por três edifícios, nomeadamente: o museu, com dois pisos musealizados. O primeiro piso é dedicado à história local e social. O segundo piso está dedicado a exposições de longa duração, onde se podem ver obras do acervo de arte da autarquia, das quais se destacam obras de António

³³ De acordo com informação disponível no site da Câmara Municipal de Matosinhos consultado em 31deOut/2019 Disponível em <https://www.cm-matosinhos.pt/pages/454>

Carneiro. É ainda composto por um auditório, espaço de serviços educativos e a Casa do Bosque, onde está instalada a Cascata Gigante, uma construção representativa da freguesia da Leça da Palmeira dos inícios do século XX.

4.6. TEIXEIRA DE PASCOAES

Teixeira de Pascoaes é o nome literário de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, nasceu em Amarante a 2 de novembro de 1877.



Figura 42 Teixeira de Pascoaes

Fonte: <https://www.comunidadeculturaearte.com/wp-content/uploads/2017/04/pascoaes-para-blog1.jpg>

Em Novembro nasci por uma tarde triste,
[...] Nasci no dia eleito da Saudade, [...]
Nasci naquela tarde angustiosa e calma,
[...]

Nasci ao pôr do Sul num dia de Novembro.
O meu berço o crepúsculo embalou...
E até parece, às vezes, que me lembro,
Porque essa tarde triste, em mim fiquei.

A Minha História, Teixeira de Pascoaes

Era filho de João Pereira Teixeira de Vasconcelos, juiz e deputado às Cortes de Amarante, e de Carlota Guedes Monteiro. O pai de Pascoaes era conhecido por ser um homem de notável cultura e inteligência e um grande conversador, tendo passado esta influência intelectual e espiritual para o filho.

Na infância, Pascoaes desafiava o dia-a-dia entre a escola e as deslocações da vila para a aldeia de S. João de Gatão, onde a família passa a residir na casa de Pascoaes, depois de viver dois anos, na sua casa de nascença. À sua volta descobre a paisagem que o inspira, a serra e o rio. Na vasta arcatura da serra, ao longo das vertentes, afundam-se vales, ocultam-se aldeias, vislumbram-se igrejas e ermidas; a megalítica serra da Aboboreira e o Alto das Cabras, a Lomba e as alturas do Salvador (Salvador do Monte).

No livro de Memórias, capítulo terceiro, afirma que ultrapassou os limites do Éden quando pela primeira vez, vai à escola, por volta de 1984. Pascoaes utiliza duros termos neste livro e em Uma Fábula, castigando a escola, em particular a amarantina. A escola da época era transmissiva e centrada naquilo que não conhecem. Não sendo apelativa para os criativos e sonhadores da época, os artistas, que ambicionavam algo mais.

Em 1901, forma-se em Direito pela Universidade de Coimbra, terminando o curso com onze valores. Dos seis anos letivos que passou em Coimbra, ficaram as casas em que viveu. Os poetas com quem conviveu, nomeadamente Afonso Lopes Vieira, Augusto Gil, Fausto Guedes Teixeira, António Correia de Oliveira e João Lúcio. (ROSA, p.8)

Exerceu a profissão de advogado durante dez anos, nas cidades do Porto e Amarante. É no Porto, com Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão, que cria a revista literária A Águia. Em 1910, torna-se porta-voz do grupo Renascença Portuguesa, onde foi diretor até 1916. (VÁRIOS, p. 52)

Em 1913, abandona a carreira de advogado e instala-se no Solar de S. João de Gatão, para se dedicar à sua grande paixão, a escrita, que se manifestou através da poesia e da prosa. O espaço geográfico do Marão e a aldeia onde viveu foram os lugares sagrados de Pascoes. Esta paisagem, a aldeia que

habitou e a casa onde viveu perfaz essa unidade ternária que confere à Poesia de Pascoaes um halo cântico criacionista, moldado pela lembrança das origens. (SAMUEL, p. 12)

O artista morreu a 14 de dezembro de 1952, na Casa de Pascoaes, em Gatão, alguns meses após a morte de sua mãe.

No Livro Maranus, Joaquim Carvalho (1979, p.145), afirma sobre Teixeira de Pascoaes:

Penso que Teixeira de Pascoaes é único na intensidade e na amplitude da competição poética. Até hoje, na história da nossa língua, ninguém como ele arrancou de si mesmo e do poder mágico das palavras um Universo da explicação científica nem com o da razão plausível, que o discorrer filosófico estabelece em cada estádio da cultura entre os diversos planos do saber e o conjunto de resultados obtidos.

4.6.1.Obra

Teixeira de Pascoaes é um dos autores mais importantes da Literatura Portuguesa do século XX.

Foi amado por uns, criticado por outros, à semelhança do que aconteceu com alguns seus contemporâneos. Biógrafo, ficcionista, dramaturgo, crítico literário, conferencista, prosador, Teixeira de Pascoaes será sempre estruturalmente poeta e, mais do que isso, poeta de uma única visão singular do mundo e das coisas, a que chamou «Saudade», essa sua «musa de sempre», traço, a nosso ver, uniformizador de toda a sua obra. (SÁ, 1992, p.34)

O Saudosismo de Pascoaes remonta à primeira parte da obra do poeta em verso, que iniciou com o primeiro livro Embriões, publicado em 1895, na tipografia Industrial do Porto, ainda assinado com o nome do poeta e com a edição Sempre de 1898. Sempre será considerado pelo próprio Pascoaes «o seu» primeiro livro de versos, ou antes, de poesia» aquele em que se encontra e se reconhece como poeta. (SÁ, 1992, p.35)

Os anos de 1913 e 1914, prepara o *Sempre*, *As Sombras*, *Marânus* e o *Regresso ao Paraíso* para a sua publicação pela *Renascença Portuguesa*. De 1903 a 1934, a atividade criadora de Pascoaes parece ser imparável: raro é o ano em que não surge mais do que um título, seja este uma nova obra em verso, um novo exemplar de prosa poética ou uma edição transformada ou acrescentada.

Em 1912, à frente da *Revista Águia*, difunde a doutrina do Saudosismo, vista como uma atitude perante a vida que descrevia a alma nacional, baseada na saudade. O Sebastianismo revelado por Pascoaes influenciou muitos escritores portugueses, destacando-se Fernando Pessoa. (VÁRIOS, p.53)

A partir de 1934, porém, Pascoaes toma o caminho da biografia romanceada que lhe dará renome internacional. *São Paulo* (1934), *São Jerónimo* (1936), *Napoleão* (1940), *O Penitente: Camilo Castelo Branco* (1942) e *Santo Agostinho* (1945) são textos que provocaram alguma polémica no meio literário e não literário de então, mas que, posteriormente, contribuíram para a consideração de Pascoaes como uma das figuras mais representativas do nosso meio cultural. (SÁ, 1992, p.42)

A sua vasta produção de índole nacionalista, metafísica e mística não deixa de ter o seu cunho de modernidade, como apontam muitas das suas obras, que vão ao encontro do passado. São exemplos: *O Génio Português* na sua expressão filosófica, poética e religiosa (1913), *a Arte de ser Português* (1915), *os Poetas Lusíadas* (1919), *São Paulo* (1934), *Santo Agostinho* (1945), entre outros. (Vários, p.55)

Alcançou em vida reconhecimento nacional, como poeta que foi e como figura das letras, o que comprova com as homenagens ao autor feitas em *Amarante* e *Coimbra* em 1951 e a indignação para *Prémio Nobel da Literatura*.



Figura 43 Primeira edição do Livro Marános

Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-](http://1.bp.blogspot.com/-oJcGf_l4_oo/U8OQO_yhoLI/AAAAAAAAAN6k/WGtmcv8L2_Q/s1600/maranus.jpg)

[oJcGf_l4_oo/U8OQO_yhoLI/AAAAAAAAAN6k/WGtmcv8L2_Q/s1600/maranus.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-oJcGf_l4_oo/U8OQO_yhoLI/AAAAAAAAAN6k/WGtmcv8L2_Q/s1600/maranus.jpg)

4.6.2. Lugares

Casa onde nasceu Teixeira de Pascoaes

Teixeira de Pascoaes nasceu bem no centro da cidade de Amarante, na freguesia de São Gonçalo, numa casa sobranceira, igualmente na rua do edifício da Cadeia Velha. (Samuel, p. 23)

No espaço, existe uma placa que assinala que foi ali, onde o saudosista veio ao mundo, com as seguintes palavras:

Nesta casa nasceu em 2 de novembro de 1877, Teixeira de Pascoaes, poeta, escritor e filósofo. Creador do Marános e outros poemas cuja beleza universalizou a alma e a paisagem de Amarante.

Esta foi uma homenagem, realizada pela Câmara Municipal de Amarante, em 1956, de forma a imortalizar o poeta, no lugar que o trouxe ao mundo.



*Figura 44 A Casa onde nasceu Teixeira de Pascoaes, com placa a indicar
Fonte: Fotografia da autora*

Casa de Pascoaes (Casa de Gatão)

A Casa de Pascoaes, não deixa esquecer o poeta. Construída em meados do século XVI, na freguesia de São João de Gatão, a escassos quilómetros de Amarante, a Casa de Pascoaes, é uma construção de beleza rara e arquitetura icónica. É um espaço de família, de História e de Letras. Apesar de ser hoje, um espaço dominado pelas letras. De olhos postos na Serra do Marão, inspiração do poeta, é a “moradia da alma e memória do vulto Teixeira de Pascoaes.”

A casa que sempre se manteve no seio da família, passando de geração em geração, foi alvo de restauros. O maior de todos, aconteceu quando as tropas de Napoleão chegaram à cidade de Amarante, em 1809, ficando pouco mais do que as paredes do Solar. No início do século XX, a mãe de Teixeira de

Pascoaes, Carlota Guedes Monteiro, fez a última remodelação, transformando alguns salões em quartos. O aspeto exterior continua praticamente intacto desde a sua fundação. (CUNHA, 2017, p.13)

No corpo central, ficam os quartos ao longo do corredor, de um lado e de outro, e no seu prolongamento, situa-se a cozinha de pedra, a velha lareira, com preguiceiras e fogareiros. Uma cozinha típica portuguesa, do início do século XX. Os quartos da frente, temo cesso para a escadaria. Os de trás para o jardim, a ramada e o mirante. Na ala direita do solar, fica a Capela da Nossa Senhora do Pilar e dois salões com varandas de ferro forjado, que dão acesso ao Terreiro Grande. (SAMUEL, p. 15)

Os aposentos de Pascoaes, na sua casa, são constituídos por quarto, biblioteca, escritório e sala, seguindo esta ordem. Tudo permaneceu intacto, desde a morte do escritor. (CUNHA, 2017, p.33)

Tinha dois anos, quando toda a família foi viver para a Casa de Pascoaes. A casa e a paisagem que a rodeava tiveram a maior influência no poeta, que a descreve, da seguinte forma, num dos seus versos (VASCONELOS, 1993, p.37)

*Ai, se não fosse a névoa da manhã
E a velhinha janela onde me vou
Debruçar para ouvir a voz das cousas,
Eu não era o que sou.*

*Se não fosse esta fonte que chorava
E como nós cantava, e que secou...
E este sol que eu comungo, de joelhos,
Eu não era o que sou.*

Canção da Minha Sombra, Teixeira de Pascoaes



Figura 45 Casa de Pascoaes, em Gatão

Fonte:

<https://www.facebook.com/CasaDePascoaes/photos/a.1257439564384416/1257442951050744/?type=3&theater>

Casa da Levada

A Casa da Levada como menciona o site sobre este edifício³⁴, está situada em Travanca do Monte, na freguesia de Bustelo. Era o lugar onde Teixeira de Pascoaes passava férias com a família. É uma casa de pedra do século XVI, rodeada por eira com dois imponentes espigueiros, mata de castanheiros e moinhos de água. Pertence a um sobrinho neto de Teixeira de Pascoaes, onde o poeta se inspirou para a sua obra, nomeadamente para o poema *Maranos*.

Esta é uma zona de muita água e o nome da Casa surge da levada que transporta a água cristalina das montanhas para os campos de milho. O que atualmente é a sala de refeições foi em tempos idos a cozinha da casa. Este edifício conserva ainda a lareira onde se reunia a família ao serão e onde agora

³⁴ De acordo com informação disponível no site da Casa da Levada Consultado em 5deAgost/29 Disponível em <http://www.casalevada.com/pt/index.html>

proprietários e hóspedes podem partilhar histórias e experiências. A sala de estar tem uma grande varanda em pedra de onde se pode avistar as serras e os vales.

A típica casa de ambiente familiar, numa aldeia pitoresca de olhos postos na Serra do Marão. É atualmente uma estância de turismo rural.

Chegámos, instantes depois, a uma velha casa do meu avô, ao lado duma eira, donde se avista quase todo o norte de Portugal [...] Instalávamo-nos na Casa da Levada, maior do que os casebres, mas tendo o mesmo aspecto escuro e envelhecido, e um agreste semelhante ao dos outeiros mortos que dominam o pequeno povoado.

Uma Fábula/Livro de Memórias, Teixeira de Pascoaes



Figura 46 Casa da Levada

Fonte: http://www.baixotamega.pt/frontoffice/pages/290?geo_article_id=189

Igreja de São João Baptista de Gatão

Isolada na paisagem, a Igreja de Gatão é uma edificação que estende a sua cronologia de construção pelos séculos XIII e XIV.

De acordo com informação no site do Município de Amarante³⁵ A Igreja de São João Baptista de Gatão constitui um dos casos em que se testemunham profundas transformações à construção românica. Da fábrica românica, de meados do século XIII, a capela-mor é o elemento que se conserva na íntegra.

Como refere o site da Rota do Românico³⁶No cemitério junto à Igreja encontra-se sepultado Teixeira de Pascoaes um dos mais importantes poetas e escritores portugueses da viragem do século XIX para o XX.

Neste local, podemos avistar os lugares e a Serra do Marão, que inspirou o poeta, constantemente para as suas obras.



Figura 47 Igreja de Gatão

Fonte: <https://culturanorte.gov.pt/pt/patrimonio/igreja-de-gatao/>

³⁵ De acordo com informação disponível no site do Município de Amarante Consultado em 5deAgost/29 Disponível em <https://www.cm-amarante.pt/pt/igreja-de-s-joao-baptista-de-gatao>

³⁶ De acordo com informação disponível no site da Rota do Românico Consultado em 5deAgost/29 Disponível em <https://www.rotadoromano.com/pt/monumentos/igreja-de-sao-joao-baptista-de-gatao/>

Estátua de Teixeira de Pascoaes



*Figura 48 Estátua de Teixeira de Pascoaes, na Alameda com o mesmo nome
Fonte: Fotografia da autora*

Amarante homenageia o artista, com uma estátua na Alameda com o seu nome, Teixeira de Pascoaes. O saudosista é assim homenageado bem no coração da cidade, ao lado do antigo convento dominicano que foi o liceu de seu pai e do Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso.

Edifício da Renascença

A Renascença Portuguesa foi uma associação literária criada no Porto por Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Augusto Casimiro, Mário Beirão e Afonso Duarte, António Carneiro e Teixeira de Pascoaes. O objetivo deste grupo era de fomentar maior cultura do povo português, através de conferências, manifestos, revistas, bibliotecas e escolas.

Teixeira de Pascoaes foi o seu guia principal e orientador. (VÁRIOS, p.53)



Figura 49 Fachada do edifício que foi sede do Movimento da Renascença Portuguesa
Fonte: <http://mil-hafre.blogspot.com/2012/05/fachada-do-edificio-situado-na-rua.html>

4.7. A RELAÇÃO ENTRE OS ARTISTAS E AS ELITES A QUE PERTENCEM

Os seis artistas que integram a Rota, não estão conectados apenas pelo dom que possuíam de escrever ou pintar. A maior parte destas personalidades, faziam parte de famílias abastadas, o que lhes permitiu estabelecerem contactos. Contemporâneos uns dos outros, a arte que os unias, foi outro modo que lhes permitiram estarem conectados e estabelecerem relações de amizade.

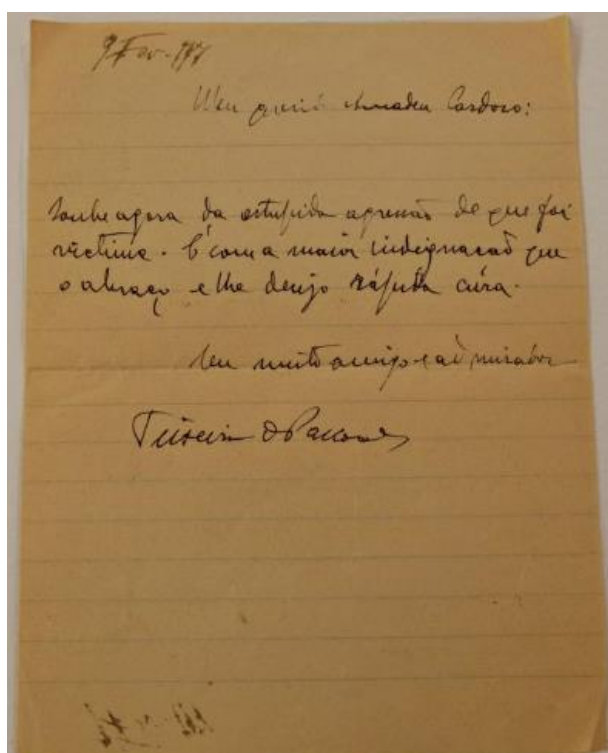
Quando Amadeo partiu para Paris com o total apoio da família e com uma folgada mesada, que o deixou viver uma vida estável na cidade das artes, na época, chegou à cidade das luzes e tinha à sua espera, o conterrâneo Acácio Lino, que lhe deu as boas vindas e lhe arranjou alojamento. Acácio Lino frequentava a casa de Amadeo, sendo amigo do Tio Chico. (DAMASIO, 2018, pág. 82)

Amadeo de Souza-Cardoso era fiel amigo e companheiro de Teixeira de Pascoaes. Segundo o documentário centrado em Amadeo com o nome “Amadeo de Souza-Cardoso – À velocidade da inquietação”³⁷ Amadeo era caçador e muitas vezes ia visitar o amigo Teixeira de Pascoaes à sua propriedade a cavalo. Teixeira de Pascoaes escreveu uma carta a Amadeo, a 9 de fevereiro de 1917, quando teve conhecimento, que este teria sido agredido, por a sua pintura não ter sido compreendida, na exposição que realizou em Lisboa, em 1916. As palavras de Pascoaes foram curtas e amáveis:

Meu querido Amadeo Cardoso: Soube agora da estúpida agressão de que foi vítima. É com a maior indignação que o abraço e desejo rápido cura. Seu muito amigo e admirador, Teixeira de Pascoaes.

³⁷ Documentário: Amadeo de Souza-Cardoso – À velocidade da inquietação. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t6oCn2tcamw&t=477s>

Amadeo retribuiu o carinho ao amigo: “Querido amigo: muito penhorada sua carta. Merci. Nada grave. Breve melhor tempo irei vê-lo. Seu dedicado e grato, Amadeo de Souza-Cardoso. “



9 Feb. 1914

Meu querido Amadeo Cardoso:

Soube agora da estúpida agressão de que foi vítima. É com a maior indignação que o abraço e lhe desejo rápida cura.

Seu muito amigo e af. admirador

Teixeira de Pascoas

Figura 50 Carta de Teixeira de Pascoas a Amadeo de Souza-Cardoso, quando soube que o amigo tinha sido vítima de uma "estúpida agressão"
Fonte: <https://desenvolturasedesacatos.blogspot.com/2016/10/quando-amadeo-de-souza-cardozo-era-como.html>

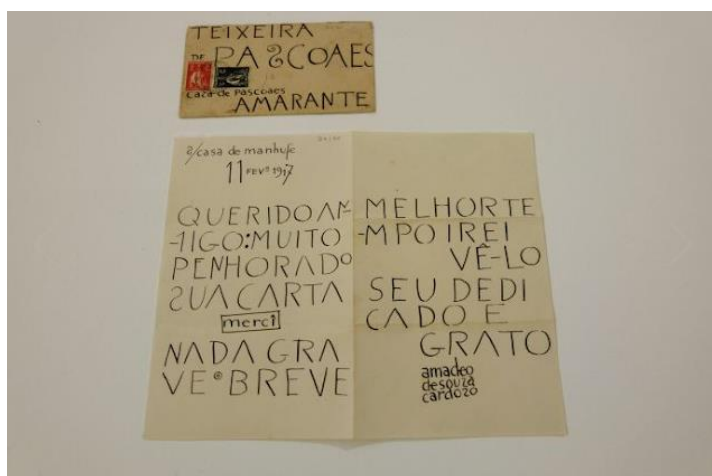


Figura 51 A resposta de Amadeo ao amigo Teixeira de Pascoaes

Fonte: <https://desenvolturasedesacatos.blogspot.com/2016/10/quando-amadeo-de-souza-cardozo-era-como.html>

Também as vidas de Teixeira de Pascoaes e António Carneiro cruzaram-se várias vezes. Estes encontraram-se pela primeira vez numa das visitas de António Carneiro, à sua terra natal. Teixeira de Pascoaes (1952, p.12) referiu sobre António Carneiro: “Conheci-o ainda, muito jovem, como estudante. E eu também era, nesse ano, talvez o de 1895, um estudante do liceu amarantino. “

Com a fundação da revista A Águia a relação de amizade cresceu, onde ambos foram diretores. Quando Pascoaes deixou a cidade do Porto, para retirar-se para o Solar de Gatão, onde permaneceu até ao fim dos seus dias, continuaram a visitar-se frequentemente. Carneiro passou várias temporadas no verão na casa de Pascoaes, altura em que realizou o retrato de Teixeira.

Nessas alturas, o pintor, pintava as paisagens, o ambiente e as figuras que faziam parte do contexto familiar de Teixeira de Pascoaes. Os dois artistas foram homenageados em Amarante, em 1924. (RODRIGUES,p.3)

No texto que escreveu sobre António Carneiro, Teixeira de Pascoaes (1952,p.18) afirmou sobre o também escritor e pintor: “Éramos do mesmo povo, da mesma terra e da mesma melancolia panteísta.”



Figura 52 António Carneiro e Teixeira de Pascoaes

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ant%C3%B3nio_Carneiro_e_Teixeira_de_Pascoaes.jpg

O documentário “Agustina Bessa-Luís – Nasci Adulta e Morrerei Criança”³⁸Fala acerca do célebre episódio passado entre Agustina e Teixeira de Pascoaes. A carta que a escritora escreveu a Teixeira de Pascoaes, fez parte do lote de três ou quatro cartas que escreveu a todos os escritores, que eram considerados na época as figuras de nome na literatura portuguesa, nomeadamente: Aquilino Ribeiro, Teixeira de Pascoaes, Miguel Torga e Ferreira de Castro. O livro mundo fechado chegou a casa de Pascoaes, quando já se encontrava muito doente e pouco antes de este morrer. Após a sua morte, Agustina terá questionado a família se alguma vez o poeta saudosista teria feito alguma referência à carta que tinha recebido de Agustina e a família respondeu dizendo que não, porque a carta quando chegou, já não se encontrava em condições de a ler. Uns tempos depois, a família de Pascoaes

³⁸ De acordo com o Documentário “Agustina Bessa-Luís – Nasci Adulta e Morrerei Criança Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BrvDXCBtPlo&t=475s> consultado em 2deJul/2019

contactou Agustina dizendo que entre os papéis e Pascoaes, haviam encontrado uma carta do poeta para Agustina, com imensos comentários ao livro. Agustina revela, neste documentário, que ficou muito comovida quando tomou conhecimento.

Amarante, 2 de janeiro de 1950,

Minha muito ilustre camarada,

Peço-lhe perdão, de joelhos, de não ter agradecido já a gentileza oferta de o Mundo Fechado. Li-o duas vezes, que eu desconfio sempre da minha primeira leitura, que é raro coincidir com a segunda. Ou me causa uma impressão melhor ou pior. Com a sua admirável novela, na segunda leitura, foi melhor a impressão recebida. Feriu-me sobretudo no desenho nítido das paisagens a figura esboçada do personagem principal. Nisto, reside o maior merecimento da obra. Trata-se de uma escritora de raça, dotada de excepcionais qualidades visionárias ou dotada do instinto do real. Sem este instinto, há só literatura e mais nada. Se os românticos escreveram a realidade, caindo na falsidade, os chamados naturalistas cometeram o pecado contrário e tornaram-se inferiores à natureza. A autora de O Mundo Fechado, não praticou esses erros e por isso a felicito com o maior entusiasmo.

Teixeira de Pascoaes

António Nobre, não escapou das palavras de Teixeira de Pascoaes e Agustina Bessa-Luís, como foi abordado na Conferência sobre António Nobre, realizada em Amarante em 2014³⁹.

Teixeira de Pascoaes escreveu sobre António Nobre:

³⁹ De acordo com o vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QBAvzBWgWNg&t=3434s> consultado em 31deOut/2019

Nobre é um dos maiores poetas que a mulher e a terra portuguesa têm dado à luz do dia. (...) Foi poeta da virgindade porque, os seus olhos ingénuos e límpidos, descobriram como nenhuns outros, nas coisas e nas criaturas o que elas encerram de suprema delicadeza, o seu aspeto mais frio e a sua expressão mais terna, o seu ponto de contacto com a imaterialidade.

António Nobre também nas palavras de Agustina Bessa-Luís:

Se há nome que fique bem a alguém, é António Nobre.

António, porque é nome de santo, que nos deixou recados de sabedoria, dessa que orgulho se desprende para dar lugar à caridade.

Nobre, porque não há maior fidalguia do que a de um poeta.

5. A ROTA

5.1. ITINERÁRIO: ROTA DOS ARTISTAS

Uma Rota é designada por um itinerário que vai de um lugar ao outro, através de via marítima ou aérea; caminho, direção ou rumo. (GONÇALVES, 2016, p.7)

Para idealizar uma Rota, deve-se ter em atenção alguns segmentos, para que não se confunda com um Roteiro. Na Rota, existe uma sequência na ordem dos lugares a serem visitados, existindo sempre um ponto de partida e um ponto de chegada. (GONÇALVES, 2016, p.9) Assim sendo, o ponto de partida será na Leça da Palmeira, culminando com o último destino na cidade de Amarante.

Um dos objetivos passa por posicionar Amarante como o destino “must visit” do Porto e Norte de Portugal, como reforça o PEMTA: “Destacar a localização privilegiada de Amarante na Região Norte e a sua complementaridade com outros destinos da região, nomeadamente um complemento à cidade do Porto”. (2018, p.33) Outro dos fatores, prende-se por atrair mais turistas para Amarante, do que excursionistas. (2018, p.15)

Uma Rota pode aliar-se a outros roteiros e passar várias regiões. (GONÇALVES, 2016, p.9) A Rota dos Artistas contempla quatro monumentos que integram a Rota do Românico, nomeadamente: o Mosteiro de Travanca, a Igreja do Salvador de Real, a Igreja de São Martinho de Mancelos e a Igreja de São João de Gatão, estabelecendo um elo de ligação e complementando as duas rotas.

Não se cinge apenas a Amarante, apesar de ser uma Rota dos Artistas de Amarante e ou que por esta região deixaram a sua marca. A inspiração partiu de dentro, levando-me a outros lugares com, a leitura das biografias dos artistas, como é o caso da cidade do Porto, onde todos passaram uma parte das

suas vidas. O PEMTA (2018, p.15) refere no ponto do desenvolvimento do turismo em Amarante, na secção que informa o que se pode explorar, que é importante trabalhar em rede, devendo Amarante apresentar-se no mercado em conjunto com outros destinos da região, neste caso, com o Porto e Matosinhos, concelhos que a Rota dos Artistas abrange. Salienta ainda como pressupostos que suportam a estratégia para o Turismo que é fundamental colaborar com concelhos e destinos vizinhos. (PEMTA, 2018, P.18)

Neste capítulo, será abordado a possível proposta de itinerário a ser percorrido, a sua posterior divulgação, análise geral do mercado: consumidores, apoios, e por fim, informações e recomendações acerca da rota. Um questionário realizado, no qual contabilizou 67 inquiridos, também será neste capítulo demonstrado.

5.1.1.Descrição do percurso

A proposta para a criação da Rota dos Artistas, passa por viajar pela cidade do Porto, Matosinhos e Amarante através dos passos e da obra destes artistas, possibilitando ao mesmo tempo a descoberta dos lugares, da paisagem, da comunidade local (elemento importante na salvaguarda deste património), dos cafés, dos jardins e de tudo o resto que inspirou o legado cultural que nos deixaram.

Este é um roteiro que pretende de alguma forma (re) valorizar a identidade artística que provém de Amarante através da identificação e promoção do seu património material e imaterial, contribuindo desta forma para a diminuição da sazonalidade e para uma maior oferta no sector turístico.

Realizada depois de um processo de investigação, análise e avaliação que seguiu algumas etapas:

- Estudo das biografias dos artistas, de modo a encontrar os lugares e pontos de interesse que poderiam ser incluídos na Rota;
- Seleção dos pontos principais levando em conta fatores que poderiam levar à inclusão e exclusão destes por parte de quem vai percorrer a rota: proximidade, acessibilidades, atratividade e relevância;
- Análise da viabilidade do projeto: estudo de mercado, consumidores, apoios, parceiros e divulgação;
- Apresentação da Rota, com recurso ao Google Maps;

Segue-se a proposta do percurso, iniciando na Leça da Palmeira, passando pelo centro do Porto e a culminar em Amarante.

O percurso deve ser feito na grande maioria de carro, quando se atravessam as cidades, ou utilizar transporte público, como autocarro ou comboio, que liga o Porto a Amarante (na estação ferroviária de Vila Meã ou Oliveira). Em alguns lugares, o percurso pode ser feito a pé, como no centro de Amarante e centro do Porto.

O itinerário define-se como uma grande rota, que dista entre o primeiro ponto (Capela da Boa Nova) e o último ponto (Casa da Levada) total 78,5 KM. Pode ser realizado em qualquer época do ano, apresentando apenas a precipitação como uma desvantagem, uma vez que alguns lugares são a céu aberto ou apenas se pode visualizar o edifício na parte exterior.

No total podem ser contemplados 31 lugares, que seguirão a seguinte ordem.

O percurso tem como ponto de partida, António Nobre, começando com uma visita à (1) Capela da Boa Nova, na freguesia de Leça da Palmeira, concelho de Matosinhos, sobranceira ao mar, que vive para sempre nos poemas do poeta.

A Capela de Sant'ana (2) é o lugar que se segue e que serviu de inspiração para o poeta de Só (António Nobre).

O próximo e terceiro destino, ainda em Matosinhos, é a (3) Quinta da Conceição, pelo itinerário de António Nobre, que segundo João Cleto, “começou a explorar o mundo, em passeios pela Quinta da Conceição.”⁴⁰

Entrando agora na rota de António Carneiro, na Quinta e Museu de Santiago (4) podemos observar obras do pintor e escritor.

O caminho segue, até à igreja Românica de Cedofeita (5), na freguesia com o mesmo nome, onde Agustina Bessa-Luís casou com o seu marido.

O local que se segue, é para contemplar Teixeira de Pascoaes. Seguimos assim até ao antigo (6) edifício da Renascença, situado na Praça da República.

O sítio a visitar de seguida, é o (7) Museu Nacional Soares dos Reis. Este museu que integra a Rota é visita obrigatória, por albergar obras de Acácio Lino e António Carneiro. Poderá aproveitar e visitar o resto da rica coleção, que compõe o museu.

O caminho prossegue até ao Jardim João Chagas (8) onde encontramos um monumento de homenagem a António Nobre, neste jardim, conhecido popularmente por Jardim da Cordoaria.

Ao descermos a rua dos Clérigos, vamos até à igreja dos Congregados (9) onde vislumbramos a arte de Acácio Lino na capela-mor.

Segue-se para a Estação de São Bento (10), que Agustina Bessa Luís descreve no seu livro “Estações da Vida”. Pode, por opção, partir rumo até Vila Meã, a partir desta estação de comboio.

O Teatro Nacional de São João (11) é outro local de visita, que dá-nos a oportunidade de admirar a obra de Acácio Lino, no teto deste espaço.

Posteriormente, avançamos até à Quinta do Palacete de Sacais (12), lugar onde Amadeo de Souza-Cardoso casou com a sua Lucie. No mesmo raio geográfico, segue-se a Casa Oficina António Carneiro (13), antigo atelier do pintor que agora o homenageia com o seu espólio. Continuamos a admirar

⁴⁰ Caminhos da História, por João Cleto: A ligação de António Nobre a Leça da Palmeira é praticamente desde o berço.

António Carneiro com uma visita ao Edifício do Colégio do Barão da Nova Sintra (14), que acolheu António Carneiro com apenas sete anos de idade.

Deixamos Matosinhos e o Porto para trás e prosseguimos caminho, com destino à Casa do Seixo e à Quinta Pedagógica do Seixo (15), que divide os concelhos de Amarante e Penafiel. Chegamos ao lugar que António Nobre passou grandes temporadas da sua vida, inclusive, poucos dias antes de morrer. A visita continua até à Casa e igreja de São Brás (16). António Nobre, muitas vezes se deslocou até aí para conviver com a amiga Eugénia de Vasconcelos.

Avançamos posteriormente para vivenciar Agustina Bessa Luís, com uma visita ao edifício da casa que a viu nascer (17). Do outro lado da estrada, ergue-se a Biblioteca Municipal, edifício dos antigos paços de Concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega (18), com o pelourinho bem no centro do largo. Um edifício típico barroco, que merece uma visita, para quem até Vila Meã se desloca.

Podemos agora dirigir-nos até Travanca, que guarda memórias de Acácio Lino e Agustina Bessa-Luís. O primeiro ponto nesta freguesia a ser visitado é a Casa - Museu Acácio Lino (19). Não pode faltar de seguida a visita à Casa das Teixeira/Casa das Vessadas (20), que inspirou o romance a Sibila de Agustina Bessa Luís. Em jeito de despedida, dirigimo-nos até ao esplendoroso Mosteiro de Travanca (21), ícone da Rota do Românico que integra. É a inspiração para o romance *Mosteiro* de Agustina Bessa Luís e o lugar onde a escritora foi batizada.

O destino que se segue é a igreja de são Martinho de Mancelos (22), onde Amadeo de Souza-Cardoso foi batizado. A propriedade da família de Amadeo é o destino seguinte, a Casa de Manhufe (23), que viu nascer o pintor modernista. No mesmo lugar, um pouco mais abaixo o Atelier da Casa do Ribeiro (24).

Seguimos caminho até à Casa da Granja (25), hoje sede da Associação para a criação do museu Eduardo Teixeira Pinto e onde o artista poderia ter vivido, não fosse a morte precoce apanha-lo de surpresa.

A Rota leva-nos por fim até a Amarante e começa por explorar as artérias da cidade, visitando a casa onde Teixeira de Pascoaes nasceu (26), na rua da Cadeia Antiga. Ao descer essa mesma rua, chegamos ao Largo de São Gonçalo, que vislumbra a Igreja com o mesmo nome. Foi no convento, que funcionou durante bastante tempo o liceu de Amarante, que pertencia ao pai de Teixeira de Pascoaes e onde o filho e Amadeo de Souza-Cardoso tiveram aulas. Hoje, uma parte do convento transformado em Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (27), o museu elemento chave desta Rota. Aqui poderá ver obras de Amadeo, Acácio Lino, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro, numa autêntica homenagem aos pintores da terra e ficando a saber um pouco mais sobre a cidade que os viu nascer. No espaço exterior ao museu, na Alameda Teixeira de Pascoaes, temos a estátua de Teixeira de Pascoaes (28), uma homenagem feita ao artista, pela Câmara Municipal de Amarante.

Seguimos caminho até Gatão, para entrar por anseios que inspiraram Teixeira de Pascoaes. Vamos agora até ao à igreja de Gatão (29), lugar que contempla as paisagens de Teixeira de Pascoaes. Segue-se o Solar de Pascoaes (30), onde passou a maior parte da sua vida. A Rota termina, com uma visita à Casa da Levada (31) em Travanca do Monte, casa de férias de Teixeira de Pascoaes.

5.1.2. Proposta de atividades

Como já foi referido no capítulo do enquadramento teórico que retrata a temática do turismo cultural, assente neste trabalho, este é um meio que une a valorização cultural e a defesa do património pelo que, tendo em consideração que o município de Amarante, Leça da Palmeira e do Porto, caracterizam-se por apresentar amplos atrativos turísticos históricos, culturais e naturais, que complementam a economia e contribuem para o desenvolvimento local,

considera-se importante apostar em experiências de um segmento turístico cultural.

De modo a tornar a Rota mais rica, podem realizar-se atividades, ligadas à literatura, pintura e escultura, realizando workshops de pintura, literatura e escultura; oficinas de literatura para turistas nacionais e estrangeiros, leituras públicas, ciclos, conferências, debates, aparecimento de novas biografias, visitas realizadas por autores e pintores atuais que nutram um sentimento por os artistas retratados na rota; visitas teatralizadas (Figura 53) e experiências gastronómicas temáticas.⁴¹



Figura 53 Teixeira de Pascoaes apresentando-se e descrevendo os Diabos de Amarante

(Atividade: Percurso Cultural por momentos da história de Amarante e encontro com personalidades da arte e cultura amarantina. Proposta vencedora do OPJ 2016)

Fonte: Fotografia da autora

⁴¹ Criar uma ementa com base nos artistas, em colaboração com os equipamentos locais.

5.1.3. Viabilidade do produto

A definição de mercado cultural vai ao encontro de agentes económicos que manifestam interesse em adquirir produtos, serviços e ideias.

O mercado deste projeto é diversificado e abrangente. É pretendido alcançar os turistas internos (nacionais: geral e específico); os turistas estrangeiros, que segundo o PEMTA (2018, p.29) os maiores consumidores de história e cultura são provenientes da Bélgica, Brasil, Espanha, E.U.A, França, Holanda e Itália.

O mercado escolar também pode beneficiar com esta Rota. Amadeo de Souza-Cardoso, integra o plano escolar do 12º Ano no Curso de Línguas e Humanidades, na disciplina História A, quando é lecionado o Modernismo Português. Para além do programa escolar, torna-se necessário, inculcar nas novas gerações, o sentimento de pertença por aquilo que é nosso e deve ser preservado. O aluno passa a entender com outros olhos a comunidade onde vive e a valorizá-la.

Os apoios são imprescindíveis para a concretização da rota. Podem acrescentar conteúdo e experiências, resultando numa divulgação vantajosa. Esses apoios podem vir através das Câmaras Municipais e as casas dos artistas ainda existentes, como é o caso da Casa de Acácio Lino, de Teixeira de Pascoaes, de Amadeo de Souza-Cardoso e de Agustina Bessa-Luís.

5.1.4. Divulgação e promoção

A conceção de uma rota não garante viabilidade, existem aspetos que devem se considerados para a sua implementação e sustentabilidade económica.

A Rota dos Artistas é constituída por 31 lugares de visita, que serão complementados, com a realização de outras atividades que o turista ou visitante queiram usufruir. Será demonstrada ainda uma série de equipamentos que os indivíduos poderão usufruir, dentro do radar geográfico da Rota.

De modo a que este projeto tenha viabilidade, é importante o auxílio de uma, neste caso o Stay To Talk – Instituto de Imersão Cultural, com a colaboração de outras entidades que se queiram aliar, como câmaras municipais e juntas de freguesia. Esta é uma empresa de animação turística com sede em Vila Meã, Amarante. Desde o princípio que abraçou este projeto, auxiliando na construção deste e pretende a aplica-lo no território depois de finalizado. O Stay To Talk Instituto é uma instituição privada de impacto social constituída com o propósito de dinamizar áreas como a língua portuguesa, o turismo e o contexto local. Possuem algumas atividades já realizadas, relacionadas com os artistas que são abordados na Rota, tais como: A Tela e Eu, em Casa de Amadeo; Sarau Cultural em Travanca: A Arte (Acácio Lino) e o Património e a mais recente, um Roteiro Literário de um dia, por lugares de Agustina Bessa-Luís.

Para a divulgação da rota, é importante, inicialmente, criar um folheto, com os lugares que podem ser visitados e uma frase de cada artista que inspire o visitante a conhecê-lo. Uma vez que hoje em dia, as novas tecnologias têm potenciado o turismo, será criado um *website* multilingue e a divulgação da rota em várias redes sociais, que hoje chegam com a informação rapidamente onde pretendemos. Deve ser criado um logótipo que a identifique. É importante a divulgação em postos de turismo, agências de viagens, operadores de turismo nacionais e internacionais e entidades hoteleiras. A sinalética, também é um meio importante de divulgação da Rota, para assinalar no território que há um produto que pode ser experimentado e lugares a serem visitados.

Este produto deve ser divulgado nos sites oficiais da Câmara Municipal de Amarante, Câmara Municipal do Porto, Câmara Municipal de Matosinhos,

Turismo do Porto e Norte de Portugal, DRCN e museus que integram a rota, estando conectados com o site oficial da Rota dos Artistas.

Uma rota deve ter atividades complementares e uma vasta oferta de equipamentos, de forma a tornar esta experiência mais enriquecedora. O que a natureza e a paisagem oferecem, que monumentos e museus podem visitar, a programação cultural que podem usufruir, as experiências, a gastronomia e vinhos, onde podem comer, onde podem dormir e outras informações úteis. Na presente dissertação, vão ser dados alguns exemplos do que o visitante poderá usufruir, neste caso, no Concelho de Amarante, de onde partiu este estudo, com o objetivo também de potenciar esta região. ⁴²

⁴² Ver Apêndice C

5.1.5. Mapa

Foi criado um mapa base, com o objetivo de a demonstração dos lugares selecionados serem mais claros e objetivos. Neste mapa, podemos verificar, que a rota se divide por quatro polos específicos, nomeadamente: Leça da Palmeira, Porto, Vila Meã e Amarante.

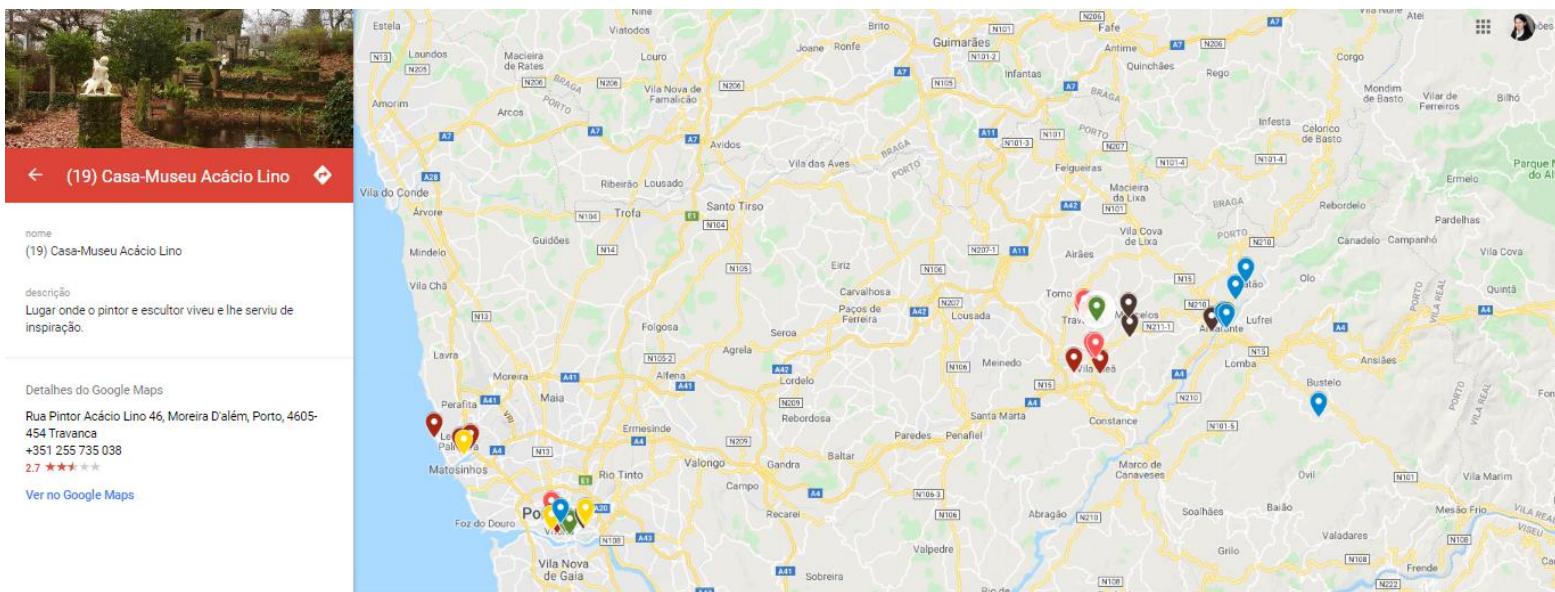


Figura 54 Como surge a descrição dos lugares ao selecionar um dos pontos.

No mapa, existe a descrição de todos os lugares a serem visitados, realçando a importância e a ligação que estabeleceram com os artistas. ⁴³

⁴³ Mapa disponível para consulta em <https://www.google.com/maps/d/u/o/edit?hl=pt-PT&mid=1zsRYr4IoVw7FOoVXiCUBLhR-L4WpMzQi&ll=41.23487964701026%2C-8.433474614710462&z=11>

5.1.6. Questionário

Metodologia

Para melhor compreender a utilidade da Rota e de um possível público, foi realizado um questionário, no qual se obtiveram 67 respostas de pessoas de várias regiões. ⁴⁴

Perfil da Amostra

Responderam ao questionário 67 indivíduos, nomeadamente de Alpiarça, Amarante, Braga, Barcelos, Famalicão, Gondomar, Lousada, Marco de Canaveses, Maia, Matosinhos, Paredes, Penafiel, Peso da Régua, Porto, Valongo, Vila Meã, Vila Nova de Gaia e Matosinhos.

No que diz respeito ao grupo etário, uma grande parte dos inquiridos são jovens, com idades até aos 25 anos (43,3%). Entre os 26 anos e os 35 anos a taxa é de 24%. 16,5 % Dos inquiridos têm idades compreendidas entre os 37 e os 45 anos. Entre os 45 anos e os 65, a percentagem é de 12%.

Resultados

Foram realizadas algumas questões, de modo a compreender se os inquiridos têm conhecimento do que é uma Rota, se sim, quais as que conhecem e se faz sentido a criação de uma Rota de Artistas de Amarante.

À pergunta **“Sabe o que é uma Rota?”** 95% dos inquiridos responderam “Sim” e os restantes 5% “Não”. Constata-se com as respostas dadas, que a maioria dos indivíduos tem noção do que esta engloba, o que se comprova que as rotas são produtos cada vez mais presentes no nosso quotidiano e que são

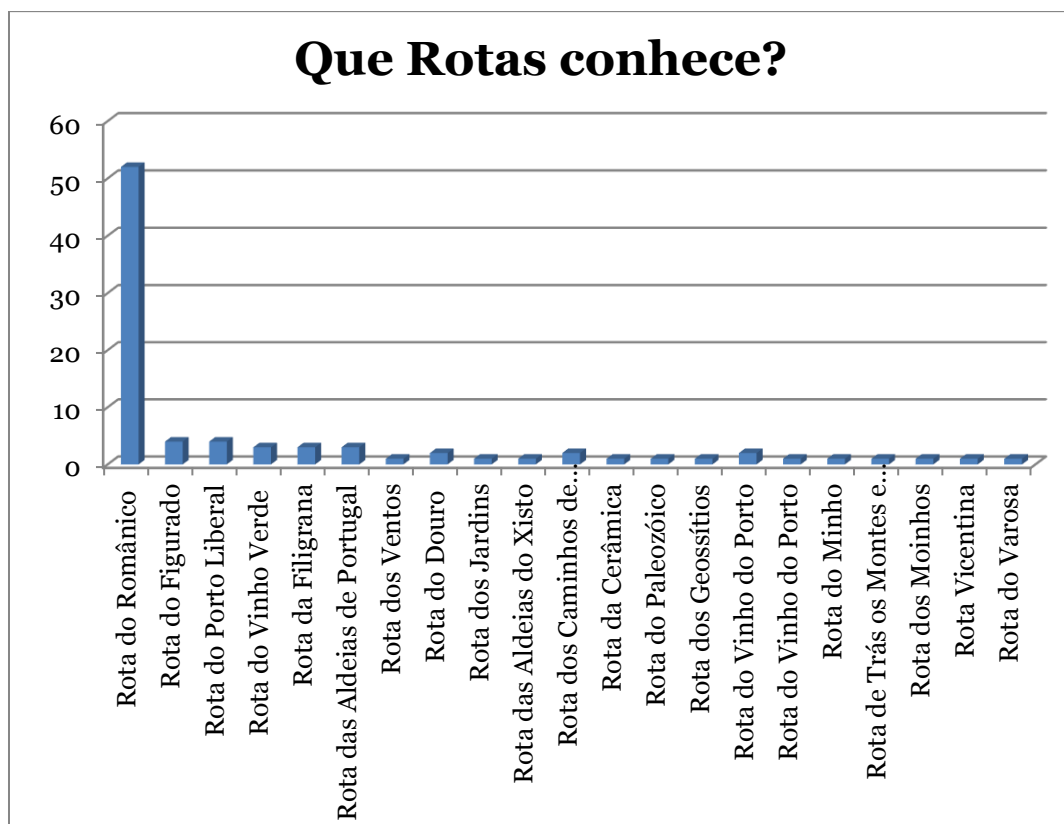
⁴⁴ Ver Apêndice A

experienciadas. Outro facto prende-se por o público que respondeu à questão ser maioritariamente de zonas que a Rota do Românico abrange, tendo assim um conhecimento mais elaborado de como estas são compostas e o que podem oferecer.

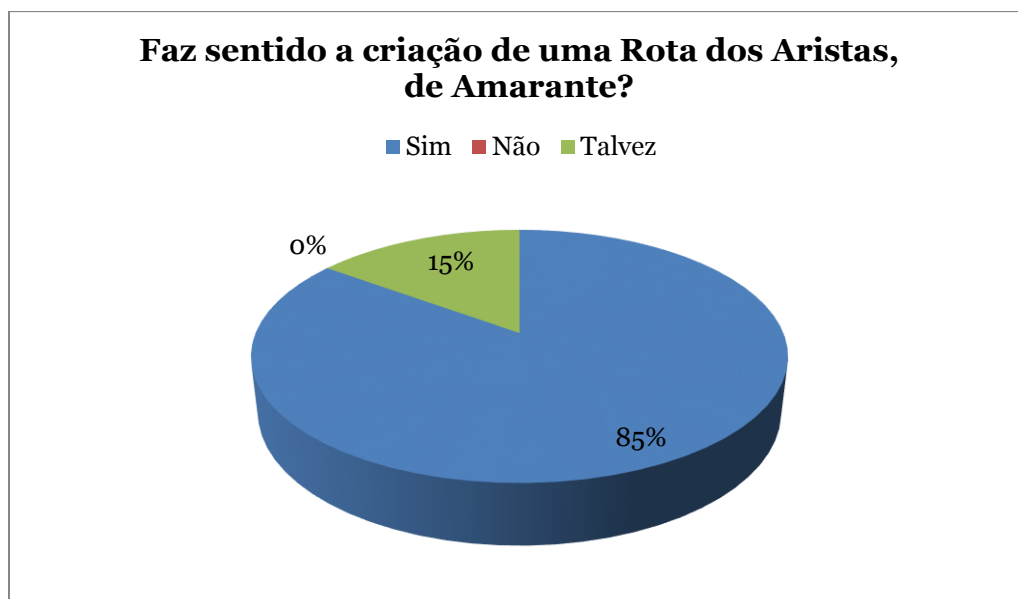


A segunda questão questionava os inquiridos **“Que Rotas conhece?”**

A maior parte dos indivíduos respondeu a Rota do Românico, seguindo-se com outras a serem escolhidas mais que uma vez como a Rota do Figurado de Barcelos, a Rota do Porto Liberal, Rota do Vinho Verde, a Rota da Filigrana e a Rota das Aldeias de Portugal, como se pode verificar no gráfico abaixo. Um dos motivos para estas escolhas pode ser, como já foi mencionado acima, por serem Rotas, que ficam no local de residência dos inquiridos. Seguiram-se outros exemplos como: Rota dos Ventos, Rota do Douro, Rota dos Jardins, Rota da Cerâmica, Rota do Paleozoico, Rota dos Geossítios, Rota do Vinho do Porto, Rota das Aldeias do Xisto, Rota dos Caminhos de Santiago, Rota do Minho, Rota de Trás-os-Montes e Alto Douro, Rota dos Moinhos, Rota Vicentina e Rota do Varosa. Os indivíduos inquiridos conhecem várias e diferentes Rotas, que podem já ter experimentado. As mencionadas têm temáticas e características diferentes e são de grande e pequeno percurso.

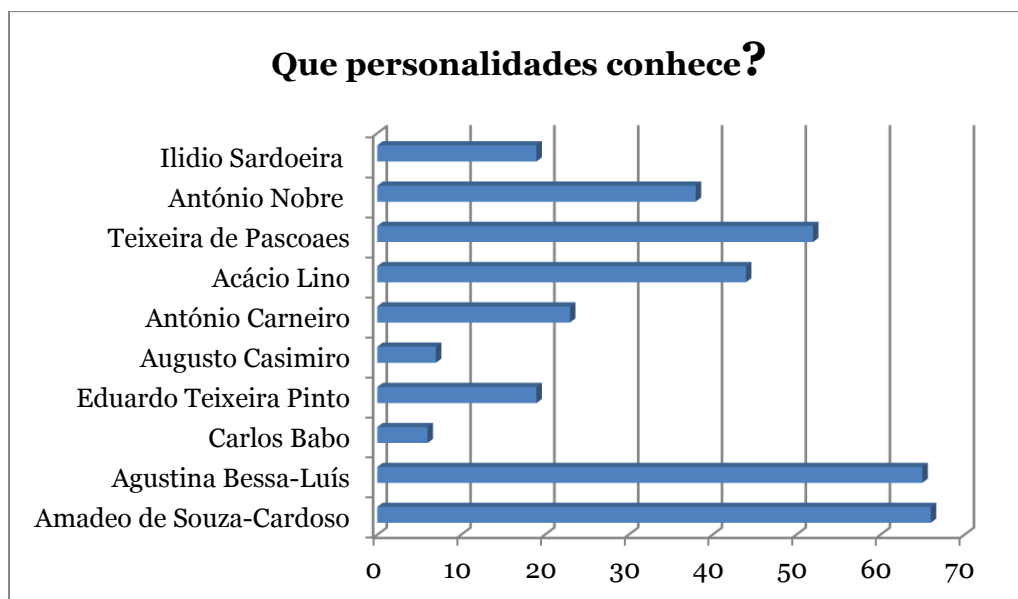


A terceira questão foi a seguinte: **“Faz sentido a criação de uma Rota dos Artistas, de Amarante?”** Nesta que era uma pergunta obrigatória, os inquiridos responderam na sua maioria, que sim, faz sentido, com 85 %. Os restantes 15% responderam talvez, não tendo sido o “não” selecionado. Conclui-se com estes dados, que na maioria, os indivíduos querem ver uma Rota que homenageie os artistas amarantinos. Os restantes que responderam “talvez”, provavelmente podem ter alguma dúvida se esta vingaria no território, ou por outros motivos, que não foram revelados.

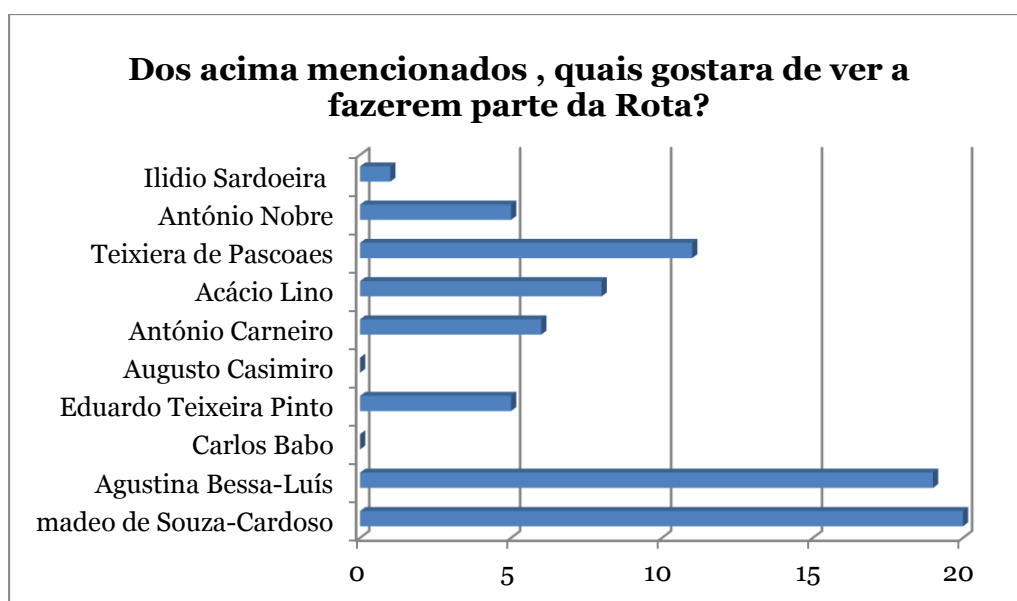


Para a questão “**Que personalidades conhece?**”, o inquirido poderia selecionar mais que um. Foram integrados quatro outras figuras ilustres amarantinas, nomeadamente: o fotógrafo Eduardo Teixeira Pinto, o poeta e escritor Ilídio Sardoeira, o escritor Carlos Babo e o poeta Augusto Casimiro. As personalidades mais conhecidas são sem dúvida Amadeo de Souza-Cardoso e Agustina Bessa-Luís. Seguindo a ordem, surge depois como os mais selecionados Teixeira de Pascoaes, Acácio Lino, António Nobre, Ilídio Sardoeira, Eduardo Teixeira Pinto, Augusto Casimiro e Carlos Babo.

As personalidades mais conhecidas prende-se pelo facto de terem um grande destaque não só a nível local, como nacional e internacionalmente, daí terem sido as mais selecionadas. Este pode ser o mote para atrair mais gente a conhecer não são os artistas mais selecionados como também os seus conterrâneos, que infelizmente não tiveram tanto destaque a nível nacional ou internacional.



À pergunta “**Dos acima mencionados, quais gostaria de ver fazerem parte da Rota?**” A resposta não fugiu muito à questão realizada anteriormente. Os inquiridos, apostaram nos artistas que integram esta Rota.



Foi ainda dada resposta às atividades que os inquiridos gostariam de ver integradas na Rota. Todas essas atividades podem ser um complemento à Rota dos Artistas, embora seja perceptível que aquilo que o inquirido mais gostaria de experienciar é a visita a lugares de inspiração dos artistas e a edifícios por onde passaram em vida, sendo estes lugares integram a Rota. ⁴⁵

Os contributos que os inquiridos gostariam de dar à Rota foram a última fase do questionário. No total foram dadas 24 respostas, de todo o tipo, denotando-se um interesse em ver a Rota aplicada. Apresentaram-se várias sugestões, das quais se destacaram a visita à rota depois de aplicada; subdividindo-se a Rota em escritores e pintores, tal como acontece no presente estudo; apresentando-a nas escolas, tal como se sugere o subsubcapítulo sobre a proposta de atividades; a aposta numa boa divulgação que é também um ponto que destacamos; a elaboração de um mapa, tal como já foi realizado ao longo deste estudo; foi mencionado a vontade de integrar a Rota a Casa da Granja, a Casa de Manhufe, a Casa de Pascoaes, a Casa Museu Acácio Lino e o Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, tal como acontece no presente estudo; Destaca-se ainda a vontade de algumas pessoas, quererem participar como guias especializadas, o que denota o interesse por esta temática, da vida e obra dos artistas. ⁴⁶

Foi ainda solicitado que fizessem parte personalidades como Ana Guedes da Costa, António Cândido, Eduardo Teixeira Pinto, Augusto Casimiro, Ilídio Sardoeira e Carlos Babo, que merecem igualmente que a sua memória seja salvaguardada. Para o terreno e quem sabe em futuros projetos académicos, esta rota poderá crescer e criar outros produtos a partir dela, homenageando outras personalidades.

⁴⁵ Ver Apêndice D

⁴⁶ Ver Apêndice E

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Património Cultural que é o testemunho do valor de uma civilização ou de cultura deve ser objeto de especial atenção, no que diz respeito à sua proteção e valorização. Este que assume um papel fundamental na identidade de um povo ou de uma comunidade. Em suma, é importante este reconhecimento daquilo que é a nossa identidade e deve continuar a ser preservada. A Rota dos Artistas, em que se centrou o presente estudo, pretende assim salvaguardar e transmitir o património material e imaterial aliado às personalidades que integram a Rota.

As mudanças que ocorreram na década de 1980 e 1990 do século XX, nomeadamente com a melhoria económica, levou a uma procura de atividades de lazer, levando ao crescente interesse cultural dos indivíduos, nomeadamente no Património Cultural, e ao conseqüente surgimento do Turismo Cultural. Com o decorrer do tempo, o Turismo Cultural, tem vindo a crescer gradualmente, como podemos verificar em Portugal, com a chegada constante de turistas, que procuram este segmento. Esta procura constante, por destinos que aliam o Turismo à Cultura, reforçou a origem de produtos turísticos, que é precisamente onde se centra o presente estudo, que originou a Rota dos Artistas.

Quando este estudo começou a ser criado, tinha por base criar um produto que potenciase a região de Amarante de alguma forma e os recursos que o concelho disponibiliza. Como é sabido, Amarante é rica na sua histórica e no seu Património Cultural e Natural. Os artistas que viu nascer e por aqui passarem são personalidades que constituíram um marco cultural, como é sabido, nacional e internacionalmente, uma vez que se projetaram para o mundo e o nome de Amarante levaram consigo. Sempre que se fala em Amarante em diversos contextos, estas figuras estão sempre associadas, quase

como uma marca da cidade, tal como acontece no Plano Estratégico e de Marketing para o Turismo de Amarante realizado em 2018 e na estratégia de desenvolvimento turístico que foi criada para o município já em 1996, como uma primeira abordagem. Estes artistas tornam-se guias de Amarante, porque escrevem sobre ela. É através das suas palavras ou das suas obras, que podemos conhecer os lugares por onde passaram e os inspiraram e conhecer de igual modo, os cantos desta região.

Uma vez que Amarante está a apostar no crescimento do turismo para o concelho, porque não apostar na criação de um produto turístico que irá potenciar ainda mais a região, que ainda não existe e valoriza tais figuras que levaram o nome da sua terra pelos lugares por onde passaram. Ler sobre os artistas e as suas obras, é conhecê-los. A particularidade dos escolhidos, terem convidado na sua maioria e estabelecerem relações de amizade, torna ainda mais esta rota fascinante, por estabelecer um elo de ligação. Para muitos, a sua terra natal foi o ponto de partida para darem um salto para o mundo, nomeadamente para a cidade do Porto, no qual todos estiverem em certos momentos das suas vidas. Valorizar as cidades do Porto e de Amarante, para criar um Rota, pareceu-nos ser um elo estratégico. A cidade do Porto, considerada em 2017, como o melhor destino Europeu, é uma das principais entradas de turistas, no nosso território. Esses turistas que buscam por novas experiências como produtos turísticos, têm a Rota dos Artistas como uma opção, que inicia na Leça da Palmeira, passa pelo Porto e leva-os até Amarante. Em Amarante, o turista poderá ficar mais tempo, utilizando os seus recursos.

A criação desta proposta partiu do pressuposto que este produto turístico, a Rota, é uma das práticas mais importantes para o Turismo Cultural, constituindo este, um alicerce para potenciar a região e a sua envolvente. Depois de alguma pesquisa, mergulhando na vida dos artistas, começaram a ser construídos os alicerces para a criação de uma Rota dos Artistas. A par de potenciar a região através de turismo, é um produto que pretende igualmente para a comunidade, que o pode experienciar e envolver-se nesta iniciativa, uma vez que várias pessoas podem dar contributos. A capacidade de

atratividade deste produto perpetuará a memória dos artistas, assim como proporcionará a oferta de vários serviços, nomeadamente: transportes, alojamento, restauração, produtos locais, artesanato, entre outros.

Para que a proposta para a criação de uma rota dos artistas, seja exequível, é fundamental, o envolvimento não só da população mas também de promotores que já foram mencionados como as Câmaras Municipais e outras entidades públicas ou privadas que se queiram aliar. É igualmente importante, tornar a rota num verdadeiro produto turístico, colocando-a no mercado, com uma estratégia delineada.

Promover o património material e imaterial de Amarante, criando um produto turístico, enriquecendo desta forma a oferta turística no município, abrangendo outros territórios, projetando este património, foi o grande objetivo deste trabalho. Este que está terminado nesta fase académica poderá crescer muito mais no terreno. Ainda há muito que poderá ser desenvolvido, nomeadamente, aplica-lo no território com o auxílio do Stay To Talk Instituto, que já mostrou total interesse e disponibilidade e de outros que se queiram associar a este projeto, porque serão bem-vindos.

Termino este projeto integrado no Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, com um sentimento de satisfação e orgulho, de ter encabeçado este estudo e contribuído para a proposta da criação deste produto, que valoriza a região e ao mesmo tempo potencia, aquilo que tem de melhor, o seu património. Este lugar que inspirou igualmente os artistas que mencionei inspirou-me a mim de igual forma para iniciar este projeto, que também é a minha casa.

Importa salientar contudo, que temos consciência que a quantidade de perspetivas na área da literatura e artes plásticas levantadas para análise, exigem um código linguístico e um tempo de trabalho altamente exigente e por isso não estão suficientemente trabalhadas e exploradas neste trabalho. Assim, este contributo não se esgota neste texto e pode e deve ser continuado para fazer justiça a este património e a estes artistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Andrei Patrícia da Silva- Acácio Lino: "O Camões das Artes Plásticas". Trabalho do Seminário em História Contemporânea. Porto : FLUP, 2008.
- ARAÚJO, S. (2017) Rotas Turísticas e Sistemas de Recomendação no Norte de Portugal: Uma análise do perfil do visitante. Porto: Dissertação de Mestrado em Gestão do Turismo, Instituto de Contabilidade e Gestão do Politécnico do Porto.
- BESSA-LUÍS, A. (2014). O Livro de Agustina: Agustina Bessa-Luís, uma autobiografia (2ª Edição). Lisboa: Autor e Guerra e Paz, Editores, S.A.
- BESSA-LUÍS, A. (1998). A Sibila (23.ª Edição). Lisboa: Guimarães Editores, Lda.
- BORGES, L. (2005) O Lugar de Pascoaes: Epifanias da Saudade Revelada. Edições Caixotim.
- CARVALHO, A. (2014) Reafirmar a Identidade Cultural Local: o Património Cultural Imaterial Local como Recurso. Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Lisboa: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.
- CASTRO, L. António Carneiro. Edições Inapa.
- COSTA, P. (2011) Kit de Recolha de Património Imaterial. Lisboa: Instituto de Museus e de Conservação.
- CERQUEIRA, R. (2018) A importância do lugar para a implantação e concepção dos edifícios. Porto: Dissertação de Mestrado, ULP.
- CARDOSO, A. (1979) MARÂNUS Antologia de textos sobre Amarante: a terra e as gentes. Vila Nova de Gaia: rocha/artes gráficas

- CORREIA, L. (2005). As Rotas dos Vinhos em Portugal – estudo de caso da Rota do Vinho da Bairrada, Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, Universidade de Aveiro. Aveiro.
- COSTA, I. (2006) António Nobre e a Memória como reconstrução poética. Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CUNHA, S. (2017) A Casa de Teixeira de Pascoaes. Guimarães: OPERA OMNIA.
- DAMÁSIO, L. (2018). AMADEO, VIDA E ARTE (1887-1918) Volume I. Amarante: Impress 24
- DAMÁSIO, L. (2018). AMADEO, VIDA E ARTE (1887-1918) Volume II. Amarante: Impress 24
- Decreto n.º 4/2005: Aprova a Convenção Europeia da Paisagem, feita em Florença em 20 de outubro de 2000. (2005)
- DIAS, L. (2015). Pela Casa dos Brasileiros, um roteiro com história. Braga: Dissertação de Mestrado em Património e Turismo Cultural, Universidade do Minho.
- FERREIRA, A. (2003). Fotobiografia Teixeira de Pascoaes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- FRANCISCO, M. (2016). Agustina Bessa Luís e a Experimentação do mundo. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.
- GIROLA, M. (2008). O ESPAÇO DA MEMÓRIA E DO FEMININO EM A SIBILA, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Letras – Programa de Pós Graduação em Letras.
- ICOMOS (2008) Carta dos Itinerários Culturais. Elaborada pelo Comitê Científico Internacional dos Itinerários Culturais, ratificada pela 16ª Assembleia Geral do ICOMOS, Québec, Canadá.
- IGNARRA, L. (2003). Fundamentos de turismo (2ªed.). São Paulo: Cia Editorial
- IGLESIAS, F. - A PRESENÇA DO PATRIMÓNIO IMATERIAL EM AMADEO DE SOUZA CARDOSO. O REGISTO CRIATIVO COMO MEIO DE SALVAGUARDA.
- LAGE, B.; MILONE, P. (2000). Turismo: Teoria e Prática. São Paulo, Atlas.

- MACEDO, T. Poética do espaço em Agustina-Bessa Luís. Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa.
- MAIA, V. & BAPTISTA, M. - O Turismo e as Rotas Culturais – Propostas de Rotas Museológicas na Região de Aveiro.
- MARCELINO, C. (2016). O Impacto do Turismo Cultural nos Destinos: A Imagem de Belém como Destino Cultural Turístico. Estoril: Dissertação de Mestrado em Turismo, da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- MARQUES, L. (2012). Entrevista Café Portugal – Prazeres de Viagem e de Passeio: Património Imaterial. Há um evidente divórcio entre a política oficial e a realidade cultural tradicional.
- MARUJO, N. (2015). O Estudo Académico do Turismo Cultural. TURyDES-Revista Turismo y Desarrollo local. Vol.8, Nº18.
- MARTINS, L. (2012) - António Nobre e o Simbolismo em Portugal. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais. Região Autónoma da Madeira: Universidade da Madeira.
- MONEIRO, A. & TEIXEIRA, F. – Amarante Passado e Presente. Amarante: Impressão 24
- NEVES, E. (1996) – ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DE AMARANTE. (Primeira Abordagem)
- OLIVEIRA, S. (2017). Um Porto de encontro entre Turismo e Literatura. Porto: Dissertação de Mestrado em Turismo, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- PAIVA, O. & SEABRA, C. & ABRANTES, J. & REIS, M. & PEREIRA, A. – Rotas Culturais no Centro de Portugal: Duas Propostas.
- PINTO, J. (2011). Bonfim – Território de Memórias e Destinos.
- PINTO, A. (2013) - Produtos Turísticos - Instrumentos de Desenvolvimento Local. Caso de Estudo – Sardoal. Leiria: Dissertação de mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultura, da Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Tomar.
- QUEIRÓS, António. - Viajar com...António Nobre. Porto: Direção Regional de Cultura e do Norte e Edições Caixotim.

- RAMIREZ, J. (2011). Los caminos del património - Rutas turísticas e itinerarios culturales, Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. Vol. 9,n.º 2, pp. 225- 236.
- ROMÂNICO, R. (2014) – GASTRONOMIA: Património imaterial do Tâmega e Sousa. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves – Artes Gráficas
- ROMÂNIO, R. – Guia.
- ROMÂNICO, R. (2014) – SERRA: Património imaterial do Tâmega e Sousa. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves – Artes Gráficas (Daniela de Freitas Ferreira, Filipe Costa Vaz, João Nuno Machado).
- ROSA, M. (2002-2003). Os Dias de Pascoaes. Exposição Evocativa de Teixeira de Pascoaes no Cinquentenário da sua morte.
- SÁ, M. (1992). A Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- SAMUEL, P.- Viajar com...Teixeira de Pascoaes. Porto: Delegação Regional da Cultura do Norte e Edições Caixotim.
- SMITH, S. (1994). The Tourism Product. Annals of Tourism Research. v. 21, Estados Unidos, Elsevier Science, Ltd
- SOUSA, L. (2018) – Arquitetura do Século XX em Coimbra: Um percurso. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Arte e Património, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PASCOAES, T. (1980). António Carneiro. Câmara Municipal de Amarante
- KOLER, A. & DURAND, J. (2007). Turismo Cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. Turismo - Visão e Ação - vol. 9 - n.2 p. 185-198
- VÁRIOS, A. - Uma Ponte entre a História e a Natureza: Amarante. Paços de Ferreira: Anégia Editores
- VÁRIOS. – Homenagem a Teixeira de Pascoaes, pelos escritores da Tertúlia “Rio de Prata” e convidados. Lisboa: E-Santos-Artes Gráficas, Lda.
- VÁRIOS. – Amadeo de Souza-Cardoso-Fotobiografia. (2007) Lisboa: Assírio & Alvim.
- VASCONCELOS, M. (1993). Na Sombra de Pascoaes. Lisboa: Vega.
- VAZ, A. (2015). A identidade e o património imaterial saloio: contributos para a criação de uma oferta turística sustentável. O caso do concelho de Mafra. IPL – Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar, Leiria, Portugal.

OUTRAS REFERÊNCIAS

AMARANTE, Câmara Municipal (2008). História de Amarante (2ª Edição).
Amarante: Gráfica do Norte.

AMARANTE, Câmara Municipal & AMARANTE, Invest (2018). Plano Estratégico e de
Marketing Para o Turismo de Amarante 2018-2022.

WEBGRAFIA

A Ligação de António Nobre a Leça da Palmeira. Obtido de Porto Canal:
http://portocanal.sapo.pt/um_video/udesCUaQYJzMHMyGIZK [Consultado em 7/06/19]

Acácio Lino. Obtido de U. Porto:
https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20ac%c3%a1cio%20lino [Consultado em 30/06/19]

Acácio Lino. Obtido de Câmara Municipal de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/pt/acacio-lino> [Consultado em 5/03/19]

Agustina Bessa Luís. Obtido de RTP Arquivos:
<https://arquivos.rtp.pt/colecoes/agustina-bessa-luis/> [Consultado em 7/08/19]

Agustina Bessa Luís. Obtido de Vila Meã: <https://vila-meia.webnode.pt/products/agustina-bessa-luis/> [Consultado em 7/08/19]

Agustina Bessa-Luís: Nasci Adulta e Morrerei Criança. Obtido de
<https://www.youtube.com/watch?v=BrvDXCBtPlo&t=1234s> [Consultado em 30/06/19]

Amadeo de Souza-Cardoso – À Velocidade da Inquietação. Obtido de
<https://www.youtube.com/watch?v=t6oCn2tcamw&t=472s> [Consultado em 7/11/19]

António Carneiro. Obtido de U. Porto:
https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20est

[udantes%20ilustres%20-%20ant%c3%b3nio%20carneiro](#) [Consultado em 6/09/19]

Barro Negro. Obtido de Museu Rural do Marão:
<https://museururaldomarao.wordpress.com/casa-do-oleiro/barro-negro/>
[Consultado em 3/08/19]

Biografia de Agustina Bessa-Luís. Obtido de Círculo Literário Agustina Bessa Luís:
<https://www.clabl.pt/pt/agustina/biografia/> [Consultado em 6/11/19]

Biografia de António Nobre. Obtido de Câmara Municipal de Matosinhos:
https://www.cm-matosinhos.pt/pages/1495?poi_id=8 [Consultado em 28/08/19]

Biografia de António Nobre. Obtido de Camões Instituto da Cooperação e da Língua Portuguesa:
<http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/antonio-nobre.html#.XbmuviX7TIV> [Consultado em 28/08/19]

Capela da Boa Nova. Obtido de Matosinhos - Leça da Palmeira Junta de Freguesia:
http://www.jf-matosinhoslecapalmeira.pt/pages/346?poi_id=204
[Consultado em 6/11/19]

Capela de Sant'Ana. Obtido de Matosinhos - Leça da Palmeira Junta de Freguesia:
http://www.jf-matosinhoslecapalmeira.pt/pages/346?poi_id=205
[Consultado em 6/11/19]

Casa da Granja. Obtido de Porto e Norte:
<http://www.portoenorte.pt/pt/oquefazer/detalhe.php?id=4130> [Consultado em 18/11/19]

Casa da Levada. Obtido de Casa da Levada:
<http://www.casalevada.com/pt/index.html> [Consultado em 5/08/19]

Casa Museu Acácio Lino. Obtido de Baixo Tâmega:
http://www.baixotamega.pt/pages/285/?geo_article_id=2332 [Consultado em 10/08/19]

- Casa Museu Acácio Lino. Obtido de Rota do Românico: <https://www.rotadoromanico.com/pt/experiencias/o-que-ver-e-fazer/casa-museu-acacio-lino/> [Consultado em 10/08/19]
- Casa Oficina António Carneiro. Obtido de Câmara Municipal do Porto: <http://www.cm-porto.pt/cultura/museus-e-arquivos/casa-oficina-antonio-carneiro> [Consultado em 30/08/19]
- Colégio Barão de Nova Sintra. Obtido de Misericórdia do Porto: <https://www.scmp.pt/pt-pt/acao-social/colégio-barão-de-nova-sintra-lar-de-infancia-e-juventude> [Consultado em 30/08/19]
- “Eu só queria escrever, entrar no coração das pessoas e beber-lhes o sangue”:
Agustina Bessa-Luís 1922-2019. Obtido de Expresso: <https://expresso.pt/cultura/2019-06-03-Eu-so-queria-escrever-entrar-no-coracao-das-pessoas-e-beber-lhes-o-sangue-Agustina-Bessa-Luis-1922-2019> [Consultado em 30/07/19]
- ICOMOS. (1976). Carta de Turismo Cultural. Obtido de <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/3721> [Consultado em 21/07/19]
- Igreja de São João Baptista de Gatão. Obtido de Município de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/pt/igreja-de-s-joao-baptista-de-gatao>. [Consultado em 5/08/19]
- Igreja de São João Baptista de Gatão. Obtido de Rota do Românico: <https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/igreja-de-sao-joao-baptista-de-gatao/> [Consultado em 5/08/19]
- Igreja de São Martinho de Cedofeita. Obtido de DGPC: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70398> [Consultado em 5/02/19]
- Igreja do Salvador de Real. Obtido de Município de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/pt/igreja-do-salvador-de-real>. [Consultado em 30/09/19]

- Igreja do Salvador de Real. Obtido de Rota do Românico: <https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/igreja-do-salvador-de-real/> [Consultado em 30/09/19]
- Igreja dos Congregados. Obtido de Monumentos: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5467 [Consultado em 3/08/19]
- Invasões Francesas. Obtido de Município de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/pt/invasoes-francesas>. [Consultado em 6/11/19]
- Lei nº107 (2001). Estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural. Diário da República, nº 209/2001, Série I-A de 2001-09-08. Disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/629790/details/maximized> [Consultado em 1/07/19]
- Lei nº13/85 (1985). Estabelece do Património Cultural Português. Diário da República n.º 153/1985, Série I de 1985-07-06. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/182874/details/maximized> [Consultado em 1/07/19]
- Ler mais, Ler melhor: Vida e obra de Agustina Bessa Luís. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=HbMBPKD2mIg> [Consultado em 20/03/19]
- Ler mais, Ler melhor: Vida e obra de António Nobre. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=abc1aupGOiA> [Consultado em 2/03/19]
- Museu da Quinta de Santiago. Obtido de Câmara Municipal de Matosinhos: <https://www.cm-matosinhos.pt/pages/454> [Consultado em 31/10/19]
- Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso. Obtido de Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso: <https://www.amadeosouza-cardoso.pt/pt/historia/historia-do-museu> [Consultado em 18/11/19]
- Museu Nacional Soares dos Reis. Obtido de Museu Nacional Soares dos Reis: <http://www.museusoaresdosreis.gov.pt/> [Consultado em 11/09/19]

Monumentos. Obtido de Município de Amarante <https://www.cm-amarante.pt/pt/monumentos> [Consultado em 30/09/19]

Mosteiro de São Martinho de Mancelos. Obtido de Município de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/pt/mosteiro-de-s-martinho-de-mancelos> [Consultado em 30/09/19]

Mosteiro de São Martinho de Mancelos. Obtido de Rota do Românico: <https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/mosteiro-de-sao-martinho-de-mancelos/> [Consultado em 25/10/19]

Mosteiro do Salvador de Travanca. Obtido de Município de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/pt/mosteiro-do-salvador-de-travanca> [Consultado em 25/10/19]

Mosteiro do Salvador de Travanca. Obtido de Rota do Românico: <https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/mosteiro-do-salvador-de-travanca/> [Consultado em 30/09/19]

Municípios - Densidade Populacional. Obtido de PORDATA: <https://www.pordata.pt/Municipios/Densidade+populacional-452> [Consultado em 8/11/19]

O Diabo e a Diaba. Obtido de Câmara Municipal de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/pt/o-diabo-e-a-diaba> [Consultado em 5/11/19]

Obras de António Nobre (1867-1900). Obtido de Contemporânea em Língua Portuguesa: <http://www.nicoladavid.com/literatura/antnio-nobre> [Consultado em 13/09/19]

Património Cultural. Obtido de Direção Regional de Cultura do Porto: <http://www.culturanorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/> [Consultado em 25/11/19]

Personalidades Históricas. Obtido de Câmara Municipal de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/pt/personalidades> [Consultado em 11/09/19]

- Poemas e Poesias de António Nobre. Obtido de Portal da Literatura: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?poeta=304> [Consultado em 20/07/19]
- Quinta Pedagógica do Seixo. Obtido de Quinta Pedagógica do Seixo: http://www.quintadoseixo.com/opitem.asp?idioma=item_lingua1&op=6&cat=6 [Consultado em 20/07/19]
- Romaria de São Brás. Obtido de Baixo Tâmega: http://www.baixotamega.pt/frontoffice/pages/317?geo_article_id=363 [Consultado em 18/07/19]
- Rota do Românico. Obtido de Rota do Românico: <https://www.rotadoromanico.com/> [Consultado em 20/07/19]
- Rua Acácio Lino. Obtido de Vila Meã: <https://vila-mea.webnode.pt/products/rua-acacio-lino/> [Consultado em 30/07/19]
- Rua António Nobre. Obtido de Vila Meã: <https://vila-mea.webnode.pt/products/rua-antonio-nobre/> [Consultado em 30/07/19]
- Teatro Nacional São João. Obtido de Teatro Nacional São João: <https://www.tnsj.pt/pt/edificios/teatro-nacional-sao-joao> [Consultado em 20/07/19]
- UNESCO. (1972). Convenção para a proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. Obtido de <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> [Consultado em 30/07/19]
- UNESCO. (2003). Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Obtido de <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> [Consultado em 30/09/19]
- UNESCO. (1989). Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Folclore da UNESCO. Obtido de http://cvc.institutocamoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf [Consultado em 30/09/19]

UNESCO. (2018). ROUTES AS PART OF OUR CULTURAL HERITAGE. Obtido de <http://whc.unesco.org/archive/routes94.html> [Consultado em 20/10/29]

Viola Amarantina. Obtido de Amarante City of Music: Viola Amarantina: <https://cityofmusicamarante.com/musicas-music/musica-de-raiz-popular/instrumentos-tradicionais-locais/viola-amarantina/> [Consultado em 6/08/19]

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Questionário: Rota dos Artistas

Apêndice B – Festividades (freguesias)

Apêndice C - Oferta dos recursos disponíveis em Amarante

Apêndice D – Atividades que os inquiridos gostariam de fazer (Respostas ao questionário)

Apêndice E – Contributos que os inquiridos gostariam de dar para a Rota (Respostas ao questionário)

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário: Rota dos Artistas

Trata-se de um projeto cuja investigação teórica resulta da concretização de um mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, a ser realizado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e da prática curricular na área da animação turística com Stay to Talk Instituto de Imersão Cultural, conseguindo-se assim uma relação dialética entre teoria e prática no âmbito do turismo cultural.

Amarante é uma cidade que respira arte, história, natureza e cultura. Tudo isso transparece-se na obra de vários artistas que aqui nasceram ou passaram largas temporadas nesta região. Este lugar renasce e afirma-se por meio destas personalidades.

A Rota dos Artistas pretende valorizar e preservar a memória e a obra destas figuras célebres, tonando-se um instrumento de registo de património imaterial, de desenvolvimento e de promoção local.

Localidade de Residência (pergunta obrigatória)

Idade (pergunta obrigatória)

1. Sabe o que é uma Rota?

Sim

Não

2. Que Rotas conhece?

3. Faz sentido a criação de uma Rota dos Artistas de Amarante?

Sim

Não

Talvez

4. Que figuras célebres conhece?

Amadeo de Souza-Cardoso

Acácio Lino

Teixeira de Pascoaes

António Carneiro

Agustina Bessa-Luís

Ilídio Sardoeira

António Nobre

Eduardo Teixeira Pinto

Augusto Casimiro

Carlos Babo

5. Dos acima mencionados, quais gostaria de ver a fazerem parte da Rota?

6. Que aspetos gostaria de ver a fazerem a serem incluídos na Rota?

Visita a lugares de inspiração dos artistas

- Visita a edifícios por onde os artistas passaram em vida
- Visita a museus
- Experimentar a gastronomia local
- Participação em eventos culturais
- Conhecer o artesanato local
- Outros

7. Que contributos gostaria de dar para a elaboração da Rota?

Apêndice B – Festividades

Festividade	Freguesia	Data
Bênção dos Campos	Salvador do Monte	Último domingo de maio
Festa a S. Julião	Vila Caiz	Primeiro fim de semana de janeiro
Festa ao Divino Salvador	Vila Garcia	19 De março
Festa da Nossa Senhora do Castelo	Carvalho de Rei	Terceiro Domingo de junho
Festa de Nossa Senhora de Moreira	Ansiães	Em agosto (a data varia)
Festa de São João	Gatão	24 De junho
Festa de Santo Amaro	Gondar	Domingo antes do Carnaval
Festa do Menino Jesus	Real (Vila Meã)	Primeiro domingo de janeiro
Festa em honra ao padroeiro São Pedro	Canadelo	29 De junho
Festa em honra de Nossa Senhora da Conceição	Mancelos	8,9 e 10 de dezembro
Festa em honra da Nossa Senhora da Graça	Vila Caiz	Primeiro Fim de Semana de Agosto
Festa em honra da Nossa Senhora das Neves	Rebordelo	Primeiro domingo de agosto
Festa em honra de Nossa Senhora de Fátima	Telões	Ultimo domingo de agosto
Festa em Honra da Nossa Senhora do	Gouveia (S. Simão)	Último domingo de julho

Campo		
Festa em honra da Nossa Senhora do Leite (S. Gens)	Freixo de Cima	7,8 e 9 de setembro
Festa em honra da Nossa Senhora do Rosário	Telões	Primeiro domingo de agosto
Festa em honra da Nossa Senhora do Vau	Gatão	15 de agosto
Festa em honra da Nossa Senhora dos Passos	Mancelos	Domingo antes da Páscoa
Festa em honra da padroeira Senhora da Aboadela	Aboadela	15 de agosto
Festa em honra de Santa Bárbara	Vila Chá do Marão	Terceiro domingo de agosto
Festa em honra de nossa senhora de Assunção	Cepelos	15 de agosto
Festa em honra de São Bento	Aboadela	1 de novembro
Festa em honra de S. Brás	Real (Vila Meã)	2 e 3 de fevereiro
Festa em honra de S. Brás	Telões	Primeiro fim de semana de fevereiro
Festa em honra de S. Brás	Aboadela	3 de fevereiro
Festa em honra de S. Faustino	Fridão	Segunda quinzena de fevereiro
Festa em honra de S. Lourenço	Ansiães	10 de agosto
Festa em honra de S. Martinho	Carvalho de Rei	Agosto

Festa em honra de S. Martinho	Mancelos	Novembro
Festa em honra de S. Paio	Oliveira	9 de julho
Festa em honra de S. Paio	Olô	26 de junho
Festa em honra de S. Pedro	Aboim	29 de junho
Festa em honra de S. Pedro	Ataíde (Vila Meã)	28, 29 e 30 de junho
Festa em honra de S. Pedro	Lomba	29 de junho
Festa em honra de S. Sebastião	Aboadela	20 de janeiro
Festa em honra de S. Sebastião	Travanca	20 de janeiro
Festa em honra de S. Tiago	Figueiró	25 de julho
Festa em honra de Santo Amaro	Vila Garcia	10 de janeiro
Festa em honra de Santo André	Padronelo	30 de novembro e 1 de dezembro
Festa em honra de Santo António	Covelo do Monte (Aboadela)	13 de junho
Festa em honra de Santo Isidoro	Sanche	Primeiro fim de semana de agosto
Festa em honra do Divino Salvador	Freixo de Baixo	Primeiro fim de semana de agosto
Festa em honra do Padroeiro	Sanche	4 de abril
Festa em honra do Padroeiro Divino Salvador	Real (Vila Meã)	Último domingo de agosto
Festa em honra do	Louredo	24 de junho

Padroeiro S. João		
Festa em honra do Padroeiro São João de Várzea	Várzea	24 de julho
Festas do junho	Amarante	Primeiro fim de semana de junho
Festa em honra de Santa Maria	Gondar	Terceiro domingo de agosto

Apêndice C – Oferta dos recursos disponíveis em Amarante








Museus/Centros Interpretativos	Morada
✚ Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso	Alameda Teixeira de Pascoaes
✚ Centro Interpretativo do Vinho Verde	Rua do Dr. Falcão, Gatão
✚ Centro Interpretativo e Cultural do Marão	Rua de Ovelha e Honra do Marão, nº92, Lugar da Rua Aboadela
✚ Casa-Museu Acácio Lino	Rua do Pintor Acácio Lino, Travanca
✚ Museu de Arte Sacra	Rua Frei José, Amarante
✚ Museu Rural do Marão	Rua do Rio, 503, Gondar

Programação Cultural	Data e lugar
✚ Feira das Papas de Olo	No fim de semana antes do Carnaval, em Olo
✚ Feira dos Doces (Conventuais)	Segundo fim de semana de maio, nos claustros da Igreja de São Gonçalo
✚ UVVA-Universo do Vinho Verde de Amarante	Junho, nos claustros da Igreja de São Gonçalo
✚ Feira à moda Antiga	Fim de junho, no Arquinho (Centro da cidade)
✚ Festival de Guitarra	Junho e julho, no Largo de São Gonçalo
✚ Festa Amarantina	Julho, na rua da antiga cadeia (Centro da

	cidade)
✚ HáFest	Julho ou agosto (Vila Meã e centro da cidade)
✚ Feira do mel	Em julho ou agosto (Aboadela)
✚ Festival MIMO	Julho, no centro da cidade
✚ Feira Sabores da Terra	Agosto, em Candemil
✚ Feira da Castanha	Outubro, em Canadelo
✚ Festa do Caldo das Coibes	Novembro, em Rebordelo









Natureza e paisagem	Freguesia /Lugar
✚ Miradouro de Pena Suar	Aboadela
✚ Miradouro da Nossa Senhora dos Aflitos	Centro da Cidade
✚ Miradouro de Nossa Senhora da Graça	Vila Caiz
✚ Miradouro da Rua Cândido dos Reis	Centro da cidade
✚ Miradouro da Nossa Senhora do Marão	Serra do Marão
✚ Miradouro da Fraga da Ermida	Serra do Marão






Parques de Lazer e Praias Fluviais	Freguesia /Lugar
✚ Praia da Aboadela	Lugar da Rua, Aboadela








 Praia da Aurora	São Gonçalo
 Praia de Canadelo	Canadelo
 Praia de Larim	Gondar
 Praia Fluvial e Parque de Lazer do Odres	Vila Meã
 Lagoa e Parque de Lazer do Freixo	Freixo de Baixo
 Parque de Lazer da Lameira	Ansiães
 Parque Florestal de Amarante	Centro da cidade

Experiências	Descrição
 Visita à Rota do Românico	Visite os monumentos que integram a Rota do Românico.
 Passeio pela Linha do Douro	Embarque na Estação de São Bento, no Porto, até Vila Meã.
 Pedestrianismo	Passeios a pé pela Rota do Marancinho, Rota de São Bento ou na Ecopista do Tâmega.
 Golfe	Amarante dispõem de um Campo de Golfe, junto ao Rio Tâmega.
 Termas e Spa	Amarante dispõem desde janeiro de 2018, de uma estância termal.
 Rio Tâmega	Realizar passeios nas gaiivotas disponibilizadas junto a margem do rio.

Onde comer: Restauração	Morada
<p>✚ Pobre Tolo (O nome é o título de um poema de Teixeira de Pascoaes)</p>	Avenida General Silveira 169, 4600-017 Amarante
<p>✚ Restaurante da Pena (O restaurante fica na Quinta da Pena, que pertencia a familiares de Amadeo de Souza-Cardoso)</p>	Largo Nossa Sra. da Pena, Vila Caiz
<p>✚ Café Bar São Gonçalo (Este espaço homenageia Teixeira de Pascoaes com uma estátua, por ter sido um local de inspiração do poeta)</p>	Praça da República (Largo de São Gonçalo), 4600-758 Amarante
<p>✚ Tasquinha Da Ponte</p>	Rua 31 de Janeiro 193, 4600-043 Amarante
<p>✚ A Eira</p>	Rua da Vinha, Lote 19, 4600-759 Amarante
<p>✚ Largo do Paço</p>	Largo do Paço 6, 4600-017 Amarante
<p>✚ Zé da Calçada</p>	Rua 31 de Janeiro 83, 4600-758 Amarante.
<p>✚ O Cais</p>	Rua 5 de Outubro, 4605-378 Vila Meã
<p>✚ Quinta da Lama</p>	Vila Meã
<p>✚ Casa das Lapas</p>	R. das Lapas 182, Vila Meã
<p>✚ O Xandoca</p>	Rua 5 de Outubro 1, Ataíde

 Tasca do Adérito	R. 31 de Janeiro, 4600-043 Amarante
 Cervejaria Restaurante 1881	Rua Nova 31, 4600-000 Amarante
 A Taberna	N 22 Capelos, R. 31 de Janeiro, Amarante
 O Rodrigues	R. de Santa Rita 20, 4605-359 Real
 Adega Regional O Futuro	Travanca
 Tiana	Travanca
 Rua 31 - Wine And Tapas	Rua 31 de Janeiro 40, 4600-758 Amarante
 Surviaria	Largo Concelheiro António Cândido, 4600-029 Amarante

Onde dormir: Alojamento	Morada
 Casa da Calçada - Relais & Chateaux	Largo do Paço 6, 4600-017 Amarante
 Quinta da Cruz Hotel Rural & Spa	Largo da Cruz, Real, 4605-010 Amarante
 Hotel Amaranto	R. Acácio Lino 333, 4600-045 Amarante
 Hotel Navarras	R. de António Carneiro 84, 4600-049 Amarante
 Hostel and Suites des Arts (A temática deste hostel é a arte e alguns artistas de	R. Cândido dos Reis 53, 4600-055 Amarante

Amarante. Dispõem de duas suítes com os nomes de Teixeira de Pascoaes e Amadeo deSouza-Cardoso)	
 Aldeia do Tâmega	Rua do Tâmega, nº 2245 - Fregim, 4600-909 Amarante
 Casa de Pascoaes	Rua da Capelinha, Gatão
 Casa da Levada	Bustelo, Travanca do Monte
 Casa da Juventude de Amarante	Av. Gen. Silveira 193, 4600-017 Amarante
 Penedo da Rainha Parque Campismo Amarante	Rua Pedro Alvellos, São Gonçalo
 Pousada do Marão	Serra do Marão, 4600-520 Ansiães
 Casa do Ribeirinho	Avenida General. Silveira 121, 4600-758 Amarante

Apêndice D – Atividades que os inquiridos gostariam de fazer (Respostas ao questionário)

Atividades	Percentagem dos inquiridos (%)
Visitas a lugares de inspiração dos artistas	92,5% (62 indivíduos)
Visita a edifícios por onde os artistas passaram em vida	77,6 % (52 indivíduos)
Visita a museus	76,1 % (51 indivíduos)
Experimentar a gastronomia local	61,2% (41 indivíduos)
Participar em eventos culturais	62,7 % (42 indivíduos)
Conhecer o artesanato local	52,2 % (35 indivíduos)
Outros	9% (6 indivíduos)

Apêndice E – Contributos que os inquiridos gostariam de dar para a Rota (Respostas ao questionário)

“Com a minha visita depois da Rota ser aplicada.”
“Conseguir um equilíbrio e uma harmonia entre os locais a visitar, não fazer uma rota demasiado extensa.”
“Entregar a cada elemento que fizesse parte da rota uma folha em branco em que pudessem descrever em breves palavras ou através de desenho o que os inspirou nos lugares que serviram de inspiração a esses autores de renome. Uma espécie de reflexão pessoal.”
“Talvez dividir a rota em subcategorias, ex: escritores; pintores.”
“Aproveitar os artistas locais e actuais na divulgação dos "já desaparecidos.”
“Comunicação.”
“Espetáculos.”
“Acho que seria importante apresentar a rota de uma forma lúdica nas escolas do concelho. A maioria das nossas crianças só ouve falar do Amadeo de Sousa Cardoso.”
“Uma rota pode ser muito mais que um simples "passeio", por isso conseguir com a rota passar uma mensagem de inspiração, encorajamento (mostrar que apesar das dificuldades iniciais de tais figuras conseguiram vencer) e aproveitar para mostrar a beleza da nossa cidade.”
Boa divulgação faz muita diferença “Apostar também noutras formas de fazer a rota, como por exemplo de bicicleta.”
“Penso que dando sugestões e ideias bem como divulgar junto das pessoas através das redes sociais.”
“Deveria ser uma Rota que para além da experiência dos artistas potencia-se a construção criativa. Amarante disponibiliza-te a experiência de seres artista, pensar como um artistas, ver como um artista, pensar como um artista.”

“Elaboração do mapa.”
“Pesquisar a história.”
“Sou Conservador da Casa dos Patudos - Museu de Alpiarça, aqui há uma obra de Acácio Lino.”
“Acredito que a rota dos artistas deverá ser semelhante à rota que estes artistas tomaram na sua vida. Algo que faça sentir a pessoa comum nos pés das mentes extraordinárias!”
“Que possa integrar o voluntariado e a comunidade local para a realização da rota, visitas, estadias.”
“Participar.”
“Exposições.”
“Gostaria de ver incluído o António Cândido. Também gostaria de ver incluída a Casa da Granja (Amarante), a Casa da Manhufe, a Casa de Pascoaes, a Casa Museu Acácio Lino e Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso.”
“Experimento da Rita. Ser guia especializada.”
“Para além da vivência dos lugares, dos sabores e das tradições, seria interessante mergulhar nos textos e reflexões de cada um em torno de espaços ou da região, de modo a poder criar-se um imaginário do lugar ou do espaço, tema muito querido aos artistas. “
“Artesanato da região.”

NM